

Carla Susana Vieira Gonçalves

Invectiva na Tragédia de Séneca



Edições Colibri

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

(Página deixada propositadamente em branco)

INVECTIVA NA TRAGÉDIA
DE SÉNECA

Colecção: ESTUDOS

Livros publicados:

- 1 – SCHEIDL, Ludwig – *A Viena de 1900: Schnitzler, Hofmannsthal, Musil, Kafka*, Coimbra, 1985 (esgotado).
- 2 – RIBEIRO, António Sousa et alii – *A literatura, o sujeito e a história. Cinco estudos sobre literatura alemã contemporânea*, Coimbra, 1996 (esgotado).
- 3 – BURKERT, Walter – *Mito e mitologia*, Coimbra, 1986 (esgotado).
- 4 – GUIMARÃES, Carlos e FERREIRA, José Ribeiro – *Filóctetes em Sófocles e em Heiner Müller*, Coimbra, 1987 (esgotado).
- 5 – FERREIRA, José Ribeiro – *Aspectos da democracia grega*, Coimbra, 1988 (esgotado).
- 6 – ROQUE, João Lourenço – *A população da freguesia da Sé de Coimbra 1820-1849*, Coimbra, 1988.
- 7 – FERREIRA, José Ribeiro – *Da Atenas do séc. VII a.C. às reformas de Sólon*, Coimbra, 1988.
- 8 – SCHEIDL, Ludwig – *A poesia política alemã no período da revolução de Março de 1848*, Coimbra, 1989.
- 9 – ANACLETO, Regina – *O artista conimbricense Miguel Costa (1859-1914)*, Coimbra, 1989.
- 10 – CRAVIDÃO, Fernanda Delgado – *Residência secundária e espaço rural. Duas aldeias na serra da Lousã, Casal Novo e Talasnal*, Coimbra, 1989.
- 11 – SOUSA, Maria Armada Almeida e, VENTURA, Zélia de Sampaio – *Damião Peres. Biobibliografia analítica (1889-1976)*, Coimbra, 1989.
- 12 – JORDÃO, Francisco Vieira – *Mística e filosofia. O itinerário de Teresa de Ávila*, Coimbra, 1990.
- 13 – FERREIRA, José Ribeiro – *Participação e poder na democracia Grega*, Coimbra, 1990.
- 14 – SILVA, Maria de Fátima Sousa e OLIVEIRA, Francisco de – *O teatro de Aristófanes*, Coimbra, 1991.
- 15 – CATROGA, Fernando – *O republicanismo em Portugal. Da formação ao 5 de Outubro de 1910*, Coimbra, 1992.
- 16 – TORRAL, Luís Reis et alii – *Ideologia, Cultura e mentalidade no Estado Novo – Ensaio sobre a Universidade de Coimbra*, Coimbra, 1992.
- 17 – SEABRA, Jorge et alii – *O CADC de Coimbra, a democracia cristã e os inícios do Estado Novo (1905-1934)*, Coimbra, 1993.
- 18 – ANACLETO, Marta Teixeira – *Aspectos da recepção de 'Los siete libros de la Diana' em França*, Coimbra, 1994.
- 19 – MARNOTO, Rita – *A Arcadia de Sannazaro e o Bucolismo*, Coimbra, 1995.
- 20 – PONTES, J. M. da Cruz – *O Pintor António Carneiro no Património da Universidade de Coimbra*, Coimbra, 1997.
- 21 – SANTOS, João Marinho dos – *Estudos sobre os Descobrimentos e a Expansão Portuguesa*, Coimbra, 1998.
- 22 – LEÃO, Delfim Ferreira – *As ironias da fortuna – Sátira e moralidade no Satyricon de Petrónio*, Coimbra, 1998.
- 23 – SILVA, Maria de Fátima Sousa e (coord.) – *Representações de teatro clássico no Portugal contemporâneo*, Lisboa, 1998.
- 24 – MARQUES, Maria Alegria Fernandes – *Estudos sobre a ordem de Cister em Portugal*, Coimbra, 1998.
- 25 – SCHEIDL, Ludwig – *Mitos e figuras clássicas no teatro alemão – do século XVIII à actualidade*, Lisboa, 1998.
- 26 – BRANDÃO, José Luís Lopes – *Da Quod Amem. Amor e amargor na poesia de Marcial*, Lisboa, 1998.
- 27 – CARDOSO, João Nuno Paixão Corrêa – *Sociolinguística rural – a freguesia de Almalaguês*, Lisboa, 1998.
- 28 – SOARES, Carmen Isabel Leal – *O discurso do extracénico – Quadros de guerra em Eurípides*, Lisboa, 1999.
- 29 – MONTEIRO, João Gouveia – *Os castelos portugueses dos finais da Idade Média. Presença, perfil, conservação, vigilância e comando*, Lisboa, 1999.
- 30 – FERNANDES, João Luís Jesus – *O homem, o espaço e o tempo no maciço calcário estremenho – O olhar de um geógrafo*, Lisboa, 1999.
- 31 – SEABRA, Jorge, AMARO, António Rafael, NUNES, João Paulo Avelãs – *O C.A.D.C. de Coimbra, a democracia cristã e os inícios do Estado Novo (1905-1934)*, Lisboa, 2000.
- 32 – FERREIRA, Paulo Sérgio Margarido – *Os elementos paródicos no Satyricon de Petrónio e o seu significado*, Lisboa, 2000.
- 33 – URBANO, Carlota Miranda – *A Oração de Sapiência do P. Francisco Machado SJ (Coimbra – 1629)*. Estudo. Tradução. Comentário, Lisboa, 2001.
- 34 – DIAS, Paula Cristina Barata – *Regula Monastica Communis ou Exhortatio ad Monachos? (Séc. VII, Explicit)*. Problemática. Tradução. Comentário, Lisboa, 2001.
- 35 – SILVA, Maria de Fátima Sousa e (coord.) – *Representações de teatro clássico no Portugal contemporâneo*, Vol. II, Lisboa, 2001.
- 36 – MARNOTO, Rita – *A Vita Nova de Dante Alighieri. Deus, o Amor e a Palavra*, Lisboa, 2001.
- 37 – COELHO, Maria Helena da Cruz, SANTOS, Maria José Azevedo, GOMES, Saul António, MORUJÃO, Maria do Rosário – *Estudos de diplomática portuguesa*, Lisboa, 2001.
- 38 – ENCARNAÇÃO, José d' (coord.) – *As Oficinas da História*, Lisboa, 2002.
- 39 – CARVALHO, Mário Santiago de – *O Problema da Habitação – Estudos de (História da) Filosofia*, Lisboa, 2002.
- 40 – GONÇALVES, Carla Susana Vieira – *Invectiva na Tragédia de Séneca*, Lisboa, 2003.
- 41 – ENCARNAÇÃO, José d' (coord.) – *A História Tal Qual Se Faz*, Lisboa, 2003.

Carla Susana Vieira Gonçalves

INVECTIVA NA TRAGÉDIA
DE SÉNECA

Edições Colibri

*

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Biblioteca Nacional – Catalogação na Publicação

Gonçalves, Carla Susana Vieira, 1976-

Invectiva na tragédia de Séneca. – (Estudos da F.L.U.C. ; 40)
ISBN 972-772-376-4

CDU 821.124-21 Séneca.09

Título: *Invectiva na Tragédia de Séneca*

Edição: Edições Colibri / Faculdade de Letras
da Universidade de Coimbra

Capa: Ricardo Moita

Ilustração da capa: Taça lacónia de c. 550 a. C.

Execução gráfica: Colibri – Artes Gráficas

Depósito legal n.º 190 618/03

Tiragem: 1 000 exemplares

Edições Colibri, Lisboa, Abril de 2003

ÍNDICE

Preâmbulo	11
Nota Prévia	13
I. O Conceito de <i>Vituperatio</i>	17
II. Inectiva na Tragédia de Séneca	41
1. <i>Animus</i> ‘carácter’: quatro vícios cardeais	42
1.1. <i>Iniustitia</i> ‘injustiça’	42
1.1.1. Impiedade	43
a) <i>impius</i> ‘ímpio’	44
b) <i>infandus</i> ‘sacrílego’ e <i>nefandus</i> ‘nefando’	48
c) <i>scelestus</i> ‘criminoso’ e <i>sceleratus</i> ‘celerado’	50
d) <i>nocens</i> e <i>noxius</i> ‘culpado’	51
e) <i>reus</i> ‘réu’	53
1.1.2. Mancha	53
a) <i>maculatus</i> ‘maculado’	53
b) <i>sparsus</i> , <i>aspersus</i> e <i>respersus</i> ‘manchado’	54
c) <i>pollutus</i> ‘poluído’	55
d) <i>sordidus</i> ‘sórdido’	55
1.1.3. Confusão de estatutos	56
a) <i>implicitus</i> ‘complicado’ e <i>perplexus</i> ‘complexo’	56
b) <i>confusus</i> ‘confuso’	57
c) <i>ambiguus</i> ‘ambíguo’	57
1.1.4. Monstruosidade	57
a) <i>monstrum</i> ‘monstro, monstruosidade’	58

1.1.5. Ingratidão	59
a) <i>ingratus</i> ‘ingrato’	59
1.1.6. Engano	60
a) <i>subdolosus</i> ‘enganador’	60
b) <i>perfidus</i> ‘pérfido’ e <i>infidus</i> ‘desleal’	61
c) <i>fallax</i> ‘falacioso’	62
1.1.7. Perniciosidade	63
a) <i>nocens</i> ‘nocivo’ e <i>noxius</i> ‘pernicioso’	64
b) <i>infaustus</i> ‘infausto’	64
c) <i>funestus</i> ‘funesto’	66
d) <i>dirus</i> ‘sinistro’	67
e) <i>letalis</i> ‘letal’ e <i>letifer</i> ‘letífero’	68
f) <i>pestifer</i> ‘pestífero’ e <i>pestis</i> ‘peste’	69
g) <i>lues</i> ‘flagelo’	70
h) <i>exitium</i> ‘ruína’	70
1.1.8. Omissão	71
a) <i>lentus</i> ‘indolente’	71
b) <i>segnis</i> ‘passivo’	71
1.2. <i>Intemperantia</i> ‘intemperança’	72
1.2.1. Ira	73
a) <i>iratus</i> ‘irado’	73
b) <i>furens</i> ‘enfurecido’, <i>furiosus</i> ‘furioso’ e <i>furialis</i> ‘ditado pela fúria’	74
1.2.2. Crueldade	76
a) <i>cruentus</i> ‘cruento’, <i>crudus</i> ‘cru’ e <i>crudelis</i> ‘cruel’	77
b) <i>ferus</i> ‘fero’, <i>efferus</i> ‘selvagem’ e <i>ferox</i> ‘feroz’	79
c) <i>saeuus</i> ‘implacável’	82
d) <i>trux</i> e <i>truculentus</i> ‘truculento’	82
e) <i>durus</i> ‘duro’	83
f) <i>parricida</i> ‘parricida’	84
g) <i>mactator</i> ‘matador’	85
1.2.3. Reações contrárias	85
a) <i>horridus</i> ‘hórrido’ e <i>horribilis</i> ‘horrível’	85

b) <i>inuisus</i> ‘odioso’	86
c) <i>exsecrabilis</i> ‘execrável’ e <i>exsecrandus</i> ‘execrando’	88
1.2.4. Hostilidade	88
a) <i>inimicus</i> ‘inimigo’	89
b) <i>hostis</i> ‘inimigo’	89
c) <i>infestus</i> ‘hostil’	91
1.2.5. Inquietação	92
a) <i>inquietus</i> ‘inquieto’	92
1.2.6. Descontrolo	93
a) <i>impotens</i> ‘descontrolado’	93
b) <i>uecors</i> ‘desvairado’	95
1.2.7. Inflexibilidade	96
a) <i>indomitus</i> ‘indomável’	96
b) <i>indocilis</i> ‘inflexível’	96
c) <i>intractabilis</i> ‘intratável’	97
1.2.8. Insensatez	97
a) <i>amens</i> e <i>demens</i> ‘insensato’	97
1.2.9. Furor amoroso	99
a) <i>furens</i> ‘louco’	100
b) <i>amens</i> e <i>demens</i> ‘enlouquecido’	101
1.2.10. Adultério	101
a) <i>adulter</i> ‘adúltero’	101
1.2.11. Estupro	102
a) <i>euersor</i> ‘destruidor’	102
b) <i>raptor</i> ‘violador’	102
c) <i>stuprator</i> ‘estuprador’	103
1.2.12. Incesto	103
a) <i>incestus</i> e <i>incestificus</i> ‘incestuoso’	103
1.2.13. Vergonha	104
a) <i>impudicus</i> ‘impudico’ e <i>pudendus</i> ‘vergonhoso’	104
b) <i>turpis</i> ‘torpe’	105
c) <i>incestus</i> ‘não casto’	106

1.2.14.	Soberba	107
	a) <i>superbus</i> ‘soberbo’ e <i>superbificus</i> ‘sobranceiro’	108
	b) <i>tumidus</i> ‘túmido’ e <i>tumefactus</i> ‘intumescido’	110
1.2.15.	Cobiça	111
	a) <i>cupidus</i> ‘cobiçoso’ e <i>cupiens</i> ‘desejoso’	111
	b) <i>avidus</i> ‘ávido’	111
1.3.	<i>Ignauia</i> ‘cobardia’	112
1.3.1.	Medo	113
	a) <i>timidus</i> ‘receoso’	113
	b) <i>pavidus</i> ‘aterrorizado’	113
1.3.2.	Tibieza	114
	a) <i>ignauus</i> ‘cobarde’	114
	b) <i>iners</i> ‘incapaz’	114
	c) <i>eneruis</i> ‘fraco’	115
	d) <i>desertor</i> ‘desertor’	116
	e) <i>semiuir</i> ‘semíviro’	116
	f) <i>fortis</i> ‘corajoso’	117
1.3.3.	Audácia	117
	a) <i>audax</i> ‘audacioso’	118
1.4.	<i>Temeritas</i> ‘irreflexão’	119
1.4.1.	Astúcia	120
	a) <i>artifex</i> ‘artífice’	121
	b) <i>machinator</i> ‘maquinador’ e <i>machinatrix</i> ‘maquinadora’	122
	c) <i>callidus</i> ‘astuto’	122
	d) <i>doctus</i> ‘hábil’	122
1.4.2.	Estultícia	123
	a) <i>stultus</i> ‘estulto’	123
2.	<i>Corpus</i> ‘corpo’	123
2.1.	<i>Vires</i> ‘força’	124
	a) <i>uiolentus</i> ‘violento’	124

2.2. <i>Forma</i> ‘beleza’	124
a) <i>saeuus</i> ‘implacável’	125
b) <i>nocens</i> ‘culpado’	125
3. <i>Extrariae Res</i> ‘aspectos exteriores’	126
3.1. <i>Genus</i> ‘genealogia’	126
a) <i>nobilis</i> ‘nobre’	126
b) <i>inclitus</i> ‘íncrito’	126
c) <i>foedus</i> ‘ignominioso’	127
d) <i>gnatus</i> ‘filho’ e <i>gnata</i> ‘filha’	127
e) <i>nepos</i> ‘neto’	128
3.2. <i>Patria</i> ‘pátria’	129
3.2.1. Exílio	129
a) <i>exul</i> ‘exilado’	129
3.3. <i>Potentia</i> ‘poder’	130
3.3.1. Tirania	130
a) <i>tyrannus</i> ‘tirano’	131
3.3.2. Opressão	131
a) <i>grauis</i> ‘opressivo’	131
3.3.3. Conquista	132
a) <i>uictor</i> ‘vencedor’	132
III. Estratégias de Amplificação e outros Recursos Estilísticos	135
1. Estratégias de Amplificação	135
1.1. Singularidade	135
a) <i>nouus</i> ‘inérito’	135
b) <i>primus</i> ‘primeiro’	137
c) <i>inausus</i> ‘não ousado’	137
d) <i>ignotus</i> ‘ignorado’	137
e) <i>exemplum</i> ‘exemplo’	138
1.2. Reincidência	138
a) <i>non nouus</i> ‘não inédito’	138
b) <i>dignus</i> ‘digno’	139
c) nomes próprios	140

1.3. Superação	141
a) <i>maior</i> ‘maior’	141
b) <i>peior</i> ‘pior’	142
c) <i>uincens</i> ‘que vence’	142
2. Outros Recursos Estilísticos	143
2.1. Antítese	144
2.2. Ironia	145
2.3. Comparação	148
2.3.1. Comparação	148
2.3.2. Símile	150
2.3.3. Metáfora	151
Conclusão	153
Bibliografia	157
Índice de Autores Antigos e Modernos	163

PREÂMBULO

Reproduzindo genericamente uma dissertação de mestrado, *Invectiva na Tragédia de Sêneca* aborda um tema significativo para o conhecimento da dramaturgia senequiana, usualmente tida como eivada de retórica.

A escolha do tema da *vituperatio* revela-se produtiva, até por corresponder a uma característica de Sêneca, a preferência pelo *exemplum* negativo. A autora demonstra, com boa informação, que esta opção não impede, antes se filia numa tradição retórica que, dentro do discurso epidíctico, torna a *vituperatio* um instrumento de construção de mensagens positivas.

No I Capítulo é tratada, com bom domínio das literaturas grega e latina e com manuseio de estudos modernos, a definição de *vituperatio* enquanto modalidade do discurso epidíctico.

No II Capítulo é analisado todo o *corpus* da tragédia senequiana na busca de lemas de invectiva, que são tratados de acordo com uma tripartição conceptual – *animus* ou carácter, *corpus* ou corpo, *extrariae res* ou aspectos exteriores. O primeiro é subdividido de acordo com as virtudes cardeais já tidas como ponto de referência tanto na teorização grega como na *Retórica a Herénio*, que inaugurou a literatura sobre retórica em Roma; do segundo, estão presentes os temas da força e da beleza; o terceiro comporta os lemas da genealogia, da pátria e do poder.

Segue-se um III capítulo, onde são analisadas algumas das estratégias de amplificação e outros recursos estilísticos coadjuvantes da invectiva, exactamente os mais consentâneos com os hábitos da retórica antiga.

A análise, muito minuciosa, revela estudo sistemático e crítico de um vasto *corpus*, sempre apresentado com sugestivas e elegantes traduções dos textos originais, gregos ou latinos, domínio das fontes, argúcia de análise, economia e clareza de exposição, capacidade de ilação.

A dissertação é completada com um útil Índice de Autores Antigos e Modernos, que apoia o Índice Geral, cuja natureza e complexidade dispensam um índice de assuntos.

Está assim criado um útil instrumento de trabalho, tanto para o estudo da produção senequiana, e não exclusivamente da sua tragédia, como para a abordagem de outros autores e de outros géneros literários, desde a epistolografia à historiografia e à sátira.

Francisco de Oliveira
Universidade de Coimbra

NOTA PRÉVIA

A primeira incursão na tragédia de Séneca, proporcionada, a nível do Mestrado, pela cadeira de Literatura Latina Clássica, revelou uma inovadora e atraente perspectiva sobre os mitos gregos. Um dos trabalhos então realizados teve como objectivos detectar e sistematizar lemas de invectiva, com base no estudo lexical. Posteriormente, o apreço pelo autor e a verificação da proficuidade deste tema levaram à adopção de ambos para a dissertação.

Em primeiro lugar, impôs-se uma fundamentação teórica que permitisse definir a invectiva, no primeiro capítulo. Para tanto, fixou-se como base de investigação a *uituperatio*. Recolheram-se os ensinamentos de autores gregos e latinos canónicos, como Aristóteles, Cícero e Quintiliano, de modo a perceberem o género epidíctico numa lata extensão cronológica, desde o período clássico grego, passando pela República romana, até ao Principado. Foram ainda considerados autores modernos que fornecem, por um lado, uma visão crítica das teorias antigas e, por outro, o entendimento actual do género epidíctico e, em especial, da invectiva retórica. Para ilustrar os preceitos dos tratados antigos, procuraram-se textos gregos e latinos que cultivassem a invectiva e o elogio o mais autonomamente possível, sem intersecção com géneros literários como a sátira, a comédia ou a lírica.

Da reflexão teórica passa-se, no segundo capítulo, para a aplicação prática, ou seja, para a detecção e a sistematização da invectiva na tragédia de Séneca. A tipologia produzida radica-se num esquema geral de tópicos de invectiva colhidos nos autores antigos inicialmente estudados. As divisões internas implicam a fundamentação de designações, a definição de conceitos, a análise linguística e o exercício de tradução, que pouca margem deixam para excursos sobre as sequências dramáticas, para além do estritamente necessário ao bom entendimento de cada uma delas.

O terceiro capítulo separa o estudo do conteúdo do estudo da forma da invectiva. Mais uma vez se retoma a primeira parte da tese

para verificar se Séneca utiliza expedientes discursivos preconizados pelos teorizadores da invectiva. A secção termina com uma síntese ilustrativa da dimensão estética das sequências textuais em que a invectiva está presente.

Para a elaboração deste trabalho não se partiu do pressuposto de que a intencionalidade da tragédia senequiana é expor qualquer doutrina filosófica. Não é seu objectivo discutir a cronologia interna nem a autenticidade das peças: aceita-se que todas as tragédias citadas são de Séneca e que a restante, a *Octavia*, é espúria. Não se considerou relevante para os objectivos fixados a determinação da finalidade de representação cénica ou de leitura para a produção dramática de Séneca.

Cabe agradecer a todos os mestres e colegas do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra o apoio manifestado ao longo da realização da dissertação, através de sugestões bibliográficas, do empréstimo de livros, de esclarecimentos vários ou da simples expressão de interesse.

Uma palavra de apreço deve ainda ser dirigida à Prof. Doutora Cristina Pimentel, pela leitura da obra, pelo valioso comentário que apresentou no decorrer das provas de Mestrado e pela posterior disponibilização do texto.

Ao Prof. Doutor Francisco de Oliveira agradece-se o acompanhamento interessado, a disponibilidade e o fundamental controlo científico do trabalho que agora se apresenta.

ABREVIATURAS

As abreviaturas das obras dos autores antigos são as do *Oxford Latin Dictionary* para as obras latinas e as de *A Greek-English Lexicon* para as obras gregas. Os títulos das obras que não constam nestes dicionários são referidos como se segue:

Isócrates

Βούσιρις	<i>Bus.</i>
Ἑλένη	<i>Hel.</i>
Εὐαγόρας	<i>Ev.</i>
Παναθηναϊκός	<i>Pan.</i>

Séneca

<i>De Ira</i>	<i>De Ira</i>
---------------	---------------

(Página deixada propositadamente em branco)

I

O CONCEITO DE VITUPERATIO

Vituperatio ‘invectiva’ designa, na tradição retórica latina, um dos dois subgéneros do *genus demonstratiuum* ‘género demonstrativo’, equivalente romano do ἐπιδεικτικὸν γένος ‘género epidíctico’ aristotélico. De facto, Aristóteles terá sido o primeiro a tratá-lo de forma sistematizada e aprofundada¹, ao incluí-lo na sua classificação dos géneros retóricos, onde figura ao lado do συμβουλευτικὸν γένος ‘género deliberativo’ e do δικανικὸν γένος ‘género judicial’, com características próprias, que o distinguem dos restantes (*Rh.* 1358b7-8).

O Estagirita começa por caracterizar o destinatário dos discursos pertencentes a cada um dos três géneros (1358a36-1358b6). Para tanto, parte do pressuposto de que o ἀκροατής ‘ouvinte’ corresponde ou a um θεωρός ‘espectador’, ou a um κριτής ‘juiz’ e de que este se pronuncia acerca do passado ou do futuro, concluindo: ἔστιν δ’ ὁ μὲν περὶ τῶν μελλόντων κρίνων ἐκκλησιαστής, ὁ δὲ περὶ τῶν γεγενημένων [οἶον] ὁ δικαστής, ὁ δὲ περὶ τῆς δυνάμεως ὁ θεωρός (“o que se pronuncia sobre o futuro é o membro da assembleia; o que se pronuncia sobre o passado é, por exemplo, o juiz; o que se pronuncia sobre o talento é o espectador”).

A natureza do discurso produzido no âmbito dos τρία γένη é definida em termos de προτροπή ‘persuasão’ e ἀποτροπή ‘dissuasão’, no que concerne ao género deliberativo, de κατηγορία ‘acusação’ e ἀπολογία ‘defesa’, no que concerne ao género judicial, e de ἔπαινος ‘elogio’ e ψόγος ‘invectiva’, no que se refere ao género epidíctico (1358b8-13).

Além disso, χρόνοι δὲ ἐκάστου τούτων εἰσὶ (“há tempos próprios de cada um deles”), imediatamente especificados: τῷ μὲν συμβουλευούντι ὁ μέλλον, τῷ δὲ δικαζομένῳ ὁ γενόμενος, τῷ δ’ ἐπιδεικτικῷ

¹ *Vd. Cic. Inv.* 1.7; *de Orat.* 2.43; Cruz, 1989, 9; Pernot, 1993, 25-26, 31.

κυριώτατος μὲν ὁ παρών (“para o que aconselha, o futuro; para os que defendem, o passado; para o epidíctico, o presente é o principal”; 1358b13-18). De um modo geral, louva-se e censura-se com base em acontecimentos coevos; contudo, recorre-se frequentemente à recuperação do passado e à antevisão do futuro para fundamentar o discurso (1358b18-20).

Segue-se um novo critério de diferenciação (1358b20-29): τέλος δὲ ἑκάστοις τούτων ἕτερόν ἐστι (“cada um deles tem um fim diferente”), ou seja, τῷ μὲν συμβουλεύοντι τὸ συμφέρον καὶ βλαβερόν (“para o que aconselha, o útil e o prejudicial”), τοῖς δὲ δικαζομένους τὸ δίκαιον καὶ τὸ ἄδικον (“para os que defendem, o justo e o injusto”) e, finalmente, τοῖς δ’ ἐπαινοῦσιν καὶ ψέγουσιν τὸ καλὸν καὶ τὸ αἰσχρόν (“para os que louvam e invectivam, o belo e o feio”).

Antes de encerrar o terceiro capítulo do livro I, Aristóteles afirma a intenção de tratar, nos capítulos seguintes, as προτάσεις ‘premissas’ peculiares a cada género (1359a27-29). Deste modo, regressa-se ao género epidíctico no capítulo 9 da obra. Aqui, o autor dispõe-se a falar περὶ ἀρετῆς καὶ κακίας καὶ καλοῦ καὶ αἰσχροῦ (“sobre a virtude e o vício e o belo e o feio”; 1366a23-24). Porém, acaba por se cingir ao tratamento efectivo da ἀρετή e do καλόν, ou seja, dos parâmetros referentes ao ἔπαινος, reduzindo a sua consideração do ψόγος a esta asserção final: ἔχομένων γὰρ τούτων τὰ ἐναντία τούτοις φανερά· ὁ γὰρ ψόγος ἐκ τῶν ἐναντίων ἐστίν (“uma vez na posse destas premissas, os seus contrários são evidentes: de facto, a invectiva faz-se a partir dos seus contrários”; 1368a36-37). Assim, para cada afirmação relativa ao ἔπαινος fica subentendida uma afirmação relativa ao ψόγος, que deve ser inferida por oposição à primeira.

No livro II, afirma-se que ἐκ γὰρ τῶν ὑπαρχόντων ἢ δοκούντων ὑπάρχειν καλῶν ἐπαινοῦσι πάντες (“todos louvam a partir de actos belos que aconteceram, ou que parecem ter acontecido”; 1396a14-15) e que ὁμοίως δὲ καὶ ψέγουσιν ἐκ τῶν ἐναντίων (“igualmente, também invectivam a partir dos seus contrários”; 16).

O belo é o que é preferível em si e, por isso, louvável, ou o que é bom e, consequentemente, agradável. A virtude é obrigatoriamente bela, porque é boa e, portanto, louvável. Consiste em procurar e conservar os bens, assim como em prestar os mais diversificados serviços (1366a33-1366b1). Daqui, é possível deduzir uma concepção do vício coincidente com o mau e o condenável. Manifesta-se na busca e na manutenção do mal e no prejuízo comum.

Os μέρη ἀρετῆς ‘partes da virtude’, que devem ser objecto de louvor, são a δικαιοσύνη ‘justiça’, a ἀνδρεία ‘coragem’, a σωφροσύνη

‘temperança’, a μεγαλοπρέπεια ‘magnificência’, a μεγαλοψυχία ‘magnanimidade’, a ἐλευθεριότης ‘generosidade’, a πραότης ‘afabilidade’, a φρόνησις ‘prudência’ e a σοφία ‘sabedoria’ (1366b1-3). São objecto de censura os seus contrários, que o próprio autor aponta com termos como ἀδικία, δειλία, ἀκολασία², μικροπρέπεια, μικροψυχία e ἀνελευθερία ‘injustiça, cobardia, licença, mediocridade, pusilanimidade, avareza’ (1366b9-20)³. Preconiza-se ainda que, das várias partes da virtude, ἀνάγκη δὲ μεγίστας εἶναι ἀρετὰς τὰς τοῖς ἄλλοις χρησιμωτάτας, εἴπερ ἔστιν ἡ ἀρετὴ δύναμις εὐεργετική (“as mais importantes têm de ser as virtudes mais úteis aos outros, se é verdade que a virtude é uma faculdade benfazeja”; 1366b3-4).

A ideia de que os actos mais louváveis são exercidos em prol dos outros e da pátria, em detrimento dos realizados em interesse próprio⁴, é insistentemente reiterada ao longo da enumeração dos actos louváveis e da sua análise sob a perspectiva do tópico do mais e do menos (1366b36-1367a6; 1367a19).

Tudo o que opera como causa e consequência da virtude é belo. Trata-se dos σημεῖα ‘sinais’ e dos ἔργα ‘obras’ (1366b27-28) da virtude. Assim, são belos os actos de que provém o reconhecimento público (τιμή), mais do que a recompensa material (34-35); os actos que prevalecem depois da morte, mais do que os que recolhem o mérito em vida do seu autor, porque são mais interesseiros (1367a1-2). Pelo contrário, as manifestações e os actos resultantes do vício são feios e provocam vergonha: τὰ γὰρ αἰσχρὰ αἰσχύνονται καὶ λέγοντες καὶ ποιοῦντες καὶ μέλλοντες (“os que o dizem, os que o fazem e os que o intentam envergonham-se do feio”; 1367a7-8).

Seguem-se considerações comuns aos dois sub-géneros. Em primeiro lugar, aconselham-se as associações semânticas e os paralogis-

² Ou ἀκρασία ‘intemperança’: edição de Dufour, 1991, 109.

³ A enumeração está incompleta devido a uma lacuna no texto. Faltam os contrários da afabilidade, da prudência e da sabedoria. O primeiro é a ὀργιλότης ‘irascibilidade’ (VV.1249b30-1251a1, 1250a15-20, 1251a1-5); o segundo é a ἀφροσύνη ‘imprudência’ (VV.1249b30, 1250a15-20, 1250b40-45); o terceiro pode ocorrer sob a forma de ἀμαθία ‘ignorância’, ou de ἄνοια ‘estultícia’ (vd. edição de Dufour, 109, n.2). A abreviatura VV corresponde ao equivalente latino *De Virtutibus et Vitiis* da obra grega *Περὶ ἀρετῶν καὶ κακιῶν*. Trata-se de um pequeno tratado tradicionalmente atribuído a Aristóteles. No entanto, a crítica moderna data-o do século I a.C. e considera a probabilidade de pertencer a Andronico de Rodes, que, no tempo de Cícero, era mestre da escola peripatética ateniense. Neste sentido, vd. a introdução à obra de Rackham, 1952, 484-486.

⁴ Vd. Isoc. *Pan.* 82. Algumas das indicações de autores gregos que cultivam o elogio e a invectiva foram colhidas no estudo de Pernot.

mos, que permitem qualificar τοὺς ἐν ταῖς ὑπερβολαῖς ὡς ἐν ταῖς ἀρεταῖς ὄντας (“os que caem em excesso como tendo virtudes”; 1367b1-2). É evidente que Aristóteles exemplifica, mais uma vez, reportando-se ao ἔπαινος. Contudo, a afirmação inicial de que o preceito convém tanto ao elogio como à invectiva (1367a33-35) implica a possibilidade de realizar o exercício inverso, de modo a fazer avultar, por exemplo, o calmo como insensível, o destemido como temerário, ou o generoso como pródigo.

Chama-se ainda a atenção para a necessidade de ter em conta a natureza do público receptor de cada discurso epidíctico na selecção dos tópicos a abordar, que devem ser consentâneos com o que, em cada contexto de elocução, é considerado τίμιον ‘meritório’ (1367b7-12)⁵.

Igualmente vantajoso é considerar os antecedentes familiares do visado, os comportamentos próprios anteriores, as atitudes imprevistas, como a moderação na prosperidade e a magnanimidade na adversidade (1367b12-17).

Mais preceitua o Estagirita que, como o elogio se faz ἐκ τῶν πράξεων (“a partir das acções”) e ἴδιον δὲ τοῦ σπουδαίου τὸ κατὰ προαίρεσιν (“é próprio do virtuoso o que está de acordo com as suas intenções”; 1367b22-23), se deve evidenciar a responsabilidade do visado na realização dos actos considerados⁶, pela demonstração da concretização de sucessivos actos da mesma natureza⁷ e pela interpretação de acasos e coincidências como resultado de actos intencionais.

Estabelece-se uma aproximação entre o género epidíctico e o género deliberativo, os quais resultam, segundo o autor, de um tratamento distinto da mesma matéria (1367b37-1368a9)⁸.

A αὐξησις ‘amplificação’ é considerada τῶν κοινῶν εἰδῶν ἅπασιν τοῖς λόγοις ἐπιτηδειοτάτη τοῖς ἐπιδεικτικοῖς (“das formas comuns a todos os discursos, a mais apropriada aos epidícticos”; 1368a26-27), pois estes tratam πράξεις ὁμολογουμένας (“acções reconhecidas”; 28), que só resta μέγεθος περιθεῖναι καὶ κάλλος (“rodear de grandeza e de beleza”; 28-29). Assim, aconselha-se que se salientem a singularidade da acção em causa⁹, a sua precedência ou a sua superioridade em

⁵ *Vd. Isoc.Hel.23-37*: o autor dedica uma grande parte do elogio de Helena aos feitos de Teseu, o herói nacional dos Atenienses.

⁶ *Vd. Idem, Ev.35-36*: Evágoras é louvado por ter conquistado e não herdado o trono.

⁷ *Vd. Idem, Pan.130; Hel.25-37*: revisão do percurso heróico de Teseu.

⁸ Quintiliano partilha esta ideia: *Inst.3.7.28*.

⁹ *Vd. Isoc.Ev.66; Pan.76, 78*: elogio de Agamémnon voltado para a singularidade dos seus feitos e para a sua capacidade de liderança; 127-128: singularidade das acções de Teseu.

relação a outras da mesma natureza, as circunstâncias que a rodearam, a sua repetição, que acentua a responsabilidade do agente, em detrimento da τύχη ‘sorte’, bem como as manifestações de reconhecimento público instituídas a seu propósito, sejam estátuas ou mesmo panegíricos¹⁰. O cotejo será igualmente profícuo, sobretudo se tiver como referente personalidades famosas, de mérito reconhecido¹¹ (1368a10-26). As conclusões referentes ao ψόγος devem partir da expressão que o próprio autor intercala neste parágrafo: ὁμοίως δὲ καὶ ἐπὶ τῶν ἐναντίων (“o mesmo para os seus contrários”; 18-19). Com esta afirmação, indica-se que, na invectiva, se pode recorrer às mesmas estratégias para reforçar a negatividade do carácter e da acção dos visados¹².

Em suma, Aristóteles faz uma análise do género epidíctico centrada no conceito de virtude, nas suas diferentes manifestações e em expedientes discursivos de realce das qualidades, no elogio, e dos defeitos, por contraposição, na invectiva.

A *Rhetorica ad Alexandrum*¹³ parte da classificação trimembre de Aristóteles. As primeiras palavras do tratado preconizam a existência

¹⁰ *Vd. Isoc. Ev.73-77.*

¹¹ *Vd. Idem, Hel.23-25: comparação, com vantagem, de Teseu a Hércules; Ev.37-38: comparação com Ciro; 65-66: comparação com os heróis gregos homéricos; Bus.7-8: o autor critica um orador pela inadequação de uma comparação introduzida na defesa daquele rei do Egipto.*

¹² Para uma aplicação das várias estratégias apontadas *vd.* Luciano, *Pseudol.2*: passado e presente moralmente reprováveis; 9: ἀπαιδευσία; 18-19: passado comprometedor; 20: testemunhos de conduta moral imprópria; 25: personificação da língua do visado, que denuncia as suas actividades ilícitas; 30: acusação de roubo. O autor explora ainda a notoriedade invertida do verberado, conhecido não pelas suas boas acções, mas pelas mazelas do seu carácter e do seu comportamento: 3, 17, 18, 22. *Vd.* igualmente *Ind.3-4*: deficiências formativas; 4-8 e 29: sucessão de comparações – com vendedores de livros, com alguém que deseja imitar um conhecido tocador de flauta mas não sabe manusear esse instrumento, com um archeiro medíocre que quer usar o arco de Hércules, com um asiático amputado dos dois pés que comprava sempre as sandálias mais caras do mercado...; 23: maus costumes; 24: dívidas; *Alex.2, 4*: comparação, com vantagem, com outras figuras de mau carácter.

¹³ Foi, inicialmente, atribuída a Aristóteles. O nome da obra e a atribuição da autoria ao Estagirita devem-se ao prefácio, que se apresenta sob a forma de carta dirigida por aquele a Alexandre. Rackham, o tradutor da edição da Loeb, considera o prefácio espúrio e contesta a autoria do tratado, cuja produção situa na geração posterior a Aristóteles (1983, 258-262). Já foi atribuído a Anaxímenes, com base em *Quint.Inst.3.4.9*. Rackham refuta esta tese, que, no entanto, é subscrita por autores como Clarke (1996, 4). Este situa a produção da obra no século IV a.C. Kennedy considera-a posterior à *Rhetorica* de Aristóteles, mas do mesmo século (1972, 111, 114). Para Caplan, é pré-aristotélica (1970, 8). Segue-se, aqui, o pressuposto de que é posterior à *Rhetorica* de Aristóteles e de que o seu autor é incerto.

de τρία γένη τῶν πολιτικῶν λόγων (“três géneros de discursos públicos”), designadamente τὸ δημηγορικόν ‘o parlamentar’, τὸ ἐπιδεικτικόν ‘o epidíctico’ e τὸ δικανικόν ‘o judicial’, que, por sua vez, se subdividem em εἴδη ἑπτὰ ‘sete tipos’, dois dos quais se referem ao segundo género apontado, ou seja, ο ἔγκωμιαστικόν ‘encomiástico’ e ο ψεκτικόν ‘invectivo’ (1421b5-15).

O contexto específico de actualização do género epidíctico encontra-se ἐν ταῖς ἰδίαις ὁμίλαις (“nos discursos privados”; 1421b10-15). Assim, este género distingue-se, também, pela natureza privada do seu contexto de ocorrência, por oposição à natureza pública dos contextos específicos dos restantes, isto é, as assembleias e os tribunais¹⁴.

Ο ἰουνορ ἐ προαιρέσεων καὶ πράξεων καὶ λόγων ἐνδόξων αὔξησις καὶ μὴ προσόντων συνουκείωσις (“a amplificação de intenções, acções e discursos nobres e a aproximação dos inexistentes”; 1425b35-40), enquanto a invectiva é τὸ ἐναντίον τούτῳ, τῶν μὲν ἐνδόξων ταπεινωσις, τῶν δὲ ἀδόξων αὔξησις (“o contrário disto, a minimização dos nobres, a amplificação dos ignóbeis”).

É necessário estabelecer uma relação inequívoca entre o elogiado e características e acções louváveis, entre o invectivado e características e acções condenáveis. Para tal, deve-se mostrar que as acções em causa foram directamente realizadas pelo visado, que os seus vícios foram um instrumento ou uma condição indispensável para o seu comportamento (1426a1-20)¹⁵.

Segue-se uma lista de estratégias de amplificação, que evolui paralelamente para os dois tipos de discurso epidíctico: a demonstração do elevado número e da natureza benéfica ou danosa dos actos do visado; a introdução de uma afirmação alheia favorável ou desfavorável ao visado e a sobreposição do argumento próprio; a comparação com o menos significativo acto da mesma natureza à disposição, para fazer avultar a excepcionalidade do mérito ou da gravidade da acção em causa; a sua contraposição a actos comumente considerados bons e úteis, ou nocivos; a responsabilização do visado, através da afirmação da longa premeditação do acto, da reincidência no mesmo acto ou em actos da mesma natureza, do carácter inédito da acção (1426a20-1426b5).

¹⁴ *Vd.* Lausberg, 1993, 84: considera-se que o género epidíctico tem como caso paradigmático o discurso festivo em honra de uma pessoa, a cargo de um orador contratado para o efeito.

¹⁵ *Vd.* Luciano, *Alex.4*: acumulação de defeitos do carácter.

O paralogismo é considerado um expediente igualmente profícuo (1426b1-10). Deve-se, ainda, ter em conta se ao efeito de amplificação é mais favorável o tratamento da matéria através da consideração individual ou conjunta dos seus componentes de sentido (1426b5-15).

O processo de minimização recorre a estratégias opostas, como sejam a demonstração da ausência de responsabilidade do visado nas acções em causa, ou da sua presença na concretização de acções de menor número e importância possível (1426b10-20).

O autor conclui, em consonância com Aristóteles, que, embora a amplificação possa ser útil aos outros géneros retóricos, ἡ πλείστη δύναμις ἐστὶν ἐν τοῖς ἐγκωμίοις καὶ ἐν τοῖς ψόγοις (“a maior eficácia encontra-se nos encómios e nas invectivas”; 1426b15-25).

O capítulo XXXV trata o conteúdo e a estrutura do discurso epidíctico. Assim, a introdução avança os objectivos do discurso, rebate as opiniões contrárias¹⁶ e chama a atenção para a excepcionalidade das acções de que se vai falar (1440b5-15).

É conveniente distinguir τὰ ἔξω τῆς ἀρετῆς ἀγαθὰ καὶ τὰ ἐν αὐτῇ τῇ ἀρετῇ ὄντα (“os bens que estão fora da virtude e os que estão na própria virtude”; 1440b15-20). Os primeiros correspondem a εὐγένεια ‘bom nascimento’, ῥώμη ‘força’, κάλλος ‘beleza’ e πλοῦτος ‘riqueza’¹⁷; os segundos a σοφία ‘sabedoria’, δικαιοσύνη ‘justiça’, ἀνδρεία ‘coragem’ e ἐπιτηδεύματα ἔνδοξα¹⁸ ‘costumes nobres’.

O primeiro tópico a considerar é o da genealogia, uma vez que é o primeiro passo para a notoriedade ou para o desprezo (1440b20-30). Uma ascendência ilustre pode ser utilizada em abono do elogio individual¹⁹, do mesmo modo que a carência de uma árvore genealógica condigna pode operar contra quem se denigre²⁰ (1440b25-1441a15).

Vem a seguir a análise do temperamento e dos actos juvenis²¹, na medida em que podem indiciar o carácter e os feitos da idade adulta (1441a15-1441b1), a abordar na secção subsequente do discurso, na perspectiva das várias virtudes²² (1441a35-1441b15).

¹⁶ *Vd.*, a título exemplificativo, *Gorg.Hel.2*, *apud* Zuñiga, 1980, 10; Barbosa e Castro, 1993, 41.

¹⁷ *Vd. Gorg. ibidem*, 3-4, *apud* Zuñiga, 1980, 11; Barbosa e Castro, *ibidem*, 41-42; *Isoc.Hel.16*: genealogia e beleza.

¹⁸ Rackham considera esta expressão equivalente a σωφροσύνη: 1983, 405, n.a.

¹⁹ *Vd. Isoc.Ev.12-18*.

²⁰ *Vd. Luciano, Alex.11*.

²¹ *Vd. Idem, ibidem*, 5; *Isoc.Ev.22*.

²² *Vd. Isoc. ibidem*, 23-24.

No que respeita especificamente à invectiva, aconselha-se moderação e subtileza na censura, o tratamento detalhado do percurso do visado, a ironia e a alusão, em detrimento do ataque directo e escarninho, sob pena de não se ser convincente e de se incorrer na irritação do vituperado (1441b15-30).

Cada secção é encerrada por uma breve conclusão, uma máxima²³ ou um entimema, com vista à produção de uma síntese das ideias avançadas (1441a20, 35-1441b5).

A *Rhetorica ad Alexandrum* revela a capacidade de imposição da teoria aristotélica²⁴, em relação à qual se destaca pela marcada orientação prática do conteúdo, por uma detenção mais equitativa nos dois subgéneros epidícticos e pela apresentação de um modelo estrutural próprio, que organiza os tópicos no interior do texto.

Em território romano, a tripartição genológica do predecessor grego revelou-se igualmente profícua. A *Rhetorica ad Herennium*²⁵ subscreve-a em 1.2: *tria genera sunt causarum, quae recipere debet orator: demonstratiuum, deliberatiuum, iudiciale* (“há três géneros de causas, de que o orador se deve encarregar: demonstrativo, deliberativo, judicial”). O primeiro divide-se em *laus* ‘elogio’ e *uituperatio* ‘invectiva’.

No início da sistematização das características do género demonstrativo, é apresentado o pressuposto de que os elementos de *uituperatio* são os opostos aos estabelecidos para a *laus* (3.10). Esses elementos distribuem-se por *res externae* ‘aspectos exteriores’, *corpus* ‘corpo’ e *animus* ‘carácter’. É externo tudo o que resulta do acaso e da fortuna: a origem, a educação, a riqueza, o poder, a glória, a pátria, os

²³ Para verificar a intercalação de provérbios *vd.* Luciano, *Ind.*4, 5.

²⁴ Pernot, 1993, 31.

²⁵ Foi, inicialmente, atribuída a Cícero (Caplan, 1970, 2). Esta autoria é questionada, pela primeira vez, em finais do século XV (Murphy and Winterbottom, 1999). Na crítica moderna, Achard refuta a paternidade ciceroniana (edição das Belles Lettres, 1989, XIV-XVII). Também já foi atribuída a Cornifício, a partir das referências de Quintiliano à sua obra. Porém, esta hipótese é recusada por Achard (XVII-XX) e por Caplan (1970, 3-7). Este estudioso (7) e Kennedy (1972, 14) optam por assumir que se trata de um *auctor incertus*. Quanto à datação, as opiniões variam, sobretudo em relação ao *De Inuentione*: *vd.* Kennedy (106-113, 126); Clarke (14); Caplan (16-17); Achard (VI-XIII). Todos os autores são unânimes em considerar as duas obras contemporâneas, embora se verifique uma tendência para considerar o *De Inuentione* ligeiramente posterior. Assim, e porque as obras de Cícero analisadas neste trabalho abarcam uma extensão cronológica mais vasta, optou-se por considerar a *Rhetorica ad Herennium* em primeiro lugar.

amigos; são físicas a velocidade, a força, a dignidade do porte, a saúde; são espirituais a prudência, a justiça, a coragem e a moderação²⁶.

Segue-se a aplicação destes parâmetros nas partes estruturais do discurso. Assim, o exórdio versa sobre o orador, o visado, a audiência ou os feitos (11). Se o orador optar por justificar o seu texto, dirá, no caso de ser uma *uituperatio*, que se trata de uma reacção verbal a uma desfeita do visado, que considerou útil divulgar um acto excepcionalmente prejudicial e desregrado ou, finalmente, que pretendeu mostrar o que lhe desagrade.

Deduz-se, por oposição ao preconizado a respeito do elogio, que, no exórdio de uma invectiva, é lícito manifestar apreensão relativamente a uma suposta insuficiência oratória do autor para produzir uma verberação à altura da gravidade dos actos considerados.

A ter em conta o ouvinte, o orador deve moldar o seu discurso conforme aquele conhece ou desconhece o visado. No primeiro caso, deve dizer que será conciso em relação aos seus vícios; no segundo caso, deve solicitar a disponibilidade do receptor para ficar a conhecer o visado e, assim, evitar os eventuais danos do seu contacto. Em ambos os contextos, é pertinente a asserção de que, porque os ouvintes são diferentes do visado, se espera a veemente reprovação da sua conduta (12).

Enfim, para invectivar, o orador deve interrogar-se sobre o que é mais censurável e manifestar o seu receio de omitir algo importante, apesar da extensão da lista de acções condenáveis²⁷.

A *diuisio* ‘divisão’ deve contemplar os aspectos exteriores, físicos e morais *in demonstranda uita* (“na demonstração da vida”; 13). No que se refere às *res externae*, o primeiro tópico a abordar é o da genealogia. No caso específico da invectiva, quer descenda de linhagem nobre, quer tenha ascendência obscura, conclui-se que o visado, pelo seu comportamento, aviltou os seus antepassados. Quanto à educação, o orador deve constatar o seu afastamento em relação aos bons ensinamentos.

As qualidades físicas, se o vituperado dispuser delas, devem ser analisadas à luz do mau uso e da proveniência natural ou fortuita,

²⁶ As quatro virtudes são definidas em 3.3-5.

²⁷ *Vd. Cic.Ver.1.15; cf. Plin.Pan.56.* Para ilustrar a invectiva e o elogio em língua latina adoptou-se a sugestão de Quintiliano, que refere os discursos de Cícero e a *gratiarum actio* que os côsules dirigiam ao imperador, desde a época de Augusto, no momento da tomada de posse do cargo (*Inst.3.7.2*). Koster também se baseia nos textos de Cícero. Assim, utilizam-se alguns discursos forenses ciceronianos em que ocorre a invectiva e o *Panegírico de Trajano* de Plínio o Moço, proferido precisamente quando este subiu ao consulado em 100 d. C.

enquanto a sua inexistência se justifica com a culpa e a intemperança (14).

O autor destaca o tratamento dos aspectos exteriores sob a perspectiva da sua instrumentalização pelas virtudes, de modo a verificar se o visado foi corajoso face aos inimigos, se foi fiel aos amigos, como lidou com a riqueza ou com a pobreza, como desempenhou os seus cargos, como morreu e quais as reacções à sua morte.

Os parâmetros relativos ao *animus* evidenciam actos cometidos *iniuste* ‘injustamente’, *inmodeste* ‘imoderadamente’, *ignave* ‘cobardemente’ ou *stulte* ‘estupidamente’ (15).

No final da exposição, salvaguarda-se a natureza opcional destas três partes do conteúdo, a adoptar de acordo com as características peculiares de cada caso. Salienta-se, ainda, a pertinência de intercalar breves conclusões entre as unidades do texto.

Antes de encerrar a sua reflexão sobre o *genus demonstratiuum*, o autor sente necessidade de justificar a opção de a integrar no seu tratado. Para tanto, desvaloriza o facto de este género não ter aplicação prática corrente, no seu estado puro, em abono da sua exercitação frequente no âmbito dos géneros deliberativo e judicial²⁸ e do entendimento de que, por ser menos aplicado, não tem de ser descurado.

A *Rhetorica ad Herennium* partilha o pendor prático²⁹ da *Rhetorica ad Alexandrum*. Introduce o desdobramento das qualidades extrínsecas à virtude em aspectos exteriores e elementos físicos, que Cícero também prescreve.

O Arpinate explicita a adopção do esquema genológico tripartido de Aristóteles em *Inv.*1.7. O género demonstrativo é definido como *quod tribuitur in alicuius certae personae laudem aut uituperationem* (“o que é destinado ao elogio ou à invectiva de uma certa pessoa”).

No final do livro II do mesmo tratado, preceitua-se que o elogio e a invectiva são constituídos a partir de determinados tópicos, que *partitur in animum et corpus et extrarias res licebit* (“se podem dividir em carácter e corpo e aspectos exteriores”; 177).

A primeira categoria corresponde à *uirtus* ‘virtude’, de que fazem parte a *prudentia* ‘prudência’, a *iustitia* ‘justiça’, a *fortitudo* ‘coragem’ e a *temperantia* ‘temperança’, que são definidas em 159-164. Os ele-

²⁸ Para um exemplo do aproveitamento da *laus* no género judicial *vd.* 2.13.

²⁹ *Vd.* Caplan, 1970, 1-2: o autor destaca a concisão e o pragmatismo do tratado.

mentos respeitantes ao corpo³⁰ e os aspectos exteriores³¹ coincidem com os que figuram na *Rhetorica ad Herennium*.

Os vícios, objecto de invectiva, são laconicamente apontados apenas como os contrários das virtudes (165, 177).

As características físicas e exteriores não devem ser consideradas em si mesmas, mas em função do uso que delas fazem os visados por elogios e invectivas (178).

Nas *Partitiones Oratoriae*, o género demonstrativo é designado por *exornatio* ‘ornamentação’ (12, 69) e, *a meliore parte*, por *laudatio*³² ‘louvor’ (70). No entanto, embora a primeira designação pressuponha uma atenção prioritária à forma e se explicita claramente que o género em causa tem como objectivo *delectationem aurium* (“o deleite dos ouvidos”; 69)³³, afirma-se que é adoptado *ad laudandos claros uiros et ad improbos uituperandos* (“para louvar os varões ilustres e para invectivar os ímprobos”), com a justificação de que *genus enim nullum est orationis, quod aut uberius ad dicendum aut utilius ciuitatibus esse possit aut in quo magis orator in cognitione uirtutum uitiorumque uersetur* (“não há, de facto, nenhum género de discurso que possa ser mais profícuo para a eloquência, ou mais útil para as cidades, ou em que o orador se ocupe mais no conhecimento das virtudes e dos vícios”). Com efeito, as razões de louvar e de invectivar *non ad bene dicendum solum sed etiam ad honeste uiuendum ualent* (“não são válidas só para falar bem, mas também para viver honestamente”; 70), pois *omnia enim sunt profecto laudanda quae coniuncta cum uirtute sunt, et quae cum uitiiis, uituperanda* (“deve-se, sem dúvida, louvar tudo o que está relacionado com a virtude e invectivar o que está relacionado com os vícios”; 71). No final dos ensinamentos respeitantes ao género demonstrativo, o filho de Cícero, a quem é dirigido o tratado, afirma que acabara de aprender não só como elogiar outrem, mas também como ele próprio podia aspirar a ser elogiado (83).

³⁰ *Vd. Cic. Catil. 1.26, 2.9, 3.16*: Cícero salienta o uso perverso que Catilina fez da sua excepcional capacidade de resistência à fome, ao frio e à vigília.

³¹ *Vd. Idem, ibidem, 1.10, 23, 25-26, 2.4-10, 18-23*: denegrimento dos amigos e aliados de Catilina; *Ver. 2.2.27*: caracterização pejorativa dos amigos de Verres; *1.11-14*: mau desempenho nos cargos públicos; *Pis. frg. 11*: procedimento idêntico em relação aos amigos de Pisão; *frg. 9, 12*: baixa ascendência materna e desonra do nome de família; *Vat. 11*: baixo nascimento; *11-13*: corrupção no exercício das magistraturas. Cf. *Plin. Pan. 45*: elogio da selecção de amigos de Trajano.

³² *Vd. Top. 91*.

³³ *Vd. Part. 12*.

Também aqui são atribuídos os *finis* ‘fins’ correspondentes aos τέλη aristotélicos, ou seja, a *honestas*³⁴ ‘honestidade’ à *laus* e a *turpitudine* ‘torpeza’ à *uituperatio* (71). Todavia e, mais uma vez, na senda do Estagirita, afirma-se que este tipo de discursos se radica na exposição de factos, para gerar emoções e não para fazer prova do que se diz, através da confirmação e da amplificação do certo, em detrimento do duvidoso.

Partindo do pressuposto de que o género persegue a *uoluptas auditoris* (“prazer do ouvinte”; 72), o orador deve aplicar-se ao adorno das palavras e dos factos. Igualmente aconselhável é o uso das cláusulas métricas da lírica para tornar o texto aprazível à audição. A expectativa e a admiração do receptor estimulam-se com o recurso a apontamentos do prodigioso, do divino e do transcendente (73).

Repete-se a mesma divisão do conteúdo por elementos exteriores, físicos e morais (74) e pelas quatro virtudes convencionais (76-78). Os factos podem ser organizados cronologicamente, do mais recente para o mais distante, ou em função das virtudes (75). Quanto aos vícios, diz-se, simplesmente, que *uitiorum autem sunt genera contraria* (“por outro lado, os géneros dos vícios são os contrários”; 81).

No *De Oratore*, apesar da perspectiva simplista e displicente com que inicialmente o abordam, os interlocutores acabam por fornecer elementos relevantes para a aplicação e a elaboração do género demonstrativo.

A reflexão concentra-se na *laus* e restringe a apreciação da *uituperatio* à afirmação da natureza oposta do seu conteúdo e da coincidência de estratégias de construção (2.46, 349).

Um dos intervenientes, António, defende que não se trata de um género retórico autónomo e que, como tal, dispensa uma teorização específica: para elaborar um elogio, basta atender aos princípios gerais da retórica (45). A sua utilidade é minimizada pelo vínculo à *delectatio* ‘deleite’ (44).

Para relegar o género demonstrativo, apresentam-se os argumentos da escassa actualização do elogio e da existência de outros tipos de discurso, numerosos e mais importantes do que os epidícticos, como o testemunho judicial, a mensagem militar ou política, a objurgatória, a exortação ou a consolação, que não merecem uma fundamentação prescritiva própria (47-50, 341). Neste sentido, invoca-se o exemplo dos Gregos, que louvavam mais para agradecer a um público ou para celebrar figuras famosas do que para tratar assuntos políticos.

³⁴ Vd. *Top.*91.

Não obstante as objecções apresentadas, António acede a tratar o género demonstrativo, após ter reconhecido que, em solo romano, ele está presente nas defesas jurídicas e nos elogios fúnebres.

A sistematização radica-se na divisão das qualidades em exteriores, físicas e morais, e pauta-se pela insistência na avaliação destes elementos exclusivamente em função do uso que deles é feito. O orador deve salientar a moderação com que o visado lidou com os recursos que a natureza e a fortuna lhe concederam³⁵ (342). Os feitos meritórios do elogiado são distribuídos pelos vários tipos de virtudes (345).

O público é mais receptivo a elogios dedicados àqueles que realizaram actos gloriosos desinteressadamente, com sacrifício pessoal e para proveito da comunidade (346).

São de ter em conta as honras concedidas ao visado como recompensa dos seus actos, as circunstâncias extraordinárias que os rodearam e a comparação³⁶ com outros heróis de mérito reconhecido (347-348).

No âmbito das estratégias discursivas, salienta-se a importância da amplificação, que se processa *rem ornando, quod ualet non solum ad augendum aliquid et tollendum altius dicendo, sed etiam ad extenuandum atque abiciendum* (“através da ornamentação do assunto, que visa não só aumentar algo e elevá-lo mais alto pela maneira de dizer, mas também atenuá-lo e rebaixá-lo”; 3.104). O elogio e a invectiva são considerados os exercícios mais eficazes para aprimorar a técnica da amplificação: *nihil est enim ad exaggerandam et amplificandam orationem accommodatius quam utrumque horum cumulatissime facere posse* (“não há nada, de facto, mais apropriado a aumentar e amplificar o discurso do que poder fazer muito abundantemente uma e outra destas coisas”; 105).

O conhecimento dos vícios, tal como o conhecimento das virtudes no elogio, é fundamental para que o ímprobo possa *notari ac uituperari satis insignite atque aspere* (“ser censurado e invectivado com bastante veemência e aspereza”; 2.349)³⁷.

³⁵ Vd. Plin.Pan.10-11.

³⁶ Cf. Cic.Pis.64: comparação de Pisão, por um lado, com Cícero e, por outro, em abstracto, com o mais desprezado dos indivíduos; Ver.2.2.110-111: comparação de Verres com um homem íntegro; Phil.4.15: comparação de Marco António a Catilina; Plin.Pan.: é frequente a comparação de Trajano com os seus antecessores, sobretudo com Domiciano; vd., por exemplo, 2 e 53.

³⁷ Vd. Cic.Catil.1.13-14, 24-26, 2.7-9: descrição cumulativa dos vícios de Catilina; Pis.frg.4, 5, 6, 10, 11; 66-67: denegrimento do carácter de Pisão; Ver.2.3.5-6: mesmo procedimento em relação a Verres.

Finalmente, o *Orator* enfatiza a dimensão ornamental do gênero, que é desvalorizada na sua utilidade pública, mas, ao mesmo tempo, enaltecida por proporcionar ao orador o acervo de estratégias retóricas com que pode enriquecer e tornar mais eficazes os seus discursos políticos.

Com efeito, o discurso demonstrativo é elaborado *ad inspiciendum delectationis causa* (“para a contemplação, por causa do deleite”; 37)³⁸. Por outro lado, é denominado *nutrix oratoris* ‘a ama do orador’, por lhe fornecer os instrumentos técnicos fundamentais, que pode aplicar a qualquer outro tipo de discurso.

Deste modo, o gênero demonstrativo é associado à elaboração formal, em sobreposição ao tratamento do conteúdo, que o leva a adotar a cópia verbal, a busca do efeito estético e a prosa rítmica (37-38). Por isso, invoca-se várias vezes Górgias, o introdutor dos ritmos e dos recursos estilísticos da poesia na prosa (39, 40, 165).

Das breves considerações acerca do gênero em causa destaca-se esta síntese: *dulce igitur orationis genus et solutum et affluens, sententiis argutum, uerbis sonans est in illo epidictico genere, quod diximus proprium sophistarum, pompae quam pugnae aptius, gymnasiis et palaestrae dicatum, spretum et pulsum foro* (“portanto, há um tipo de discurso doce e solto e copioso, arguto com os pensamentos, sonante com as palavras, naquele gênero epidíctico de que falámos, próprio dos Sofistas, mais adequado a aparato do que a litígio, acolhido nos ginásios e nas palestras, desprezado e banido do foro”; 42).

A vasta obra ciceroniana oferece uma análise considerável e multifacetada do discurso demonstrativo. As várias sistematizações fixam a catalogação dos tópicos inerentes em aspectos exteriores, físicos e morais, estabelecem o esquema quadripartido de virtudes e desenvolvem a dimensão formativa do gênero aos níveis retórico e moral.

Por sua vez, a teorização de Quintiliano, na *Institutio Oratoria*, destaca-se por uma distribuição da matéria pelo elogio dos deuses, dos homens e das cidades.

O primeiro deve contemplar a expressão da veneração da majestade do deus enaltecido, da sua força, das suas invenções e da sua utilidade para os homens. Deve-se ainda pôr em destaque os feitos, a ascendência e a descendência, a natureza divina inata ou adquirida (3.7.7-9).

³⁸ Neste sentido, *vd.* também 207-208.

O elogio dos homens é mais complexo e variado. É organizado cronologicamente no período que antecede o nascimento, no período de existência e no período posterior à morte, no caso de esta se ter verificado no momento de produção do elogio. Assim, antes de falar do visado em si, faz-se referência à pátria, aos pais, aos antepassados e a presságios anteriores ao nascimento³⁹ que indiciam a sua futura honorabilidade (10-11).

O elogio do indivíduo em si radica-se na convencional divisão das qualidades físicas, externas e morais⁴⁰. As últimas podem ser catalogadas por etapas da vida, como a infância⁴¹, a formação, a idade adulta e o período após a morte, ou pelas diversas virtudes⁴² (12-15, 17).

São do máximo apreço do público os actos únicos, raros, que superam as expectativas e são realizados mais pelo proveito alheio do que pelo interesse pessoal (16).

O esquema é aplicável à *uituperatio*, mas num sentido oposto. A uns é prejudicial a origem vergonhosa, a outros a origem ilustre, que faz avultar com mais acutilância as mazelas do seu carácter. São igualmente eficazes os presságios e os oráculos que predizem os defeitos do visado antes mesmo da sua existência. O alvo de invectiva pode corresponder a desvantagens físicas e exteriores⁴³, ou ao modo excessivo com que usou vantagens da mesma natureza (19).

As virtudes são substituídas pelos vícios, que são tratados nos moldes exactos das qualidades morais, ou seja, por etapas da vida ou em função da tipologia escolhida, com destaque para os actos inéditos de grande impacto (20-21).

Quintiliano recorda dois preceitos aristotélicos. O primeiro consiste na necessidade de considerar o contexto de elocução do discurso demonstrativo, para persuadir o público de que o que aprecia está presente no elogiado e o que repudia existe no vituperado. Assim, garante-se a reacção pretendida pelo elogio – a adesão ao merecimento do louvor – e pela invectiva – a reprovação do retrato apresentado (23-24). O segundo diz respeito à fronteira ténue que separa a virtude de

³⁹ *Vd. Plin.Pan.5.*

⁴⁰ *Vd. Cousin, 1967, 193-194:* o autor corrobora o entendimento de que, no que respeita à *laus hominum*, Quintiliano segue os seus predecessores, designadamente na divisão da matéria.

⁴¹ *Vd. Plin. ibidem, 14. Cf. Cic.Vat.11; Ver.1.11; Phil.2.44.*

⁴² *Vd. Plin. ibidem, 16: fortitudo e moderatio de Trajano.*

⁴³ *Cf. Idem, ibidem, 4, 13, 22:* Plínio destaca a robustez e a estatura de Trajano como elementos denunciadores da sua superioridade hierárquica.

certos vícios e permite, deste modo, classificar um defeito com a designação de uma qualidade e vice-versa (25).

O elogio das cidades comporta referências ao fundador, à antiguidade, às virtudes reveladas pelos seus feitos históricos, à localização geográfica, às defesas naturais, enfim, aos monumentos públicos, pela imponência, pela utilidade, pela beleza e pelo autor (26-27).

Pode-se ainda louvar todo o tipo de entidades, sejam abstractas, como o sono e a morte, sejam inanimadas, como alguns alimentos (27-28).

À semelhança de Aristóteles, também Quintiliano aproxima a suasória do elogio, *quia plerumque eadem illic suaderi, hic laudari solent* (“porque, geralmente, o mesmo que se costuma aconselhar ali, louva-se aqui”; 28).

Todavia, e embora ratifique a divisão tripartida dos géneros retóricos (3.4.6), são várias as divergências evidenciadas em relação ao Estagirita. Com efeito, enquanto este preconiza o tratamento de acontecimentos passados, futuros e presentes, respectivamente, pelos géneros judicial, deliberativo e epidíctico, Quintiliano atribui o presente ao género judicial e o passado ao género demonstrativo (7).

Mais incisiva é a contestação dos τέλη, pois afirma que os que perfilham este critério *celeri magis ac rutunda usi distributione quam uera* (“usam de uma distribuição mais célere e harmoniosa do que verdadeira”; 16). Em substituição desta teoria, defende o concurso de matérias nos três géneros: *stant enim quodam modo mutuis auxiliis omnia; nam et in laude iustitia utilitasque tractatur, et in consiliis honestas, et raro iudicalem inueneris causam in cuius non parte aliquid eorum quae supra diximus reperiatur* (“de facto, todos prestam, de certo modo, um auxílio mútuo; pois no elogio trata-se a justiça e a utilidade, nas deliberações a honestidade e raramente se pode encontrar uma causa judicial em que não se encontre, numa das suas partes, alguma das matérias que acima mencionámos”; 16).

A própria designação do género é alvo de questionação. Com efeito, avalia-se a propriedade das denominações de *genus laudatiuum* ‘género laudatório’, *a meliore parte*, e de *genus demonstratiuum*, que correspondem, respectivamente, às fórmulas gregas de γένος ἐγκωμιαστικόν e de γένος ἐπιδεικτικόν. A primeira é rejeitada por não corresponder à totalidade das manifestações do género; a segunda também não colhe o aplauso do autor, que afirma: *sed mihi non tam demonstrationis uim habere quam ostentationis uidetur* (“mas a mim parece-me que não tem tanto o sentido de demonstração como o de ostentação”; 13).

Este entendimento do género epidíctico radicado em Aristóteles, que se manifesta na própria designação, é contrariado por Quintiliano, que procura diluir o vínculo que o une à forma estanque de elogio/invectiva e à conotação de inutilidade: *atqui formam suadendi habent et plerumque de utilitatibus Graeciae locuntur: ut causarum quidem genera tria sint, sed ea tum in negotiis, tum in ostentatione posita* (“ora, [os panegíricos] têm forma de suasória e, geralmente, falam dos interesses da Grécia: embora existam, de facto, três géneros de causas, todavia, eles são utilizados tanto nos negócios, como na ostentação”; 3.4.14). Por isso, defende que a adopção da designação correspondente latina não se justifica pela subscrição da fundamentação aristotélica, mas *quod laus ac uituperatio quale sit quidque demonstrat* (“porque o elogio e a invectiva demonstram a qualidade de cada coisa”).

Em abono da dimensão prática do género demonstrativo, afirma que os Romanos desenvolveram o seu uso através dos elogios fúnebres, regularmente confiados aos detentores de cargos públicos, do elogio e da invectiva de testemunhas, na apologia dos réus⁴⁴. A exemplificação recorre à autoridade de Cícero e aos seus discursos que têm na invectiva uma componente fundamental (3.7.2).

O reconhecimento da composição de discursos *ad solam ostentationem* (“somente para ostentação”; 3) não o impede de constatar que também nestes, tal como nos discursos demonstrativos aplicados à prática, há sempre uma margem de *probatio* ‘prova’ (4). Assim, aduzir, num elogio de Rómulo, que este era filho de Marte, que foi lançado às águas e salvo da corrente, que todos os seus actos em vida provam que era filho do deus da guerra e que os seus contemporâneos nunca questionaram a sua ascensão aos céus corresponde, em última instância, à constituição de provas da sua origem divina (5).

Por outro lado, Quintiliano evidencia a dimensão pedagógica do género demonstrativo no capítulo da sua obra sobre os primeiros exercícios na aula de retórica: *inde paulatim ad maiora tendere incipiet, laudare claros uiros et uituperare improbos* (“daí, pouco a pouco, [o discípulo] começará a voltar-se para exercícios mais importantes: louvar os varões ilustres e invectivar os ímprobos”; 2.4.20). Neste sentido, salienta as potencialidades dos *exempla* na modelação do carácter: *namque et ingenium exercetur multiplici uariaque materia et animus contemplatione recti prauisque formatur, et multa inde cognitio rerum uenit exemplisque, quae sunt in omni genere causarum poten-*

⁴⁴ Cousin, 1967, 191.

tissima, iam tum instruit cum res poscet usurum (“pois o engenho exercita-se na multiplicidade e na variedade da matéria e o carácter forma-se na contemplação da virtude e do vício. Daí resulta um grande conhecimento das coisas, que logo instrui aquele que, quando a ocasião o exigir, há-de usar exemplos, poderosíssimos em todos os géneros de causas”).

Para além de uma nova estrutura de síntese, que alarga o referente do elogio, Quintiliano oferece uma aprofundada reflexão acerca da terminologia e da definição do género retórico em causa, que o posiciona em relação aos predecessores, numa atitude de adesão, correcção ou ruptura.

A atribuição da designação de epidíctico ao género em estudo, para dar seguimento à reflexão suscitada pelo último autor referido, resulta de uma associação à *ἐπίδειξις*, que designa uma conferência, uma exposição, um improviso ou a leitura de um texto cuidadosamente preparado, e a *ἐπιδείκνυσθαι*, que significa ‘exibir o talento em qualquer domínio’⁴⁵. A *ἐπίδειξις* caracteriza-se pela beleza formal, independentemente do conteúdo, que frequentemente desenvolve um pressuposto moral⁴⁶.

Por outro lado, a *ἐπίδειξις* é geralmente associada aos Sofistas⁴⁷, que usavam vários expedientes para exhibir a sua mestria discursiva e para servir de modelo aos seus discípulos, entre os quais se contam as *ἐπιδείξεις*⁴⁸.

Górgias é apontado, regularmente, como um pioneiro do género epidíctico, por ter introduzido os *ἔπαινοι* e os *ψόγοι* nas *πανηγύρεις* ‘festas’⁴⁹, e do processo de apropriação dos recursos expressivos, estéticos e rítmicos da poesia pela prosa. O orador e historiador Dionísio o Antigo diz deste Sofista: *δικανικοῖς μὲν οὖν οὐ περιέτυχον αὐτοῦ λόγοις, δημηγορικοῖς δὲ ὀλίγοις καὶ τισι καὶ τέχναις, τοῖς δὲ πλείοσιν ἐπιδεικτικοῖς* (“certamente, não encontrei discursos judiciais dele, mas uns poucos deliberativos e até algumas técnicas, a maior parte epidícticos”⁵⁰).

⁴⁵ Pernot, 1993, 26.

⁴⁶ Cruz, 1989, 11.

⁴⁷ Pernot, 1993, 30.

⁴⁸ Cruz, 1989, 11.

⁴⁹ *Idem, ibidem*, 14.

⁵⁰ O testemunho de Dionísio o Antigo é colhido em Planud. *Ad Hermog.*v.548Walz, *apud* Zuñiga, 1980, 8.

Outra manifestação do género epidíctico consiste nos chamados *παίγνια*, que eram vinculados à sofística e tinham como referentes heróis mitológicos⁵¹. Considerem-se as palavras de Górgias no final do seu elogio de Helena: ἐβουλήθη γράψαι τὸν λόγον Ἑλένης μὲν ἐγκώμιον, ἔμὸν δὲ παίγνιον (“decidi escrever este discurso, por um lado, encómio de Helena, por outro, entretenimento meu”⁵²). Trata-se de mais um elemento que reforça a inocuidade tradicionalmente agregada ao género.

Esta conjuntura está na base de um entendimento dos discursos epidícticos como produções retóricas sem finalidade prática, que, portadoras de um estilo discursivo elaborado, visam evidenciar o virtuosismo dos seus autores. A concepção é perceptível em Aristóteles, como diz Quintiliano: *quod genus uidetur Aristoteles a parte negotiali remouisse* (“este género parece que Aristóteles o separou da parte prática”; 3.7.1). O predecessor grego acentua a passividade do seu receptor, ao considerá-lo um θεωρός, que se limita a avaliar a qualidade retórica do discurso produzido, por contraposição ao κριτής, que toma uma decisão prática, através do voto ou da sentença (1358a36-1358b6). Já o autor da *Rhetorica ad Alexandrum* salienta a ausência da vertente agonística, ao afirmar: ὡς γὰρ ἐπὶ τὸ πολὺ ἐπὶ τούτων τῶν εἰδῶν οὐκ ἀγωνος ἀλλ’ ἐπιδείξεως ἔνεκα λέγομεν (“pois, de um modo geral, neste tipo de discursos não falamos com objectivos de litigação, mas de exibição”; 1440b10-15). No *De Oratore*, António minimiza a utilidade deste género, por comparação com a dos restantes: *etiamsi opus est, minus est tamen necessarium* (“embora seja útil, é, todavia, menos necessário”; 2.43).

Entre os estudiosos modernos, Pernot considera que Aristóteles trata o género epidíctico como o “parente pobre” dos géneros retóricos, pela reduzida extensão da sua abordagem e pela desvalorização da sua utilidade face aos restantes géneros. Dentro do género epidíctico, detecta uma hierarquia semelhante entre ἔπαινος e ψόγος. A própria posição do autor encaminha-se no sentido de uma valorização da aplicação prática do primeiro, em detrimento da escassa utilização, nunca em estado puro, do segundo⁵³.

Lausberg estipula que os géneros judicial e deliberativo visam alterar uma situação, com base na posição adoptada pela entidade

⁵¹ Pernot, 1993, 20-21.

⁵² Gorg.*Hel.*21, *apud* Zuñiga, 1980, 16; Barbosa e Castro, 1993, 46.

⁵³ Pernot, 1993, 29, 481-490.

competente num tribunal ou numa assembleia; por sua vez, o género epidíctico considera o propósito de alterar uma situação como inerente à própria intenção do orador e à função do discurso em si. Não obstante, o seu objectivo é confirmar uma situação tida como constante, através da atribuição do valor de ‘louvável’ ou de ‘condenável’. A pressuposta constância da situação possibilita a repetição do discurso⁵⁴.

Todavia, quem pretenda estudar, hoje, a invectiva retórica depara, de facto, com escassez de documentação. Num artigo intitulado “The (almost) blameless genre of classical greek epideictic”, Rountree⁵⁵ constata que, embora a arte da censura tenha uma sólida tradição poética e dramática e se possa detectar invectiva em discursos com outras intencionalidades comunicativas, é difícil encontrar ψόγοι no período clássico grego (303). O próprio Aristóteles não cita nenhum exemplar (300). É possível, apenas, encontrar a indicação de que a invectiva estava presente nos discursos deliberativos e judiciais (297), em festivais (301-302), discursos sofísticos (301), panfletos (296) e em contextos privados pontuais (302-303). Os motivos da falta de documentos escritos podem residir na legislação, que punia a difamação, e na possibilidade de denegrir, de forma mais segura, através do teatro (304). Estes dados levam Rountree a concluir que a segunda parte do género epidíctico foi aduzida por Aristóteles mais para organizar equilibradamente o seu esquema genológico do que para codificar um tipo de discurso com uma aplicação real significativa (305).

Por outro lado, em períodos de regime absoluto, o elogio predomina claramente, com destaque para o que visa o próprio monarca⁵⁶.

Jeffrey Walker acentua as dimensões ideológica, persuasiva e interventiva do género epidíctico⁵⁷. O seu estudo radica-se na dicotomia entre *epideiktikon* e *pragmatikon* e contraria a tendência, na investigação actual, para definir o primeiro por mera oposição ao último, de acordo com o critério da falta de funções práticas (8).

Com base na teoria aristotélica do ἀκροατήης, distingue os dois tipos de discurso pela natureza do receptor e do espaço de elocução.

⁵⁴ Lausberg, 1993, 84.

⁵⁵ Rountree, 2001, 293-305.

⁵⁶ Pernot, 1993, 108; Williams, 1978, 83-101: o elogio do imperador nas obras de Ovídio e comparação entre este autor e Séneca na relação que ambos mantiveram com o poder; 160-169: o panegírico como elemento constante na literatura imperial desde Augusto.

⁵⁷ Walker, 2000, 8.

De facto, enquanto os géneros deliberativo e judicial são actualizados nas assembleias e nos tribunais, perante um público com poderes de decisão civicamente instituídos, o género epidíctico concretiza-se em festivais comunitários, cerimónias públicas e simpósios, para uma audiência com a função básica de contemplação e formação de um juízo face ao discurso apresentado (8-9).

É este entendimento que leva, depois dos séculos de conceptualização da retórica (V e IV), a um progressivo alargamento do género, que passa a abarcar, nos manuais da especialidade, todos os tipos de texto produzidos para um contexto e um receptor externos aos enquadramentos práticos institucionalizados, como o histórico, o filosófico, o épico, o lírico, o panegírico e todo o texto de cariz ritual⁵⁸.

Embora Walker adopte esta perspectiva alargada do género epidíctico, as suas conclusões não deixam de ser aplicáveis ao elogio e à invectiva, que cumprem todos os pressupostos apontados e, como se disse, fundados na teoria aristotélica.

Assim, a função do discurso epidíctico é a exibição suasória, que conduz o receptor, sucessivamente, à contemplação, à reflexão e à formação de opiniões e desejos, aos níveis filosófico, social, ético e cultural, pois é elaborado sobre os códigos axiológicos básicos da sociedade de actualização. Por isso, emerge como um poderoso cultor e construtor da sua ideologia, da sua imagética, da sua identidade. Deste modo, as suas funções não se restringem ao fortalecimento das ideologias vigentes e à exibição de uma mensagem esteticamente burilada; na verdade, o discurso epidíctico pode influenciar o debate e a decisão nos contextos pragmáticos e, assim, transformar a ordem estabelecida (9). Estas potencialidades são favorecidas pela conotação de maior permanência, quando comparada com a efemeridade da interacção discursiva do quotidiano prático, e pelo poder de persuasão. Este deriva do prazer estético que pode proporcionar e do acervo de sabedoria ancestral, inquestionável e paradigmática (11-12).

Estas conclusões permitem ao autor recusar o entendimento generalizado de que as origens da retórica se encontram na prática das assembleias e dos tribunais da sociedade grega arcaica. Com efeito, Walker defende que, pelas características apontadas, o discurso epidíctico constitui a fonte dos paradigmas da eloquência de onde bebe o discurso pragmático. Aquele fixa e preserva os códigos do conteúdo e da forma que são aplicados nos contextos da vida cívica, para tornar eficazes os discursos aí produzidos. Por conseguinte, o discurso epi-

⁵⁸ Walker, 2000, 7; Cruz, 1989, 15.

díctico constitui, segundo este estudo, a verdadeira forma primária da retórica, enquanto a sua vertente pragmática consiste numa transposição derivativa para o contexto prático (4, 10). Neste sentido, o autor dedica a secção III da obra à análise de textos da poesia arcaica, de autores como Píndaro, Alceu e Safo, para demonstrar a sua poderosa vertente argumentativa, retórica e interventiva.

Numa visão consentânea, Lausberg afirma que a retórica escolar cultivou especialmente o género epidíctico e que a exercitação tornava os géneros judicial e deliberativo semelhantes. Assim, a influência da retórica escolar na literatura passa pelo género epidíctico e pela exercitação⁵⁹.

Sullivan e Anible, ao reverem a história do conceito de epidíctico, apresentam um entendimento compatível, que rompe com a “tirania da categorização arbitrária de Aristóteles”, para estipular a dimensão epidíctica da retórica em geral, ou seja, a que privilegia a sua função formativa⁶⁰.

Para além da perspectiva inovadora da história da retórica, importa destacar no trabalho de Walker a reabilitação do género epidíctico face aos restantes géneros retóricos, sobretudo no que se refere à sua operacionalidade prática.

Em conjunto, os tratados dos autores antigos e os estudos modernos proporcionam, agora, uma síntese das informações recolhidas.

Assim e a título conclusivo, pode-se dizer que a invectiva é um discurso retórico que, através do concurso de temas, estruturas e recursos estilísticos específicos, evidencia a natureza reprovável do carácter e das acções de um referente, com vista a conquistar a adesão do público à intencionalidade comunicativa do autor.

Por outro lado, as várias sistematizações dos autores antigos assentam num esquema de catalogação das virtudes e dos vícios, em que estes se identificam por oposição àquelas. Os *uitia* afiguram-se, de facto, a matéria de base das invectivas. A relação de implicação mútua entre *uitium* e *uituperatio* é perceptível na própria etimologia dos termos⁶¹. Os aspectos físicos e exteriores são avaliados sobretudo pelo uso que merecem do seu possuidor.

⁵⁹ Lausberg, 1993, 85.

⁶⁰ Sullivan and Anible, 2000, 122-125.

⁶¹ A. Ernout et A. Meillet, *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine. Histoire des Mots*, 1959, s.v. *uitium* e *uitupero*, 741-742. As referências a este dicionário aparecerão, a partir daqui, sob a abreviatura EM.

A invectiva pode ser actualizada de forma autónoma, em contexto privado, festivo, escolar e panfletário, ou integrada, em discursos dos outros dois géneros retóricos.

A sua componente prática, ainda que atenuada pela maioria dos estudiosos, revela duas vertentes. De facto, pode revestir-se de uma utilidade pragmática, de efeito imediato, que avulta, por exemplo, se estiver presente no decurso de um processo judicial. Além desta, detém uma outra utilidade, de efeito mediato, sobretudo na actualização autónoma: na medida em que proporciona a reflexão sobre o vício e a consequente dedução da virtude, investe-se de uma função didáctica e moralizadora própria do *exemplum* ou παράδειγμα, neste caso, pela negativa. Deste modo, avulta como uma entidade social, com poder de consolidar, influenciar e transformar mentalidades e culturas.

A consciência da sua poderosa dimensão persuasiva leva todos os teorizadores do género a fornecer estratégias para facilitar a percepção da qualidade dos elementos considerados, de que se destaca a amplificação.

O denegrimto nominal preconizado por Koster⁶² pode visar uma pessoa real, cuja interacção com o autor tenha desencadeado a invectiva, como acontece nos discursos de Luciano citados anteriormente, uma personalidade histórica ou uma personagem mítica, como nos discursos dos Sofistas e nos exercícios de professores e alunos de retórica. Porém, a sua interpretação não se confina ao domínio individual, antes produz a indução das normas e dos valores universais que estão subjacentes e que detém o poder formativo capaz de moldar o entendimento da realidade⁶³.

Koster considera a tragédia um espaço literário muito produtivo para a invectiva, especialmente nos ἀγῶνες⁶⁴. Contudo, não é propó-

⁶² Koster, 1980, 39.

⁶³ Oliveira, 1991, 43-45; 1997, 483. Para a função didáctica da tragédia de Sêneca *vd.* Pérez, 1976, 279-301 e Tanner, 1985, 1124-1129. Independentemente da perspectiva e dos objectivos de cada artigo, ambos exploram esta vertente do texto. O primeiro autor procura provar a existência de intenções políticas e didácticas através da recorrência de temas como a tirania. Salienta ainda a finalidade educativa da obra, que entende fazer uma exposição da arte de bem governar através da prescrição das regras do exercício do poder com moderação e da invectiva dos exemplos negativos fornecidos pelas personagens (290-298). Neste sentido, aproxima a sua funcionalidade à do tratado dirigido a Nero, *De Clementia*. O segundo autor conclui que as peças representam uma reacção aos costumes e aos problemas institucionais coevos, como o adultério, a adivinhação, o cortejo triunfal... Além disso, faz corresponder determinadas situações dramáticas a acontecimentos concretos.

⁶⁴ Koster, 1980, 62.

sito deste trabalho encontrar na tragédia de Séneca discurso epidíctico em estado puro, elaborado sobre a estrutura prescrita pelos mestres de retórica, com o tratamento de todos os parâmetros formais e conceptuais preconizados. Na verdade, pretende-se, em primeiro lugar, determinar o objecto da invectiva na obra literária em estudo, ou seja, o que o autor considera digno de ser vituperado através das suas personagens, com os seus defeitos do carácter, do corpo e da fortuna. Depois, procurar-se-á definir de que modo a *uituperatio* retórica influenciou o tratamento da invectiva nas peças, no sentido de detectar o aproveitamento de estratégias apontadas pelos autores antigos.

II

INVECTIVA NA TRAGÉDIA DE SÉNECA

Todos os autores antigos considerados no capítulo anterior apresentam um conjunto de tópicos que serve de ponto de referência à elaboração da invectiva. Todos os teorizadores latinos, o autor da *Rhetorica ad Herennium* (3.13), Cícero (*Inv.*2.177; *Part.*74; *de Orat.*2.342) e Quintiliano (*Inst.*3.7.12), organizam esses parâmetros sob as rubricas do carácter, do corpo e dos aspectos exteriores.

Na primeira parte, as três classificações contemplam os tópicos do elogio, ou seja, concentram-se nas virtudes e deduzem os vícios por oposição.

O paradigma de virtudes que se revelou mais profícuo é aquele que preconiza as quatro virtudes cardeais da φρόνησις (σοφία), da δικαιοσύνη, da ἀνδρεία e da σωφροσύνη, que Cícero traduz, em *De Inventione*, respectivamente por *prudentia*, *iustitia*, *fortitudo* e *temperantia* (2.159). De facto, esta listagem é adoptada pela *Rhetorica ad Alexandrum* (1440b15-20), pela *Rhetorica ad Herennium* (3.10), por Cícero (*Inv.*2.159; *Off.*1.15; *Fin.*1.42-54, 2.51, 5.67) e por Quintiliano (3.7.15)¹. Na *Rhetorica* de Aristóteles, as virtudes enunciadas surgem ao lado de outros desdobramentos de parâmetros morais (1366b1-3).

Nos respectivos estudos, North² e Hellegouarc'h³ verificam a vigência deste cânone. Pernot considera esta tétrede o paradigma de virtudes mais adoptado no género epidíctico desde a época clássica até à época imperial⁴. A sua presença nos programas escolares atesta a aceitação generalizada. Os próprios teorizadores do género, ao esco-

¹ As designações não são sempre totalmente coincidentes, mas parte-se do pressuposto de que correspondem às mesmas virtudes.

² North, 1966, 258.

³ Hellegouarc'h, 1972, 258.

⁴ Pernot, 1993, 165-173.

lherem, segundo o mesmo autor, “la division la plus simple et la plus répandue” (168), contribuíram para a sua divulgação. Musónio Rufo, um filósofo que foi exilado por Nero, exprime frequentemente as suas ideias com base neste esquema (*Reliquiae*, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 11, 12).

Assim, será com base neste código de virtudes que se organizará, neste trabalho, o conteúdo da invectiva na tragédia de Séneca, não porque se parta do pressuposto de que o autor pretendeu fazer das suas peças uma aplicação desse esquema, mas porque, dada a sua universalidade, é possível que os vícios censurados na sua obra possam ser enquadrados no paradigma moral retórico dominante. Portanto, trata-se apenas da escolha de um método de organização do conteúdo.

A matéria será tratada em função dos vícios contrários, conforme preceituam as obras estudadas: a *iniustitia* ‘injustiça’, a *intemperantia* ‘intemperança’, a *ignauia* ‘cobardia’ e a *temeritas* ‘irreflexão’. A ordem dos *uitia* foi escolhida de acordo com a proficuidade de cada um e com o objectivo de manter uma harmoniosa organização interna. Para a análise individual, o *corpus* textual será distribuído pelos vários temas e, por último, pelos campos lexicais que os integram. Estes serão constituídos pelos termos com que se classificam as personagens invectivadas.

Em cada sequência, detectar-se-á o vocábulo mais expressivo, que explicita de forma mais directa e cabal a natureza de cada invectiva. É certo que os contextos frásicos e dramáticos contribuirão para a fixação do seu valor. No entanto, entender-se-á o termo de invectiva no sentido em que o define Opelt, como a expressão nominal predicativa, ou a designação adversa de um comportamento negativo, capaz de traduzir a fricção entre dualidades sociológicas antagónicas, como as do sexo, da geração ou do estatuto social⁵. Assim, os temas serão fundamentados com base nos adjectivos, nomes e formas nominais de marcado valor de atributo, com uma conotação pejorativa para os vituperados.

1. *Animus* ‘carácter’: quatro vícios cardeais

1.1. *Iniustitia* ‘injustiça’

Cícero emprega a forma *iniustitia* como vício oposto à *iustitia* em *Inv.*2.165; *Off.*1.23, 27, 29, 41, 42; *Fin.*3.39, 4.21; *Tusc.*3.17, 4.42 e *Rep.*1.64. A palavra apresenta a mesma estrutura de formação da cor-

⁵ Opelt, 1965, 18-19.

respondente grega ἀδικία (Arist.*Rh.*1366b10; *VV.*1250a1-5, 20-25, 1251a30): o nome da virtude, *iustitia* em Latim, δίκη em Grego, dá lugar ao antônimo pela aplicação do prefixo de negação *in-*, no primeiro caso, e do *a-* privativo, no segundo. O autor do *ad Herennium* utiliza a dicotomia *res iustas/res iniusta* (3.4).

Aristóteles considera a justiça a virtude que possibilita a cada um dispor dos seus bens de acordo com a lei. Pelo contrário, a injustiça consiste na apropriação ilícita do alheio (*Rh.*1366b9-11).

Em Περὶ ἀρετῶν καὶ κακιῶν, pode ler-se: δικαιοσύνη δέ ἐστὶν ἀρετὴ ψυχῆς διανεμητικὴ τοῦ κατ' ἀξίαν (“a justiça é uma virtude do espírito que distribui o que está de acordo com o merecido”; 1250a10-15). Paralelamente, apresenta-se o princípio da preservação dos costumes ancestrais, das instituições e das leis (1250b15-20).

Na *Rhetorica ad Herennium*, a justiça é definida como *aequitas ius uni cuique re tribuens pro dignitate cuiusque* (“a equidade que, numa causa, a cada um atribui o direito de acordo com o merecimento de cada um”; 3.3).

Cícero apresenta uma definição idêntica: *iustitia est habitus animi, communi utilitate conseruata, suam cuique tribuens dignitatem* (“a justiça é uma disposição do espírito que, preservando o interesse comum, concede a cada um o que merece”; *Inv.*2.160).

Os princípios da justiça, inicialmente emanados da própria natureza, acabaram por ser consagrados na lei e na religião, em resultado do uso e da aceitação generalizada. A par do direito civil codificado nas leis, designado por *ius* (2.162), considera-se a existência de uma axiologia tácita, que rege espontaneamente o comportamento humano. A esta forma de justiça chama-se *naturae ius* (161).

O direito natural comporta o cumprimento dos deveres para com os deuses, a pátria e os pais, comumente traduzido pela palavra *pietas* (*Inv.*2.161). A *Rhetorica ad Herennium* salienta esta ideia, sucessivamente, em 3.4 e em 3.5, enquanto a obra grega sobre as virtudes e os vícios se refere à transgressão deste tipo de obrigações, sob a forma ἀσέβεια ‘impiedade’, como uma das formas de injustiça (1251a30-35).

1.1.1. Impiedade

O desvio à observância das regras da *pietas* é frequentemente censurado na tragédia de Séneca, que utiliza cinco adjetivos para exprimir essa falta. *Impius* revela-se, neste caso, o mais recorrente.

a) *impius* ‘ímpio’

O prefixo *in-* nega a qualidade de ser *pius* (EM, s.v.), ou seja, de cumpridor dos deveres para com os deuses, a pátria e os pais. O antónimo surge, sobretudo, para traduzir o desvio nas relações familiares, com os significados de ‘ímpio, sacrílego, criminoso’.

Assim, pode definir a conduta subversiva dos filhos em relação aos pais, de que Electra é censurada (Ag.953-954; Ag.986-987):

CLYTEMESTRA *Hostis parentis, impium atque audax caput
quo more coetus publicos uirgo petis?*

CLITEMNESTRA Inimiga da tua mãe, criatura ímpia e audaciosa, com base em que costume⁶, tu, uma virgem, frequentas lugares públicos?

CLYTEMESTRA *Aegisthe, cessas impium ferro caput
demetere?*

CLITEMNESTRA Egisto, hesitas em cortar com o ferro esta cabeça ímpia?

No caso de Édipo, a sua utilização deriva de actos que perturbam a relação da personagem com os pais, designadamente o parricídio e o incesto (Oed.935-936):

NVNTIVS *Haec fatus aptat impiam capulo manum
ensemque ducit.*

MENSAGEIRO Dito isto, ajusta a sua mão ímpia ao punho e desembainha a espada.

Inversamente, *impius* pode exprimir a censura da atitude dos pais em relação aos filhos. Hércules verbaliza a sua própria condenação por ter morto os filhos (Her.F.1329-1330):

HERCVLES *in quas impius
terras recedes?*

HÉRCULES Para que terra, ímpio, te retirarás?

O mesmo Hércules manifesta a sua revolta em relação à inflexibilidade de Júpiter, que lhe recusa, continuamente, a ascensão aos astros (Her.F.965-967):

⁶ Tarrant, 1976, ad 954: *quo more* ‘in accordance with what custom’.

HERCVLES *uincla Saturno exuam
contraque patris impij regnum impotens
auum resoluam...*

HÉRCULES Desembaraçarei Saturno dos seus anéis
e, contra a tirania descontrolada de um pai ímpio,
libertarei o meu avô...

Atreu atira ao irmão a terrível acusação de ter deglutido os próprios filhos (*Thy.* 1034):

ATREVS *Epulatus ipse es impia natos dape.*

ATREU Tu próprio comeste os teus filhos num banquete ímpio.

Teseu utiliza a mesma forma para votar Fedra à sepultura, reprovando a sua conduta moral em relação a Hipólito (*Phaed.* 1280):

THESEVS *...grauisque tellus impio capiti incubet.*

TESEU ...e que a terra pesada cubra a sua cabeça ímpia.

O filho de Egeu não deixa, contudo, de se recriminar a si próprio pela precipitada reivindicação da punição para o filho. Eis o seu apelo às forças subterrâneas (*Phaed.* 1203):

THESEVS *Impium rapite atque mersum premite perpetuis malis.*

TESEU Arrebatai este ímpio e esmagai-o, soterrado por castigos perpétuos.

O Coro recrimina Tântalo pela morte de Pélops (*Thy.* 144-146):

CHORVS *Exceptus gladio paruulus impio
dum currit patrium natus ad osculum,
immatura focus uictima concidit...*

CORO Colhido, ainda pequenino, pelo teu gládio ímpio,
quando corria para beijar o pai, o teu filho,
vítima prematura, tomba sobre o fogo...

A ausência de *pietas* pode, também, remeter para a discórdia entre irmãos, como no caso de Tiestes e Atreu (*Thy.* 23-24):

FVRIA *Perge, detestabilis
umbra, et penates impios furiis age.*

FÚRIA Avança, detestável
sombra, e incita, com as tuas fúrias, estes penates ímpios.

Neste excerto, *impius* traz reminiscências do filicídio perpetrado por Tântalo, ao mesmo tempo que implica já a traição mútua dos seus descendentes. Tiestes teve uma relação amorosa ilícita com a esposa de Atreu e este, por sua vez, iludirá o irmão com propostas de cooperação amigável, acabando por matar os sobrinhos e os servir ao pai, no intuito de se vingar (*Thy.*46-48):

FVRIA ...*impia stuprum in domo*
leuissimum sit fratris; et fas et fides
iusque omne⁷ pereat.

FÚRIA ...que, nesta casa ímpia, o adultério
do irmão seja o crime mais ligeiro; e que a lei divina e a boa-fé
e o direito, todos pereçam!

A gravidade dos actos em causa é reforçada por serem praticados entre irmãos. Repare-se que Tiestes é designado por *frater*, para acentuar o laço familiar que o une a Atreu. O genitivo subjectivo fixa a sua responsabilidade no adultério.

A disputa pelo trono entre Etéocles e Polinices é levada até ao confronto armado, que provoca os apelos de Antígona e Jocasta, dirigidos, respectivamente, a Édipo e a Polinices (*Phoen.*290-292; *Phoen.*467-468):

ANTIGONA *tu impij belli minas*
auertere unus tuque uecordes potes
inhibere iuuenes...

ANTIGONA Somente tu podes afastar
as ameaças de uma guerra ímpia e somente tu podes deter
aqueles jovens desvairados...

IOCASTA ...*clude uagina impium*
ensem...

JOCASTA ...guarda essa espada ímpia
na bainha...

⁷ Tarrant, 1985, *ad* 48; Campos, 1996, 59: *omne* qualifica *fas*, *fides* e *ius*.

A guerra é apelidada de ímpia, por um lado, porque os dois chefes das facções contrárias são irmãos e, por outro, porque um deles, Polínicos, marcha com um exército estrangeiro contra a pátria. De acordo com o relato de Creonte, Laio, ao vaticinar a querela, caracteriza-a da mesma forma (*Oed.*646):

CREO ‘...et penates *impio* Marte obteram.’

CREONTE ‘...e eu destruirei os teus penates com uma guerra ímpia.’

Finalmente, *impius* pode ser aplicado à supressão das regras do relacionamento conjugal. Cassandra descreve o homicídio de Agamémnon (*Ag.*897-900):

CASSANDRA *Armat bipenni Tyndaris dextram furens
qualisque ad aras colla taurorum popa*⁸
*designat oculis antequam ferro petat,
sic huc et illuc *impiam* librat manum.*

CASSANDRA A filha de Tíndaro, enfurecida, arma a sua mão direita com
um machado de dois gumes]
e, como o sacerdote que, junto aos altares, marca primeiro com os olhos
o pescoço dos touros, antes de os derrubar com o ferro,
assim ela balança a sua mão ímpia para um lado e para o outro.

O último excerto mostra que o adjectivo *impius* pode ser aplicado ao autor de crimes alheios à complexa rede das ligações familiares, como o homicídio e a usurpação do poder, de que Lico é exemplo (*Her.F.*516-519):

AMPHITRYON *Pro numinum uis summa, pro caelestium
rector parensque, cuius excussis tremunt
humana telis, *impiam* regis feri
compesce dextram!*

ANFITRIÃO Ó supremo poder divino, ó rei e pai
dos deuses! Com o lançamento dos teus dardos, fazes tremer
a humanidade! Detém a mão ímpia
deste rei fero!

⁸ Tarrant, 1976, *ad* 898: há outras lições para a palavra *popa* (*prius* e *pius*) e ainda uma lição que substitui *qualisque* por *qualis qui*; este autor opta por manter *popa* e *qualisque*. Descreve ainda o ritual do sacrifício dos animais, em que normalmente dois ministros seguram a vítima e um terceiro desfere o golpe; Clitemnestra é comparada ao último.

b) *infandus* ‘sacrílego’ e *nefandus* ‘nefando’

Com *impius* coexistem *infandus* e *nefandus*. Partilham a raiz de *for* ‘falar’ (EM, *s.v.*) e a mesma estrutura de formação, com base em prefixos de negação equivalentes. Os Antigos relacionavam esta raiz etimológica com *fas* ‘direito divino’, de modo que o seu oposto, *nefas*, parece ter influenciado a composição da segunda forma. Inequívoca é a relação de *fatum* com a raiz de *for*, no sentido de ‘pronunciamento divino’. O gerundivo *fandus* adquire, coerentemente, sentidos como ‘de que se pode falar, que pode ser dito’ e, daí, ‘permitido, legítimo’. Deste modo, os antónimos qualificam o que é interdito pela lei divina ou aquele que o pratica. Assumem, por isso, os sentidos de ‘nefando, sacrílego, ímpio, criminoso’.

Os dois adjectivos alternam indiscriminadamente e nos mesmos contextos em que ocorre *impius*, para definir os mesmos desvios, como, por exemplo, o desafio da autoridade parental, da parte de Electra em relação à mãe (Ag.981-982):

*AEGISTHVS Furibunda uirgo, uocis infandae sonum
et aure uerba indigna materna opprime.*

EGISTO Virgem furibunda, retém o som da tua voz sacrílega
e as palavras indignas dos ouvidos maternos!

A condenação do parricídio e da união incestuosa entre Édipo e Jocasta recorre, igualmente, aos dois adjectivos em causa, com que as duas personagens se recriminam a si mesmas (*Oed.871; Oed.1014-1015; Oed.1028-1031*):

OEDIPVS congerite ciues saxa in infandum caput...

ÉDIPO Amontoai pedras, cidadãos, para a minha cabeça sacrílega...

*OEDIPVS congedi fas amplius
haut est nefandos.*

ÉDIPO Não é permitido que, nefandos,
tornemos a encontrar-nos.

*IOCASTA non si ipse mundum concitans diuum sator
corusca saeua tela iaculetur manu
umquam rependam sceleribus poenas pares
mater nefanda.*

JOCASTA Mesmo que o próprio pai dos deuses, que sacode o universo, lance os seus dardos coruscantes, com a sua mão implacável, nunca eu, mãe nefanda, pagarei um castigo proporcional aos meus crimes.

Laio aponta o culpado da desgraça que se abatera sobre Tebas (*Oed.*630-635):

CREO *'patria, non ira deum, sed scelere raperis: non graui flatu tibi luctificus Auster nec parum pluuiio aethere satiata tellus halitu sicco nocet, sed rex cruentus, pretia qui saeuae necis sceptrata et nefandos occupat thalamos patris...'*

CREONTE *'Pátria, não és devastada pela ira dos deuses, mas por um crime: o que te está a fazer mal não é o luctífico Austro com o seu sopro abrasador, nem a terra pouco saciada pela humidade do ar, por causa de um vento seco, mas um rei cruento, que, como recompensa de um assassinio implacável, ocupa o trono e o nefando tálamo de seu pai...'*

Outro incesto é alvo do mesmo tipo de censura, o de Tiestes e Pelopeia (*Ag.*28-30):

THYESTIS *VMBRA Nec hactenus⁹ Fortuna maculauit patrem, sed maius aliud ausa commisso scelus gnatae nefandos petere concubitus iubet.*

FANTASMA DE TIESTES *E a Fortuna não me manchou como pai só até este ponto,]*
 mas, ousando outro crime maior do que o cometido, ordena-me que busque uma união nefanda com a minha filha.

Igualmente ilícita é a relação amorosa que Fedra desejou encetar com o enteado, como a própria reconhece (*Phaed.*596):

PHAEDRA *...admouimus¹⁰ nefanda.*

FEDRA *...praticámos actos nefandos.*

Atreu recorre ao último crime familiar do irmão para sublinhar a sua tendência criminosa (*Thy.* 1105-1106):

⁹ Tarrant, 1976, ad 28: "hactenus means 'so far' (and no 'farther')".

¹⁰ Cf. Coffey and Mayer, 1990, 66: *amauimus nefanda*.

ATREVS ...*nec quod nefandas hauseris angit dapes:
quod non pararis!*

ATREU ...e não te angustia teres devorado o nefando banquete,
mas o facto de não o teres preparado!

Nefandus e *infandus* podem surgir, ainda, quando estão em causa crimes que não envolvem membros da mesma família. Assim se compreende a perífrase que Hércules utiliza para designar, em tom pejorativo, aqueles que pensava serem os filhos de Lico (*Her.F.987-988*):

HERCVLES *Sed ecce proles regis inimici latet,
Lyci nefandum semen...*

HÉRCULES Mas eis a prole do rei inimigo a esconder-se,
a nefanda semente de Lico...

O homicídio de Agamémnon pertence a Clitemnestra e a Egisto. Contudo, Electra dirige a sua indignação, exclusivamente, ao último (*Ag.983*):

ELECTRA *Etiam*¹¹ *monebit sceleris infandi artifex...?*

ELECTRA Também me vai dar conselhos o artífice deste crime sacrílego?!

c) *scelestus* ‘criminoso’ e *sceleratus* ‘celerado’

Trata-se de dois derivados de *scelus* (EM, s.v.). Este substantivo contém as ideias de ‘má acção, falta, crime’. Os adjectivos designam o que comete acções deste teor, assumindo os sentidos de ‘criminoso, sacrílego, ímpio’.

As três primeiras ocorrências estão relacionadas com a estirpe dos Labdácidas. *Sceleratus* aparece no oráculo de Apolo, para designar o parricídio (*Oed.236*):

CREO *‘nec tibi longa manent sceleratae gaudia caedis...’*

CREONTE ‘E para ti não será longa a alegria de um assassinio celerado...’

Édipo serve-se de *scelestus* para se invectivar a si mesmo e para caracterizar os filhos (*Oed.926-928; Phoen.295-297*):

¹¹ Tarrant, 1976, ad 983: *etiam* exprime surpresa, choque.

NVNTIVS ‘quid poenas moror?’,
ait, ‘hoc scelestum pectus aut ferro petat
aut feruido aliquis igne uel saxo domet.’

MENSAGEIRO ‘Porque retardo o castigo?’,
diz ele, ‘Este peito criminoso, que alguém o atinja ou com o ferro,
ou com o fogo vivo, ou o dome com uma pedra.’

OEDIPVS *Illis parentis ullus aut aequi est amor
auidis cruoris imperi armorum doli,
diris, scelestis, breuiter ut dicam, meis?*

ÉDIPO Têm eles algum amor pelo pai ou pela justiça,
eles que são ávidos de sangue, de poder, de guerras, de dolo,
sinistros, criminosos, para ser breve, meus?

Clitemnestra e Egisto recebem o mesmo qualificativo, neste apelo de Electra a Orestes (Ag.911):

ELECTRA ...*fuge et scelestas hostium euita manus.*

ELECTRA ...foge e evita as mãos criminosas dos inimigos.

Por último, o epíteto de *scelestus* é atribuído por Hércules a Lico, quando acredita estar diante de um dos filhos do adversário (*Her. F.* 1001-1002):

HERCVLES ...*hic uideo abditum
gnatum scelesti patris.*

HÉRCULES ...aqui vejo, escondido,
o filho daquele pai criminoso.

d) *nocens* e *noxius* ‘culpado’

Estas duas formas pertencem à família lexical de *nex*, *necis* ‘morte violenta, assassínio’ (EM, *s.v.*), de *noceo* ‘fazer mal, prejudicar, cometer uma falta, um crime’, de *necare* ‘matar’, e de *noxa* ‘prejuízo, falta’. *Nocens* deriva de *noceo* e *noxius* de *noxa*. Apresentam ambos duas vertentes de sentido: a primeira contempla as acepções de ‘nocivo, prejudicial’ e será explorada quando se abordar, ainda no âmbito da *iniustitia*, o tema da perniciosidade da acção das personagens (1.1.7a); a segunda contém as noções de ‘culpado, criminoso’, que convém analisar agora.

Édipo reconhece-se *nocens* (*Oed.* 1044-1045; *Phoen.* 157-158):

*OEDIPVS ...bis parricida plusque quam timui nocens
matrem peremi...*

ÉDIPO ...duas vezes parricida e mais culpado do que temi,
matei a minha mãe...

*OEDIPVS non destino unum uulneri nostro locum:
totus nocens sum...*

ÉDIPO Não aponto um lugar único para ser ferido:
todo eu sou culpado...

Perante as acusações de Creonte, Medeia justifica assim os seus crimes passados (*Med.* 280):

MEDEA ...totiens nocens sumi facta, sed numquam mihi.

MEDEIA ...quantas vezes me tornei culpada, mas nunca em meu interesse!

Posteriormente apresenta o mesmo argumento a Jasão (*Med.* 503):

MEDEA ...tibi innocens sit quisquis est pro te nocens.

MEDEIA ...que seja para ti inocente quem, por ti, é culpado.

Numa apóstrofe a Júpiter, Medeia insiste na partilha da responsabilidade dos crimes que cometeu entre a autora e o beneficiário, ou seja, entre ela e Jasão (*Med.* 535-536):

*MEDEA ...quisquis e nobis cadet
nocens peribit...*

MEDEIA ...qualquer de nós que tombar,
perecerá um culpado...¹²

No êxodo da peça, Jasão assume-se como responsável pelos crimes cometidos, na tentativa desesperada de evitar que Medeia mate o segundo filho (*Med.* 1004-1005):

*IASON si quod est crimen, meum est:
me dedo morti; noxium macta caput.*

¹² Cf. Hine, 2000, 79: “whichever of us falls / will die guilty...”.

JASÃO Se existe algum crime, é meu:
entregue-me à morte; imola a minha cabeça culpada.

e) *reus* ‘réu’

Finalmente, considere-se o substantivo *reus* (EM, s.v.). Os Antigos relacionavam-no com *res*. Deste modo, o *reus* é aquele cujos interesses e acções são postos em causa. Por isso, assume os sentidos de ‘acusado, culpado’, que mantém nas línguas românicas.

Édipo serve, neste caso, como exemplo único e é a própria personagem que reconhece este estatuto (*Oed.*34; *Phoen.*251-253):

OEDIPVS ...*scilicet Phoebi reus*...

ÉDIPO ...é evidente que sou um réu de Febo...

OEDIPVS *abstrusum, abditum*
dubiumque an essem sceleris infandi reum
deus egit...

ÉDIPO Fechado, escondido
e sem saber se existia, um deus me tornou
réu de um crime sacrílego...

1.1.2. Mancha

O derramamento de sangue deixa um estigma frequentemente representado pela mancha de sangue que provém da vítima e se agarra à arma, à mão ou à roupa do criminoso, conferindo-lhe o atributo pejorativo de ‘manchado’.

a) *maculatus* ‘maculado’

É o particípio passado de *maculo* ‘manchar’, da mesma família lexical de *macula* ‘mancha’ (EM, s.v.).

Electra descreve a mãe, que se aproxima (*Ag.*947-948):

ELECTRA *Adest cruenta coniugis uictrix sui*
et signa caedis ueste maculata gerit.

ELECTRA Aproxima-se a cruenta vencedora do seu marido e traz no vestido maculado a marca do assassínio.

Clitemnestra tinha acabado de matar o marido e resíduos de sangue tinham-se fixado à sua roupa, como para constituir uma prova

irrefutável do crime. O valor literal do participípio esbate-se noutras sequências em que ocorre, como esta em que Édipo exorta desabridamente os filhos a concretizarem as suas intenções criminosas (*Phoen.*344-345):

OEDIPVS ...maculatos lares
conflate...

ÉDIPO ...incendiai
os vossos lares maculados...

Às palavras de Édipo está subjacente a ideia de que o parricídio e o incesto trouxeram uma nódoa moral à casa dos Labdácidas.

b) *sparsus, aspersus e respersus* ‘manchado’

Trata-se de três participípios passados, dois dos quais de verbos compostos, *aspergo* e *respargo*, em que o prefixo apenas precisa o sentido do verbo simples, *spargo* ‘espalhar, aspergir, juncar, cobrir’ (EM, s.v.).

Hércules vê o seu corpo manchado pelo sangue da família e sente ímpetos de o aniquilar pelas chamas (*Her.F.*1216-1217):

HERCVLES *quin structum aceruans nemore congesto aggerem
cruore corpus impio sparsum cremo?*

HÉRCULES Porque não acumulo um montão de lenha, erguendo uma pira para queimar o meu corpo manchado com sangue ímpio?

Mégara repudia a aliança com Lico (*Her.F.*372-373):

MEGARA *Egone ut parentis sanguine aspersam manum
fratrumque gemina caede contingam?*

MÉGARA Hei-de eu tocar a tua mão manchada com o sangue do meu pai e com o duplo assassínio dos meus irmãos?

Édipo assume o parricídio e o incesto (*Phoen.*267-269):

OEDIPVS ...*in patrios toros*
*tuli paterno sanguine aspersas manus*¹³
scelerisque pretium maius accepi scelus.

¹³ Frank, 1995, ad 267-8: reconhece-se a presença da ideia de poluição moral e aproxima-se este passo de *Her.F.*372-373, anteriormente citado.

ÉDIPO ...para o leito paterno
 levei as mãos manchadas com o sangue do meu pai
 e, como recompensa do meu crime, recebi um crime maior.

Electra provoca a mãe (Ag.976-977):

*ELECTRA scelus paratum est*¹⁴: *caede respersam uiri
 atque obsoletam sanguine hoc dextram ablue.*

ELECTRA O crime está pronto: a tua mão manchada e suja
 com a morte do teu marido, lava-a com este sangue.¹⁵

c) *pollutus* ‘poluído’

A ideia de sujidade, já presente no excerto anterior, no participípio de *obsolesco*, toma forma noutros vocábulos, como o participípio de *polluo* ‘manchar, sujar, poluir’ (EM, s.v.), um composto de *por-*, um prefixo que alterna com *per* e *pro*, e de **luo*, ‘manchar’.

Hércules apresenta argumentos para justificar, aos olhos de Anfítrio, a sua decisão de morrer (*Her.F.*1261-1262):

*HERCVLES nemo polluto queat
 animo mederi...*

HÉRCULES Ninguém pode curar
 um espírito poluído...

A conotação moral é, aqui, inequívoca.

d) *sordidus* ‘sórdido’

Este adjectivo é um derivado de *sordes* ‘sujidade’ (EM, s.v.). É utilizado por Anfítrio para salientar, de forma contundente, as origens reprováveis do poder de Lico. O pronome inicial refere-se a Tebas (*Her.F.*265-267):

*AMPHITRYON ...haec quae caelites
 recepit et quae fecit et – fas sit loqui –
 fortasse faciet, sordido premitur iugo.*

¹⁴ Tarrant, 1976, ad 976: há outra lição que adopta *peractum*; este editor regista *paratum*, a que atribui o sentido de ‘at hand’.

¹⁵ Seguiu-se a interpretação de Tarrant, 1976, ad 977.

ANFITRIÃO ...esta que acolheu
deuses e que o fez e que – seja permitido dizê-lo –
porventura, o tornará a fazer, é oprimida por um sórdido jugo.

1.1.3. Confusão de estatutos

O incesto, uma das alterações do *naturae ius*, produz a invectiva da sobreposição de estatutos à partida inconciliáveis. Daqui resulta a exploração de vocábulos com o traço semântico predominante da ‘confusão’.

a) *implicitus* ‘complicado’ e *perplexus* ‘complexo’

Os dois adjectivos partilham a mesma raiz etimológica. *Perplexus* é formado sobre *plecto* (EM, s.v.), que significa ‘enlaçar, entrelaçar, entrançar’; *implicitus* é o participio passado de *implico*, que, como *aplico*, *complico* e *explico*, partilha a raiz de *plecto*, sem o sufixo dental e com a apofonia do *e* em *i*. Destes compostos, retirou-se o verbo simples *plico*, que significa ‘dobrar, enrolar’.

Édipo avulta, neste contexto, como um exemplo paradigmático. Laio aponta-o como um caso aberrante de subversão das leis da natureza (*Oed.*640-641):

CREO ‘...*fratres sibi ipse genuit – implicitum malum
magisque monstrum Sphinge perplexum sua.*’

CREONTE ‘...ele próprio gerou irmãos para si mesmo – mal complicado, e monstro mais complexo do que a sua Esfinge.’

Os substantivos *monstrum* e *Sphinx* também contribuem para a elaboração da ideia de sobreposição anormal de estatutos. De facto, *monstrum* (EM, s.v.) deriva de *moneo*, no sentido de ‘advertência dos deuses’, que se manifesta na forma de prodígio. Por isso, designa aberrações da natureza, como serpentes com pés, aves com quatro asas, animais com duas cabeças... Igualmente significativo é o cotejo, com vantagem, de Édipo com a Esfinge, também ela uma criatura híbrida: rosto de mulher, corpo de leão, asas, cauda de dragão; Édipo era filho e marido de Jocasta, pai e irmão de Etéocles e Polínicos, o que o faz avultar como um caso paroxístico de miscigenação de graus de parentesco.

b) *confusus* ‘confuso’

Confusus é o particípio de *confundo*, um composto de *fun-do* (EM, s.v.), que significa ‘verter, derramar, espalhar’. O prefixo confere-lhe uma conotação de simultaneidade que acentua a ideia de falta de clareza e de ordem. Para tal, também contribui, nesta sequência, o verbo *misceo*, com o sentido de ‘misturar’.

A Ama antecipa o resultado de uma união entre Fedra e Hipólito (*Phaed.* 171-172):

*NVTRIX miscere thalamos patris et gnati apparatus
uteroque prolem capere confusam impio?*

AMA Preparas-te para misturar os tálamos do pai e do filho
e para acolher no teu ventre ímpio uma prole confusa¹⁶?

c) *ambiguus* ‘ambíguo’

Ambiguus deriva de *ambigo*, um composto de *ago* (EM, s.v.) que significa ‘puxar de um lado e do outro, colocar sobre os pratos da balança, deixar em suspenso, duvidar’. O traço semântico de simultaneidade está contido no elemento *amb-*.

Electra aproveita o facto de Egisto ser fruto de uma união incestuosa como argumento para o diminuir (*Ag.* 983-985):

*ELECTRA Etiam monebit sceleris infandi artifex,
per scelera natus, nomen ambiguum suis,
idem sororis gnatus et patris nepos?*

ELECTRA Também me vai dar conselhos o artífice deste crime sacrílego,
nascido de crimes, nome ambíguo para os seus¹⁷,
ao mesmo tempo filho da irmã e neto do pai?!

1.1.4. Monstruosidade

A sobreposição invulgar de estatutos não é o único desvio da natureza que leva a que uma personagem seja designada *monstrum*. Com efeito, a realização de actos excepcionalmente chocantes ou de uma crueldade que ultrapassa o humanamente concebível conduz a que personagens e actos sejam qualificados como monstruosos.

¹⁶ Coffey and Mayer, 1990, *ad* 172: um filho de Fedra e Hipólito seria enteado e neto de Teseu; daí o uso de *confusus*.

¹⁷ Tarrant, 1976, *ad* 984: “whose proper name (i.e. relationship) is unclear even to his own”.

a) *monstrum* ‘monstro, monstrosidade’

Pelos crimes que cometeu, Édipo considera-se um monstro ainda maior do que a Esfinge e, portanto, capaz de ocupar o seu lugar (*Phoen.* 121-122):

OEDIPVS *dira ne sedes uacet,*
monstrum repone maius.

ÉDIPO Para que o seu sinistro lugar não esteja desocupado, substitui-a por um monstro maior.

Medeia é acusada de uma crueldade desumana (*Med.* 190-191):

CREO *Vade ueloci uia*
monstrumque saeuum horribile iamdudum auehe.

CREONTE Vai-te em marcha célere,
e parte enfim¹⁸, monstro implacável, horrível.

O parricídio e o incesto voltam a ser associados à ideia de monstrosidade (*Phoen.* 137):

OEDIPVS *monstra quis tanta explicet?*

ÉDIPO Quem pode explicar tamanha monstrosidade?¹⁹

A Ama presente que Medeia arquitecta um acto de excepcional crueldade (*Med.* 674-675):

NVTRIX *...maius parat*
Medea *monstrum.*

AMA ...Medeia prepara
uma monstrosidade maior.

Teseu reconhece a arma de Hipólito, de que, alegadamente, se teria servido para o estupro (*Phaed.* 898):

¹⁸ Hine, 2000, *ad* 191: *iamdudum* com imperativo significa ‘agora depois de tanto tempo, agora finalmente’.

¹⁹ Frank, 1995, *ad* 137: coloca-se a questão de *monstra* se referir aos acontecimentos ou aos protagonistas; nesta edição opta-se pela primeira hipótese.

ANDROMACHA *ingrata*, *dubitas? Hector est illinc tuus...*

ANDRÓMACA Ingrata, tens dúvidas? É o teu Heitor que ali está...

Hércules insurge-se contra o mundo inteiro, que libertara dos monstros terríveis que o assolavam e que não lhe valeu nos dois momentos em que ficou mais exposto: quando Lico tomou a sua casa de assalto e quando Dejanira lhe impôs a agonia da túnica enfeitiçada (*Her.F.631-632; Her.O.1332*):

HERCVLES *Ingrata* *tellus, nemo ad Herculeae domus auxilia uenit?*

HÉRCULES Terra ingrata, ninguém veio em auxílio da casa de Hércules?

HERCVLES *ingrate cessas orbis? Excidimus tibi?*

HÉRCULES Mundo ingrato, não reages? Estou morto para ti?

Também Alcmena se revolta contra a indiferença geral para com a mãe do grande Hércules, quando percebe a vulnerabilidade a que o desaparecimento do filho a condena (*Her.O.1810*):

ALCMENE *omne iam ingratum est genus.*

ALCMENA Toda a raça humana é já ingrata.

1.1.6. Engano

O autor de *Περὶ ἀρετῶν καὶ κακιῶν* afirma que a justiça é acompanhada pela ἀλήθεια ‘verdade’ e pela πίστις ‘boa-fé’ (1250b20-25), enquanto a injustiça coexiste com a φιλοανθρωπία προσποιήτος ‘filantropia fingida’ (1251b1-5).

No *De Inuentione*, Cícero apresenta a *ueritas* ‘verdade’ como a parte integrante da justiça *per quam inmutata ea quae sunt aut ante fuerunt aut futura sunt, dicuntur* (“pela qual se considera imutável o que existe ou o que existiu antes ou o que há-de existir”; 2.161). No *De Officiis*, condena a *fraus* ‘fraude’ como algo indigno do ser humano (1.41) e reitera a ligação da *ueritas* à *iustitia* (1.63).

a) *subdolos* ‘enganador’

É um composto de *dolus* ‘dolo, engano, fraude’ (EM, s.v.). O prefixo tem um efeito de atenuação do sentido, perceptível no advérbio

formado sobre este adjectivo, *subdole* ‘um pouco arditosamente, com alguma manha’ (cf. *dolose* ‘ardilosamente, com manha’; *Her.O.* 1459).

Andrómaca censura Helena pela sua tentativa de persuadir as Troianas de que se preparava o casamento entre Pirro e Políxena, quando, na verdade, se urdia a imolação da jovem (*Tro.* 933):

ANDROMACHA *dic, fare, quicquid subdolo uultu tegis.*

ANDRÓMACA Fala, diz tudo o que escondes sob o teu rosto enganador.

Em *Agamémnon*, o Coro das Troianas recorda o artifício do cavalo de madeira, fruto da mente arditosa de Ulisses (*Ag.* 633-636):

CHORVS ...*saepe commotae sonuere parmae
tacitumque murmur percussit aures,
ut fremuit male subdolo
parens Phyrrihus Vlixii.*

CORO ...muitas vezes soaram os escudos, agitados,
e um murmúrio abafado chegou-nos aos ouvidos
quando Pirro reclamou, obedecendo a custo²¹
ao enganador Ulisses.

b) *perfidus* ‘pérfido’ e *infidus* ‘desleal’

Trata-se, agora, de dois compostos de *fidus* ‘em que se pode confiar, fiel’. Este adjectivo tira a sua raiz do verbo *fido* ‘confiar’ (EM, *s.v.*). O prefixo *per-* indica desvio, afastamento, e o prefixo *in-* negação da qualidade de ser *fidus*, ou seja, de demonstrar *fides* ‘boa-fé, fidelidade, lealdade’ (EM, *s.v.*).

Cícero afirma que *fundamentum est iustitiae fides, id est dictorum conuentorumque constantia et ueritas* (“o fundamento da justiça é a boa-fé, isto é, a constância e a verdade das palavras e dos acordos”; *Off.* 1.23). Esta definição é corroborada pela explicação etimológica atribuída aos Estóicos, que preconizavam a composição da palavra *fides* com base na condensação fonética da expressão *fiat quod dictum est*.

Além disso, a *fides* assume-se como um valor indispensável na orientação das relações políticas²². É assim que Édipo acusa Creonte de se estar a servir de uma lealdade comprovada, como estratégia de apropriação do poder (*Oed.* 686):

²¹ Tarrant, 1976, *ad* 636: *male parens = uix parens* (lítotes).

²² Hellegouarc’h, 1972, 275.

OEDIPVS Aditum nocendi perfidus praestat fides.

ÉDIPO A boa-fé fornece ao pérfido a oportunidade de lesar.

Neste contexto, é pertinente apresentar uma outra explicação do sentido literal de *perfidus*, segundo a qual o prefixo contém o valor de ‘através de’, conotando o detentor deste atributo como ‘aquele que engana pela boa-fé’ (EM, s.v. *fides*).

Medeia acusa Jasão de ter traído a sua confiança (*Med.*916-917):

*MEDEIA Quo te igitur, ira, mittis, aut quae perfidus
intendis hosti tela?*

MEDEIA Para onde te lanças, pois, ira, ou que dardos
preparas para o pérfido inimigo?

Dejanira recorda palavras de Hércules, proferidas quando percebeu que o Centauro Nesso se preparava para fugir com ela, sob pretexto de a ajudar a atravessar o rio Eveno. Ainda dentro de água, Hércules exclama (*Her.O.*514-516):

*DEIANIRA ... ‘infide uector’ inquit, ‘immixti licet
Ganges et Hister uallibus iunctis eant,
uincemus ambos, consequar telo fugam.’*

DEJANIRA ... ‘transportador desleal’, diz ele, ‘ainda que
o Ganges e o Istro, unindo os seus vales, corram misturados,
vencerei ambos, alcançar-te-ei na fuga, com a minha flecha.’

c) *fallax* ‘falacioso’

Este adjectivo tem a mesma raiz de *fallo* ‘enganar’ (EM, s.v.). Por isso, adquire os sentidos de ‘falacioso, enganador’.

Dejanira exaspera-se por ter caído na armadilha do Centauro, que lhe assegurara que a poção preparada com o seu sangue lhe garantiria o afecto de Hércules (*Her.O.*965-966):

*DEIANIRA pro nimis mens credula,
pro Nesse fallax atque semiferi doli!*

DEJANIRA Oh espírito demasiado crédulo,
oh Nesso falacioso e enganos monstruosos!

Hécuba recorda-se de ter sonhado, durante a gestação de Páris, que dava à luz uma tocha, símbolo da destruição de Tróia pelo fogo (*Tro.*38-40):

*HECVBA non cautus ignes Ithacus aut Ithaci comes
nocturnus in uos sparsit aut fallax Sinon:
meus ignis iste est, facibus ardetis meis.*

HÉCUBA Não foi o cauteloso Itacense, nem o companheiro nocturno do Itacense, nem o falacioso Sínon que contra vós lançou o fogo: este fogo é meu, ardeis por causa das minhas tochas.

A rainha lembra três célebres guerreiros aqueus: Ulisses, Diomedes e Sínon. Sob pretexto de se tratar de uma oferta de boa-fé, o último convenceu os Troianos a aceitar o cavalo de madeira, que acabou por se revelar o móbil da destruição da cidade. Por isso, é qualificado de *fallax*.

Porém, o guerreiro aqueu mais conotado com a capacidade de dissimulação é, sem dúvida, Ulisses, que recebe o mesmo epíteto da parte de Hécuba, quando esta expõe as vantagens de Príamo já não estar entre os vivos (*Tro.*148-149):

*HECVBA ...non ille duos uidet Atridas
nec fallacem cernit Vlixem...*

HÉCUBA ...ele não vê os dois Atridas
nem reconhece o falacioso Ulisses...

1.1.7. Perniciosidade

No *De Officiis* pode ler-se: *iustitiae primum munus est, ut ne cui quis noceat* (“a primeira função da justiça é não prejudicar ninguém”; 1.20). Mais à frente, Cícero acrescenta: *referri enim decet ad ea, quae posui principio fundamenta iustitiae, primum ut ne cui noceatur, deinde ut communi utilitati seruiatur* (“convém, de facto, fazer referência aos fundamentos da justiça que apresentei no princípio, primeiro não prejudicar ninguém, depois servir o interesse comum”; 1.31). A mesma ideia é apresentada em *Fin.*5.65.

De facto, sobressai das reflexões ciceronianas acerca da justiça uma notória insistência no objectivo da sua utilidade comum. É o que acontece em *Off.*2.38: *[iustitia] prodesse uult plurimis* (“[a justiça] quer ser útil ao maior número”); ou em *Off.*3.21-32, de onde se salienta esta síntese: *communis utilitatis derelictio contra naturam est; est enim iniusta* (“o abandono do interesse comum é contra natura; é, de facto, injusto”; 30); ou, enfim, em *Fin.*1.50, onde se assevera que a justiça *numquam nocet cuiquam* (“nunca prejudica ninguém”). Igualmente, no *De Republica*, exalta-se a justiça como a virtude *maxime*

munifica et liberalis (“mais munificente e liberal”), que faz sobrepor o interesse comum ao privado (3.12).

Quando a acção das personagens se revela prejudicial para as restantes e para o mundo que as rodeia, a invectiva visa a sua perniciosidade. Eis os vocábulos escolhidos por Séneca para a exprimir.

a) *nocens* ‘nocivo’ e *noxius* ‘pernicioso’

Comece-se por considerar a família lexical do verbo que Cícero utiliza para traduzir a ideia de ‘fazer mal, prejudicar’. *Nocens* e *noxius* assumem, aqui, os sentidos de ‘nocivo, pernicioso, prejudicial’²³.

Teseu é duramente censurado pela tendência para provocar a morte aos membros da sua própria família (*Phaed.* 1164-1167):

PHAEDRA O dure Theseu semper, o numquam ad tuos
tuto reuerse: gnatus et genitor nece
reditus tuos luere; peruertis domum
amore semper coniugum aut odio *nocens*.

FEDRA Oh, Teseu sempre duro, oh, Teseu que nunca para os teus regressaste sem perigo: o teu filho e o teu pai pagaram o teu regresso com a morte; destróis a tua casa, nocivo, sempre, por causa do amor ou do ódio das tuas esposas!

A utilização de dois compostos de *uerto* para traduzir as ideias de retorno (*reuerto*) e de destruição (*peruerto*) faz coincidir, através do jogo etimológico, o regresso de Teseu com a destruição da sua casa.

Creonte está bem ciente dos perigos que corre em manter Medeia na cidade (*Med.* 179-180):

CREO Medea, Colchi *noxium* Aetae genus,
nondum meis exportat e regnis pedem?

CREONTE Medeia, a perniciosa descendência do colco Eeta, ainda não encaminha os seus passos para fora do meu reino?

b) *infaustus* ‘infausto’

Retirado da linguagem religiosa, em que designa a propiciação dos deuses, o verbo *faueo* adquire os sentidos de ‘ser favorável, favorecer’ (EM, s.v.); *faustus* surge através de uma forma intermediária, o

²³ Cf. 1.1.1d, p. 51-53.

substantivo neutro **fauos*, paralelo a *fauor*, e adquire os sentidos de ‘feliz, afortunado, próspero, favorável, propício’. A aplicação do prefixo de negação *in-* dá origem a *infaustus*, com os sentidos de ‘infausto, infeliz, desventurado funesto, sinistro, desfavorável’. Na tradução, optou-se pela forma ‘infausto’ porque oferece a vantagem da proximidade etimológica.

Em *Phoenissae*, Jocasta esforça-se por demover os filhos de prosseguirem no conflito armado. Estas são as palavras dirigidas a Polínicês, que salientam as consequências negativas que poderiam advir, ao nível colectivo e familiar, do confronto entre os dois irmãos (*Phoen.*641-643):

IOCASTA *infaustas* age
dimitte pugnas, libera patriam metu,
luctu parentes.

IOCASTA Renuncia, vamos,
a estas guerras infaustas, liberta a tua pátria do medo
e do luto os teus pais!

A propósito das lutas internas, Cícero classifica a *seditione* ‘sedição’ e a *discordia* ‘discórdia’ como *res perniciosissima* (“a coisa mais perniciosa”) para uma cidade (*Off.*1.85), designa os conflitos internos como *pestifera bella ciuilia* (“pestíferas guerras civis”; 1.86) e condena duramente os que, em nome da ambição pessoal, do desejo de honras e riquezas, descumram o bem comum (1.86-87) e investem contra a pátria (1.87).

Na mordaz invectiva contra a sua linhagem, o fantasma de Laio utiliza o mesmo adjectivo para se referir à concepção de Édipo, que se revelara nociva para a família e para a cidade. Ao mesmo tempo, indíca que os filhos herdarão a propensão do progenitor (*Oed.*636-638):

CREO ...[*inuia proles: sed tamen peior parens
quam gnatus, utero rursus infausto grauis]*
egitque in ortus semet...

CREONTE ...[‘Odiosa prole! Todavia, pior pai
do que filho, novamente causa de peso para aquele ventre infausto,]
introduziu-se nas suas origens...’

O próprio Édipo insta-se a abandonar a cidade, por causa dos efeitos destrutivos que a sua presença parece exercer sobre Tebas (*Oed.*78-80):

OEDIPVS ...linque lacrimas, funera,
tabifica caeli uitia quae tecum inuehis
infaustus hospes, profuge iamdudum ocius...

ÉDIPO ...deixa as lágrimas, os funerais,
a podridão infecciosa do ar que levas contigo,
infausto estrangeiro, fuge enfim, rapidamente...

Hércules manifesta o desejo de punir as próprias mãos, pelo crime perpetrado contra a família (*Her.F.1235-1236*):

HERCVLES uos quoque *infaustas* meis
cremabo telis, o nouercales manus.

HÉRCULES Também a vós, mãos infaustas para as minhas flechas,
eu vos queimarei, ó mãos de madrasta!

Neste caso, o *datiuus incommodi* acentua o efeito nocivo do agente, as mãos, sobre o objecto, as armas.

c) *funestus* ‘funesto’

É um derivado de *funus* (EM, *s.v.*), que começa por designar o ritual fúnebre, sobretudo no plural, e acaba por adquirir os sentidos de ‘cadáver, morte, assassínio, ruína’. Por sua vez, *funestus* ostenta os sentidos de ‘funesto, mortal’.

É precisamente com este valor que o vocábulo aparece na objurgatória de Laio, que relaciona Édipo com a peste que assola Tebas (*Oed.647-649*):

CREO ‘Proinde pulsum finibus regem ocius
agite exilem quocumque: *funesto* gradu
solum relinquat; uere florifero uirens
reparabit herbas...’

CREONTE ‘Por isso, o rei rapidamente expulso das nossas fronteiras,
exilai-o para onde quer que seja: com o seu passo funesto,
que ele deixe a nossa terra; verdejante com uma primavera em flor,
ela recuperará as suas plantas...’

Fedra acusa-se a si própria e a Teseu por terem provocado a morte de Hipólito (*Phaed.1191-1192*):

PHAEDRA Audite, Athenae, tuque, *funesta* pater
peior nouerca: falsa memorauí...

FEDRA Ouve, Atenas, e tu, pai pior
do que uma madrasta funesta: contei falsidades...

d) *dirus* ‘sinistro’

Dirus (EM, s.v.) pertence à linguagem religiosa, em que tem os sentidos de ‘sinistro, de mau agouro’; foi substantivado na forma *dirae, arum* ‘presságios de mau agouro, pragas, imprecações’ e divinizado em *Dira* e *Dirae* ‘as Fúrias’; na linguagem corrente, assume sentidos como ‘terrível, medonho, funesto’.

Dirus ocorre para qualificar temperamentos, actos e sentimentos que acarretam consequências perniciosas para o seu detentor e para os que o rodeiam. Por isso, optou-se por traduzir este adjetivo por ‘sinistro’, no sentido de ‘desfavorável’, que assume na linguagem augural.

Assim, para Atreu, o irmão representa dano pessoal e, por isso, ordena ao Ministro (*Thy.*244):

ATREVS *Profare, dirum qua caput mactem uia.*

ATREU Explica de que modo posso imolar aquele indivíduo sinistro.

Hécuba, dirigindo-se ao Coro das Troianas, aponta Páris como o responsável pela desgraça que as oprime (*Tro.*65-66):

HECVBA *iamdudum sonet*
fatalis Ide, iudicis diri domus.

HÉCUBA *Que imediatamente ressoe*
o fatal Ida, morada do sinistro juiz.

A rainha troiana refere-se a Páris como *iudex* porque tem em conta o papel que o filho desempenhou na disputa olímpica pelo título de mais bela, que opôs Juno, Minerva e Vénus, nas bodas de Tétis e Peleu.

Dejanira faz sobrepor a sua perniciosidade à da multidão infernal de mulheres que mataram os respectivos cônjuges (*Her.O.*962-963):

DEIANIRA *...in hanc abire coniugum turbam libet –*
sed et illa fugiet turba tam diras manus.

DEJANIRA *...apraz-me integrar esta turba de esposas –*
mas até esta turba fugirá de tão sinistras mãos.

Hipólito, corrosivo na sua invectiva contra o sexo feminino, invoca a emblemática representante da sua perniciosidade (*Phaed.* 563-564):

*HIPPOLYTVS ...sola coniunx Aegei,
Medea, reddet feminas dirum genus.*

HIPÓLITO ...sozinha, a esposa de Egeu,
Medeia, tornará as mulheres uma raça sinistra.

e) *letalis* ‘letal’ e *letifer* ‘letífero’

Trata-se, respectivamente, de um derivado e de um composto de *letum* ‘morte, falecimento’ (EM, s.v.), etimologicamente relacionado com *deleo* ‘destruir’.

O primeiro é utilizado por Creonte para definir o efeito mortal das mezinhas de Medeia, que, por isso, eram temidas pelo povo de Corinto (*Med.*269-270):

*CREO ...egredere, purga regna, letales simul
tecum aufer herbas, libera ciues metu...*

CREONTE ...desaparece, purifica o meu reino, leva juntamente contigo as tuas ervas letais, liberta os cidadãos do medo...

Édipo caracteriza-se como o hospedeiro do vírus da peste que dizimava a população tebana e, por isso, tem o impulso de sair da cidade, para a libertar da sua presença maligna (*Oed.*77-78):

*OEDIPVS sperne letali manu
contacta regna...*

ÉDIPO Afasta-te do reino contagiado
pela tua mão letal...

Quanto ao composto *letifer*, é com ele que Íole deplora a devastação empreendida por Hércules na sua pátria e na sua família, apelidando-o, literalmente, de ‘portador de morte’ (*Her.*O.207-210):

*IOLE Vidi, uidi miseranda mei
fata parentis,
cum letifero stipite pulsus
tota iacuit sparsus in aula...*

ÍOLE Vi, vi o destino deplorável
do meu pai,

quando, atingido pela clava letífera,
ficou espalhado por todo o palácio...

f) *pestifer* ‘pestífero’ e *pestis* ‘peste’

Com a mesma estrutura de formação de *letifer*, encontra-se *pestifer*, um composto de *pestis* ‘peste, destruição, morte, epidemia’ (EM, s.v.).

O denominativo aplica-se, com toda a propriedade, a Édipo (*Phoen.*220):

OEDIPVS *has ego auras ore pestifero traho?*

ÉDIPO Eu respiro este ar com a minha boca pestífera?

O filho de Laio manifesta a mesma vontade de pôr fim à vida, quando diz (*Phoen.*38-39):

OEDIPVS *quid me, nata, pestifero tenes
amore uinctum?*

ÉDIPO Porque me manténs, filha,
preso por esse afecto pestífero²⁴?

O elemento da peste também ocorre autonomamente e sem ser vinculado à casa real cadmeia. Ulisses ordena aos soldados gregos que o acompanham que procurem Astíanax, tido como a derradeira ameaça troiana para os Aqueus (*Tro.*627-629):

VLIXES *ite, ite celeres, fraude materna abditum
hostem, Pelasgi nominis pestem ultimam,
ubicumque latitat, erutam in medium date.*

ULISSES Ide, ide céleres: o inimigo escondido
pela fraude materna, a última peste de nome Pelasgo,
onde quer que esteja escondida, tirai-a e trazei-a aqui para o meio!

²⁴ Cf. Frank, 1995, ad 38-9: defende-se que *pestifero* constitui apenas uma hipérbole de *odioso* e confronta-se esta ocorrência com a do verso 220, onde se relaciona com a epidemia que se abate sobre Tebas. A tradução apresentada baseia-se na interpretação do adjectivo como uma manifestação do receio de Édipo em relação à sua tendência para o incesto, que trouxera a peste à cidade de Cadmo (vd. Hirschberg, 1989, ad 38bf).

g) *lues* ‘flagelo’

Deriva do verbo *luo* (EM, s.v.), que, no entanto, é frequentemente substituído pelo seu composto *soluo*, para significar ‘desatar, pagar, expiar’.

Teseu acredita que Hipólito estuprou Fedra (*Phaed.*905):

THESEVS ...unde ista uenit generis infandi lues?

TESEU ...de onde vem este flagelo de origem sacrílega?

Creonte lamenta que Jasão tivesse solicitado que Medeia fosse poupada (*Med.*183-184):

*CREO abolere prope pessimam ferro luem
equidem parabam: precibus euicit gener.*

CREONTE Preparava-me para eliminar, sem demora, com o ferro, este péssimo flagelo: o meu genro demoveu-me com as suas súplicas.

h) *exitium* ‘ruína’

Aos dois últimos substantivos pode juntar-se, numa mesma sequência, *exitium*. Retira a sua raiz de *exeo*, um composto de *eo* (EM, s.v.), a que o prefixo confere o movimento de dentro para fora, dando origem ao sentido de ‘sair’; de *exeo* deriva *exitus*, que evolui semanticamente do valor imediato de ‘saída’, passando pelos sentidos de ‘fim, resultado’, até à última acepção de ‘morte’; finalmente, *exitium* traduz as ideias de ‘morte violenta, destruição, ruína’.

Mégara evidencia o que Lico representa para a sua família (*Her.F.*358-359):

*MEGARA Quidnam iste, nostri generis exitium ac lues,
noui parat?*

MÉGARA Que novidade prepara ele, ruína e flagelo da minha raça?

Andrómaca esmaga Helena sob esta acumulação assindética (*Tro.*892-895):

*ANDROMACHA pestis exitium lues
utriusque populi, cernis hos tumulos ducum
et nuda totis ossa quae passim iacent
inhumata campis? Haec hymen sparsit tuus.*

ANDRÓMACA Peste, ruína, flagelo
dos dois povos, vês estes túmulos de chefes
e os ossos descarnados que, em desordem, jazem insepultos
por toda a planície? Foi o teu himeneu que os espalhou.

1.1.8. Omissão

Em *De Officiis*, Cícero considera a injustiça por omissão, que se manifesta quando, para não incorrer em inimizades, em castigos ou em despesas, alguém abandona e se escusa de defender uma vítima. Tal também pode acontecer por negligência, por inércia e por indiferença (1.28).

a) *lentus* ‘indolente’

Significa ‘macio, flexível, mole, indolente, indiferente, insensível’ (EM, s.v.).

Andrómaca denuncia o alheamento de Helena em relação à dizição que, por sua causa, a guerra impôs a ambas as facções (*Tro.* 896-897):

*ANDROMACHA tibi fluxit Asiae, fluxit Europae cruor,
cum dimicantes lenta prospiceres uiros...*

ANDRÓMACA Por ti correu o sangue da Ásia, correu o da Europa, enquanto observavas, indolente, os teus maridos em disputa...

b) *segnis* ‘passivo’

Quer dizer ‘lento, preguiçoso, inactivo, apático, passivo’ (EM, s.v.). Ocorre justaposto ao adjectivo anterior no recado que Andrómaca manda pelo filho a Heitor, em que opõe a sua inacção à actividade de Aquiles (*Tro.* 805-806):

*ANDROMACHA ‘lentus et segnis iaces?
redit Achilles.’*

ANDRÓMACA ‘Jazes, indolente e passivo?
Aquiles está de regresso!’

A sugestão de imobilidade é acentuada pelo próprio verbo *iaceo* e pela oposição que estabelece com o verbo de movimento *redeo*.

1.2. Intemperantia ‘intemperança’

A atribuição da designação de *intemperantia* ao vício correspondente à virtude da *temperantia* pode verificar-se em Cic.*Tusc.*4.22, 42; *Fin.*1.48, 3.39; *Sen.Cl.*2.1.1, 2.2.2, 3.5.4. Apresenta a mesma estrutura de formação de *iniustitia* e corresponde ao grego ἀκολασία (Arist. *Rh.*1366b15; *VV.*1250a1, 20-25, 1251a15-20), em que se conjugam o α- privativo e a raiz de κολάζω ‘conter’ para dar origem ao significado de ‘licença, desregramento’²⁵. Este vício também pode ser designado por ἀκρασία (*VV.*1250a1, 20-25, 1251a15-20)²⁶; o α- privativo une-se aqui a κράτος ‘força do corpo, vigor, solidez, poder, domínio, soberania’ para significar ‘incapacidade de se dominar, intemperança’²⁷.

Aristóteles (*Rh.*1366b13-15) e o autor de *Περὶ ἀρετῶν καὶ κακιῶν* acentuam a ideia de que este vício provoca a submissão aos prazeres materiais. A este propósito, o segundo afirma que, por causa da intemperança (ἀκρασία), os seres humanos αἰροῦνται τὰς φαύλας ἡδονὰς κωλύοντος τοῦ λογισμοῦ (“escolhem os prazeres supérfluos, enquanto a razão procura impedi-los”; 1250a20-25).

Na *Rhetorica ad Herennium*, esta virtude é designada *modestia* ‘moderação’, que Cícero trata como uma parte integrante da *temperantia* (*Inv.*2.164). No entanto, o entendimento da virtude, não obstante a diferença de designações, é coincidente. Com efeito, são-lhe conferidas as prerrogativas de fixar o *certus naturae terminus* (“o preciso limite da natureza”) e de evitar *nimum progredi* (“avançar demasiado”; 3.5).

Em *Off.*1.15, Cícero associa a *temperantia* a *ordo* ‘ordem’ e a *modus* ‘justa medida’, ou seja, à ordem e à proporção dos actos e das palavras. Neste sentido, Hellegouarc’h vincula ao termo o valor imediato de ‘medida, justa proporção’²⁸. North chama a atenção para a relação etimológica com *temperare* ‘combinar, misturar’²⁹, que aponta para a ideia de harmonização de elementos diversos.

Cícero define a *temperantia* nestes termos: *est rationis in libidinem atque in alios non rectos impetus animi firma et moderata dominatio* (“é um domínio firme e moderado da razão sobre o desejo e

²⁵ *Vd.* Chantraine, 1968, s.v. κόλος 3) κολάζω.

²⁶ Dufour, 1991, 109: nesta edição da *Rhetorica* de Aristóteles regista-se ἀκρασία no lugar em que a edição de Ross regista ἀκολασία.

²⁷ *Vd.* Chantraine, *ibidem*, s.v. κράτος.

²⁸ Hellegouarc’h, 1972, 259.

²⁹ North, 1966, 262.

sobre os outros não bons impulsos do espírito”; *Inv.*2.164). No *De Finibus*, salienta a necessidade não só de decidir correctamente o que se deve fazer, mas também de perseverar na decisão e não ceder aos apelos da *uoluptas* ‘prazer’ e da *libido* ‘desejo’ (1.47).

Assim, a *temperantia* é a capacidade de neutralizar o ímpeto da reacção apaixonada, enquanto a *intemperantia* é a exaltação desses impulsos malsãos, ou nas palavras de Cícero: *omnium autem perturbationum fontem esse dicunt intemperantiam, quae est [a] tota mente a recta ratione defectio sic auersa a praescriptione rationis, ut nullo modo adpetitiones animi nec regi nec contineri queant. quem ad modum igitur temperantia sedat adpetitiones et efficit, ut eae rectae rationi pareant, conseruatque considerata iudicia mentis, sic huic inimica intemperantia omnem animi statum inflammat conturbat incitat* (“ora, diz-se que a fonte de todas as perturbações é a intemperança, que é um afastamento de toda a mente e da recta razão, de tal modo desviado das prescrições da razão, que de modo nenhum podem ser regidos nem contidos os apetites do espírito. Portanto, do mesmo modo que a temperança mitiga os apetites e faz com que eles obedecam à recta razão e preserva os ponderados juízos da mente, assim a sua inimiga intemperança inflama, conturba, incita todos os estados de espírito”; *Tusc.*4.22).

1.2.1. Ira

A ira é definida por Cícero como *libido poeniendi eius qui uideatur laesisse iniuria* (“o desejo de punir aquele que parece ter lesado injustamente”; *Tusc.*4.21). Também Séneca a relaciona com a vingança, quando diz, no *De Ira*, que *cupiditatem esse poenae exigendae* (“é o desejo de infligir um castigo”; 1.3.2), [*affectus*] *armorum sanguinis suppliciorum minime humana furens cupiditate, dum alteri noceat sui negligens, in ipsa irruens tela et ultionis secum ultorem tracturae avidus* (“[uma paixão] enfurecida pelo desejo nada humano de armas, sangue, suplícios, negligente de si mesma desde que prejudique outrem, que se lança sobre as próprias armas, ávida de uma vingança que há-de arrastar consigo o vingador”; 1.1.1).

a) *iratus* ‘irado’

Ira corresponde ao grego ὀργή e significa ‘ira, cólera’ (EM, s.v.). São seus derivados o verbo *irascor* ‘irritar-se, encolerizar-se’ e o adjectivo *iratus* ‘irado, colérico’.

Não é difícil detectar indícios de desejo de vingança nas personagens acusadas de ira. Hércules destruiu a Ecália porque o rei Eurito se tinha recusado a entregar-lhe a filha, Íole³⁰ (*Her.O.172*):

CHORVS ...iratum miserae uidimus Herculem.

CORO ...para nossa desgraça, vimos Hércules irado.

Hércules acredita que está a ser vítima do ressentimento de Dejanira (*Her.O.1353-1354*):

ALCMENE Quis tantus est qui uincat Alciden dolus?

HERCVLES Quicumque, mater, feminae iratae sat est.

ALCMENA Que engano tão grande existe que vença Alcides?

HÉRCULES Qualquer um, mãe, é suficiente para uma mulher irada.

A Ama de Fedra procura mostrar à rainha o quão difícil seria persuadir Teseu a aceitar pacificamente a sua ligação com Hipólito. A reacção do rei é antecipada na formulação da hipótese (*Phaed.228*):

NVTRIX sed posse flecti coniugem iratum puta...

AMA Mas pensa que o teu irado marido pode ser dobrado...

b) *furens* ‘enfurecido’, *furiosus* ‘furioso’, *furibundus* ‘furibundo’ e *furialis* ‘ditado pela fúria’

Outra família lexical que traduz a ira das personagens é a de *furo* (EM, s.v.). O verbo significa ‘estar louco, estar fora de si, estar furioso’.

O rancor de Clitemnestra contra o marido eclode no impulso irrefreável de o matar, assim descrito por Cassandra, com recurso ao derivado *furens* (*Ag.897*):

CASSANDRA Armat bipenni Tyndaris dextram furens...

CASSANDRA A filha de Tíndaro, enfurecida, arma a sua mão direita com um machado de dois gumes...]

Em *Phoenissae*, Antígona define, com a mesma forma, a relação conflituosa entre os dois irmãos (*Phoen.288-290*):

³⁰ *Her.O.220-225.*

ANTIGONA *Si nulla, genitor, causa uiuendi tibi est,
haec una abunde est, ut pater natos regas
grauiter furentes.*

ANTÍGONA Se não te resta, meu pai, nenhuma razão de viver, esta, sozinha, é suficiente: refreares, como pai, os teus filhos gravemente enfurecidos.

Em *Hercules Furens*, a mesma forma caracteriza o protagonista, no momento em que, pensando tratar-se da descendência do seu odiado adversário, se prepara para matar o próprio filho (*Her.F.1005-1006*):

AMPHITRYON *...dextra precantem rapuit et circa furens
bis ter rotatum misit...*

ANFITRIÃO ...apanhou-o, com a sua dextra, a implorar e, tendo-o feito rodar, enfurecido, duas, três vezes, atirou-o...

O adjectivo define o estado de espírito de Atreu durante o assassinio dos sobrinhos (*Thy.682-684*):

NVNTIVS *Quo postquam furens
intrauit Atreus liberos fratris trahens,
ornantur arae...*

MENSAGEIRO Depois que, enfurecido, Atreu aí entrou, arrastando os filhos do irmão, os altares são enfeitados...

Cassandra insurge-se, várias vezes, contra os Aqueus e, no final da peça, regozija-se com a morte inglória de Agamémnon. Estas são as palavras de Clitemnestra, quando a condena à morte (*Ag.1012*):

CLYTEMESTRA *Furiosa morere.*

CLITEMNESTRA Morre, furiosa³¹.

Perante o assassinio de Agamémnon, Electra não consegue refrear o ímpeto de desacatar Clitemnestra e o cúmplice, contrariando

³¹ Tarrant, 1976, *ad* 1012: o editor relaciona o adjectivo com o furor profético e confronta a ocorrência com a resposta de Cassandra, *ueniet et uobis furor*; aqui, segundo a sua interpretação, *furor* refere-se à vingança de Orestes e adquire o valor de 'agente vingador' (= *furia*, ἐπινύς).

a sua condição social e familiar, que lhe impunha o recolhimento e a obediência à autoridade parental. O insulto de Egisto reflecte o seu estado anímico (Ag.981-982):

*AEGISTHVS Furibunda uirgo, uocis infandae sonum
et aure uerba indigna materna opprime.*

EGISTO Virgem furibunda, retém o som da tua voz sacrílega
e as palavras indignas dos ouvidos maternos!

A Ama de Dejanira recorda que Hércules foi o autor da morte de Mégara e dos filhos (*Her.O.903-905*):

*NVTRIX Hic ipse Megaram nempe confixam suis
strauit sagittis atque natorum indolem
Lernaea figens tela furibunda manu...*

AMA Ele próprio abateu Mégara, sem dúvida trespassada
pelas suas setas, e os seus ínclitos filhos,
disparando flechas de Lerna com a sua mão furibunda...

Como é perceptível, o móbil da vingança continua a operar nas sequências em que ocorrem as palavras cognatas de *furo*. Neste sentido, é pertinente verificar que o derivado *furia*, usado sobretudo no plural, foi adoptado para designar as divindades vingadoras correspondentes às Erínias gregas: as *Furiae*.

O último adjectivo considerado nesta alínea deriva directamente de *furia* e significa ‘de Fúria, respeitante ou parecido às Fúrias, terrível, que torna furioso’.

Tântalo dirige-se à sua descendência, em tom de aviso, para a alertar acerca dos perigos da procura de vingança (*Thy.93-95*):

*TANTALI VMBRA ...moneo, ne sacra manus
uiolate caede furiali malo
aspergite aras.*

FANTASMA DE TÂNTALO ...advirto-vos, não desonreis as vossas mãos
com uma morte execrável, nem maculeis os altares
com um crime ditado pela fúria.

1.2.2. Crueldade

A ira pode vir associada a um temperamento violento ou desembocar em acções da mesma natureza. Séneca estabelece essa transição

no seu tratado *De Ira*, fazendo uma longa enumeração de actos concretos motivados por tal perturbação, como os assassinatos, os envenenamentos, as acusações recíprocas, a ruína de cidades inteiras, a consumição de casas pelo fogo (1.2.1).

Como a ira deriva de um desejo de vingança e de punição, pode remeter também para outra manifestação de temperança, ou seja, a *clementia* ‘clemência’, que retém o ódio irracional contra os outros (Cic.*Inv.*2.164).

A clemência é a moderação no estabelecimento da pena (Sen. *Cl.*2.1.1). Cícero postula que nada há de mais digno para um homem ilustre do que a clemência para com os seus inimigos. As punições só devem ser implementadas no interesse do Estado, devem ser coerentes com a falta e não devem ser afectadas pela ira, sob pena de não se encontrar um castigo equilibrado, ou seja, nem excessivamente brando, nem excessivamente gravoso (*Off.*1.88-89).

O oposto da *clementia* é a *crudelitas*, que consiste em *modum non habere* (“não ter moderação”) na aplicação das penas por parte de um superior em relação aos seus inferiores (Sen.*Cl.*2.2.3). O que distingue um rei de um tirano é a aplicação de castigos por necessidade e com motivo justo, por parte do primeiro, e o exercício de crueldade arbitrária e para prazer próprio, por parte do segundo (3.9.4)³².

a) *cruentus* ‘cruento’, *crudus* ‘cru’ e *crudelis* ‘cruel’

O léxico, bastante variado, pode traduzir o apelo que o derramamento de sangue exerce sobre as personagens. Os três adjectivos registados derivam de *cruor*, que designa o sangue derramado, por oposição a *sanguis*, que designa o sangue em circulação (EM, s.v.).

Electra classifica a mãe com a primeira forma (Ag.947):

ELECTRA Adest cruenta coniugis uictrix sui...

ELECTRA Aproxima-se a cruenta vencedora do seu marido...

A própria Clitemnestra reconhece a sua predisposição para a violência, em resposta à disponibilização de Egisto para, a uma ordem dela, se suicidar (Ag.306):

CLYTEMESTRA Siquidem hoc cruenta Tyndaris fieri sinam.

CLITEMNESTRA Se, de facto, eu, a cruenta filha de Tíndaro, consentisse que tal acontecesse.]

³² Sobre o conceito de *clementia* no alto império vd. Williams, 1978, 158-159.

O Coro de *Medea* treme perante a reacção da feiticeira ao noivado de Jasão (*Med.*849-851):

*CHORVS Quonam cruenta maenas
praeceps amore saeuo
rapitur?*

CORO Para onde é aquela cruenta³³ ménade
precipitadamente arrastada
pelo seu amor implacável?

O fantasma de Laio acusa Édipo de apropriação ilícita do governo de Tebas, com base no assassinato do rei legítimo (*Oed.*642-643):

*CREO 'Te, te cruenta scepra qui dextra geris,
te pater inultus urbe cum tota petam...'*

CREONTE 'A ti, a ti que empunhas o ceptro com a tua mão cruenta,
a ti eu, pai inulto, atacarei com toda a cidade...'

Forbas reage assim à ameaça de Édipo de o coagir pelo fogo a revelar a identidade do rei (*Oed.*863):

PHORBAS Per tam cruentas uera quaerentur uias?

FORBAS Procurar-se-á a verdade por métodos tão cruentos?

Crudus e crudelis são menos frequentes.

Teseu, motivado pela morte do filho, revê todo um historial de mortes violentas, que caracteriza o seu passado (*Phaed.*1220-1222):

*THESEVS ...crudus et leti artifex,
exitia machinatus insolita effera,
nunc tibimet ipse iusta supplicia irroga.*

TESEU ...cru e artífice da morte,
que maquinaste destruições insólitas, selvagens,
aplica, agora, a ti mesmo o suplício justo.

Andrómaca invoca Heitor, revoltada com a sua passividade enquanto a esposa era feita cativa de um aqueu (*Tro.*802-805):

³³ Cf. Hine, 2000, 87 e ad 849: traduz-se *cruenta* por 'manchada de sangue', tendo em conta que, anteriormente, Medeia derrama o seu próprio sangue sobre os altares (808-811).

ANDROMACHA ... *'si manes habent
curas priores nec perit flammis amor,
seruire Graio pateris Andromachen uiro,
crudelis Hector?'*

ANDRÓMACA ... *'se os manes mantêm
os cuidados anteriores e o seu amor não perece com as chamas,
toleras que Andrómaca sirva um marido grego,
cruel Heitor?'*

b) *ferus* 'fero', *efferus* 'selvagem' e *ferox* 'feroz'

Ferus está na base de formação dos restantes (EM, s.v.). A partir da mesma raiz constituem-se também *fera* 'animal selvagem, fera' e o verbo *effero* 'tornar feroz, dar um aspecto selvagem'. Sobre este último formou-se *efferus*.

Lico recebe este qualificativo de Anfitrião, pelos crimes que cometeu (*Her.F.516-519*):

AMPHITRYON *Pro numinum uis summa, pro caelestium
rector parensque, cuius excussis tremunt
humana telis, impiam regis feri
compesce dextram!*

ANFITRIÃO Ó supremo poder divino, ó rei e pai dos deuses! Com o lançamento dos teus dardos, fazes tremer a humanidade! Detém a mão ímpia deste rei fero!

Hércules censura-se, mais uma vez, pela dizimação familiar que empreendeu (*Her.F.1225-1226*):

HERCVLES ... *Tartari ad finem ultimum
mansurus ibo. Pectus o nimium ferum!*

HÉRCULES ...irei para o limite extremo do Tártaro, para aí permanecer. Oh, coração por demais fero!

Polinices é duramente repreendido pela mãe (*Phoen.582-583*):

IOCASTA *tam ferus durum geris
saeuumque in iras pectus?*

JOCASTA Tão fero, inclinas o coração duro e implacável para a ira?

O Mensageiro descreve o assassinato de Tântalo, um dos filhos de Tiestes, por Atreu (*Thy.*721-722):

NVNTIVS ...*ast illi ferus*
in uulnere ensems abscondit...

MENSAGEIRO ...porém, fero,
enterrou-lhe o gládio na ferida...

Logo no prólogo da peça, a Fúria, dirigindo-se ao fantasma de Tântalo, denuncia a natureza dos donos da casa micénica (*Thy.*85-86):

FVRIA ...*concute insano ferum*
pectus tumultu.

FÚRIA ...agita o seu peito fero
com um tumulto insano.

A Ama de Fedra define o temperamento de Hipólito (*Phaed.*239-240; *Phaed.*272-273):

PHAEDRA Precibus haud uinci potest?
NVTRIX Ferus est.

FEDRA Não pode ser vencido por súplicas?
AMA É fero.

NVTRIX meus iste labor est aggredi iuuenem ferum
mentem saeuam flectere immitis uiri.

AMA Cabe-me a tarefa de abordar esse jovem fero
e de dobrar a mente implacável desse varão agreste.

Édipo reconhece a sua ferocidade (*Phoen.*140-141):

OEDIPVS *quid pectus ferum*
mollire temptas precibus?

ÉDIPO Porque tentas acalmar
com as tuas súplicas este peito fero?

O espectro de Laio ataca a casa real cadmeia pelo seu tradicional comprazimento no derramamento de sangue familiar (*Oed.*626-627):

CREO ...‘*O Cadmi effera,*
cruore semper laeta cognato domus...’

CREONTE ...‘Oh, selvagem
casa de Cadmo, sempre feliz com o sangue de familiares...’

No prólogo de *Troades*, Hécuba recorda a morte de Príamo às mãos de Pirro (*Tro.*44-54):

*HECVBA uidi execrandum regiae caedis nefas
ipsasque ad aras maius admissum scelus,
Aeacius armis cum ferox, saeua manu
coma reflectens regium torta caput,
alto nefandum uulneri ferrum abdidit;
quod penitus actum cum recipisset libens,
ensis senili siccus e iugulo redit.
placare quem non potuit a caede effera
mortalis aevi cardinem extremum premens
superique testes sceleris et quoddam sacrum
regni iacentis?*³⁴

HÉCUBA Vi o execrando sacrilégio da morte do rei e, crime ainda maior, cometido junto aos próprios altares, quando o feroz Eácida, com as suas armas, inclinando para trás, com mão implacável, a cabeça do rei, torcendo-lhe o cabelo, enterrou o ferro nefando numa ferida profunda; e recebendo-a sem resistência, enterrada até ao fundo, a espada regressou seca da garganta do ancião. A quem não demoveriam de um assassínio selvagem um mortal que pisava o último patamar da vida e os deuses, que testemunhavam este crime, e uma certa sacralidade de um reino que ruía?

Antes de se consciencializar do seu crime, Medeia consegue já definir-lhe a natureza (*Med.*917-919):

*MEDEA nescioquid ferox
decreuit animus intus et nondum sibi
audet fateri.*

MEDEIA Não sei que ferocidade decidiu o meu espírito no seu íntimo, que ainda nem a si mesmo ousa confessar.

³⁴ Cf. Fantham, 1982, 131 e *ad* 45-46, 51-54: *Aeacidae* (46); *laeua* (46); *quondam* (53); nesta edição, a última frase é declarativa e não interrogativa.

c) *saeuus* ‘implacável’

De *saeuus* (EM, s.v.) derivam *saeuitia* ‘furor, rigor, dureza, crueldade’, e *saeuio* ‘estar furioso, praticar crueldade, maltratar, usar de rigor’.

Mégara descreve Lico, que se aproxima (*Her.F.329-331*):

*MEGARA Sed ecce saeuus ac minas uultu gerens
et qualis animo est talis incessu uenit
aliena dextra sceptrā concutiens Lycus.*

MÉGARA Mas eis que, implacável e com a ameaça estampada no rosto, tal espírito, tal passo, aí vem, brandindo na mão direita o ceptro alheio, Lico.

O Mensageiro descreve o comportamento de Édipo depois de descobrir os crimes que cometera (*Oed.925-926*):

*NVNTIVS secum ipse saeuus grande nescioquid parat
suisque fati simile...*

MENSAGEIRO Ele próprio, implacável consigo mesmo, prepara não sei que enormidade semelhante ao seu destino...

d) *trux* e *truculentus* ‘truculento’

O segundo deriva do primeiro, que significa ‘feroz, cruel, ameaçador’ (EM, s.v.)³⁵.

Egisto defende que Agamémnon regressaria ainda mais intolerante, por causa do último sucesso militar (*Ag.250-251*):

*AEGISTHVS ...quid rere ad animum suapte natura trucem
Troiam addidisse?*

EGISTO ...que julgas que ao seu espírito por natureza truculento Tróia acrescentou?

O adjectivo *trux* é ainda utilizado para qualificar o crime de Atreu (*Thy.635-636*):

*NVNTIVS haeret in uultu trucis
imago facti.*

³⁵ Vd. *Thy.547* (1.2.6a, p. 94).

MENSAGEIRO Está gravada no meu olhar a imagem
daquele feito truculento.

Electra descreve Clitemnestra, que se aproxima depois do assassinato de Agamémnon (Ag.949-950):

*ELECTRA manus recenti sanguine etiamnunc madent
uultusque prae se scelera truculenti³⁶ ferunt.*

ELECTRA Das suas mãos escorre ainda o sangue fresco
e os seus olhos truculentos trazem estampado o crime.

Anfitrião apresenta o crime de Lico (*Her.F.254-255*):

*AMPHITRYON Ante ora uidi nostra truculenta manu
gnatos paterni cadere regni uindices...*

ANFITRIÃO Diante dos nossos olhos vi cair, por obra de uma mão truculenta,]
os filhos, baluartes do reino paterno...

e) *durus* ‘duro’

Este adjectivo significa ‘duro’ em sentido físico e em sentido moral (EM, s.v.). Por isso, pode ser entendido no sentido de ‘insensível, severo, cruel’.

Medeia condena o abandono a que Jasão a votou (*Med.118-120*):

*MEDEA hoc facere Iason potuit, erepto patre
patria atque regno sedibus solam exteris
deserere durus?*

MEDEIA Jasão pôde fazer isto, depois de me ter roubado pai,
pátria e reino, abandonar-me, sozinha,
em terra estrangeira, o duro?

Hércules reconhece a sua insensibilidade (*Her.F.1228-1229*):

*HERCVLES hic durus malis
lacrimare uultus nescit.*

HÉRCULES Este rosto, duro por causa das desgraças,
não sabe chorar.

³⁶ Tarrant, 1976, ad 950: *truculentus* é frequentemente aplicado ao tirano.

Fedra aponta a incompreensão familiar de Teseu (*Phaed.*1164-1166):

*PHAEDRA O dure Theseu semper, o numquam ad tuos
tuto reuerse: gnatus et genitor nece
reditus tuos luere...*

FEDRA Oh, Teseu sempre duro, oh, Teseu que nunca para os teus regressaste sem perigo: o teu filho e o teu pai pagaram o teu regresso com a morte...!

Creonte censura Édipo por o ter julgado sem ouvir a sua versão dos factos (*Oed.*705-706):

*CREO Qui sceptrā duro saeuus imperio gerit
timet timentis: metus in auctorem redit.*

CREONTE Quem, implacável, governa o ceptro com um poder duro, teme os que o temem: o medo regressa ao seu autor.

f) *parricida* ‘parricida’

Por último, considerar-se-ão dois substantivos que salientam, através das suas raízes etimológicas, a propensão das personagens para provocar a morte.

Parricida é um composto de *caedo* ‘abater, cortar, matar’ (EM, s.v.). Pode designar o assassino dos pais ou de parentes próximos.

Édipo condena-se, primeiro, pela morte do pai e, depois, pela morte do pai e da mãe (*Oed.*1002-1003; *Oed.*1044-1045):

*OEDIPVS nil, parricida, dexterae debes tuae:
lux te refugit.*

ÉDIPO Nada, parricida, deves à tua mão:
a luz fugiu de ti!

*OEDIPVS ...bis parricida plusque quam timui nocens
matrem peremi...*

ÉDIPO ...duas vezes parricida e mais culpado do que temi,
matei a minha mãe...

A Ama de Dejanira procura que esta se perdoe do crime a que, involuntariamente, dera origem, através do exemplo de Hércules, que se absolvera de um triplo assassinio (*Her.O.*906-907):

NVTRIX ...ter parricida factus ignouit tamen sibi...

AMA ...tendo-se tornado três vezes parricida, todavia, perdoou-se a si mesmo...

g) *mactator* ‘matador’

Este substantivo deriva de *macto* ‘honrar (os deuses), imolar, sacrificar’ (EM, s.v.*mactus*).

Hécuba, tendo em conta a anterior morte de Príamo, provoca Pirro com este insulto (*Tro.*1002-1003):

HECVBA perge, mactator senum, et hic decet te sanguis...

HÉCUBA Avança, matador de anciãos, também este sangue te convém...

1.2.3. Reações contrárias

Em *De Clementia*, Sêneca insiste que a crueldade desencadeia sentimentos adversos em relação a quem a pratica, como a malquerença dos familiares e dos amigos das vítimas (3.6.7). O medo que suscita nos que o rodeiam acaba por fazer com que o odeiem (3.10.4). A abstinência do derramamento de sangue é o método mais seguro de sobrevivência (3.17.6; *Cic.Off.*2.23).

Cícero fala no *odium ciuium* ‘ódio dos cidadãos’ (*Fin.*1.51). Além disso, distingue entre *inuidentia*, a inveja propriamente dita dos bens de outrem, em nada prejudiciais ao invejoso, e *inuidia*, o sentimento experimentado por aquele que sofre por causa dos bens de outro, por quem foi prejudicado para os conseguir (*Tusc.*4.17). Neste caso, assume os valores de ‘hostilidade, antipatia, ódio, rivalidade’³⁷.

Serão considerados vários graus de reações contrárias, desde o medo, passando pelo ódio, até à execração.

a) *horridus* ‘hórrido’ e *horribilis* ‘horrível’

São dois derivados de *horreo* ‘erguer-se, eriçar-se, arrepiar-se, estar arrepiado de medo, temer, recear’ (EM, s.v.).

³⁷ Hellegouarc’h, 1972, 197.

Hércules é uma das personagens que inspiram medo (*Her.O.495-500*):

*DEIANIRA Namque ut subactus Herculis claua horridi
Achelous omnis facilis in species dari
tandem peractis omnibus patuit feris
unoque turpe subdidit cornu caput,
me coniugem dum uictor Alcides habet,
repetebat Argos.*

DEJANIRA E logo que, subjugado pela clava do horrído Hércules, Aqueloo, facilmente capaz de assumir todos os aspectos, depois de passar pela aparência de todas as feras, finalmente se revelou e submeteu torpemente a sua cabeça de um só corno, então Alcides, vencedor, tomando-me como esposa, retorna a Argos.

Medeia assusta a população de Corinto (*Med.270*). Por isso, Creonte expulsa-a da cidade (*Med.190-191*):

*CREO Vade ueloci uia
monstrumque saeuum horribile iamdudum auehe.*

CREONTE Vai-te em marcha célere,
e parte enfim, monstro implacável, horrível.

b) *inuisus* ‘odioso’

Radica-se em *uideo*, mas é formado já sobre o composto *inuideo*, com o sentido primitivo de ‘olhar com insistência para, lançar maus olhares para’ e daí ‘invejar, odiar’ (EM, s.v.). *Inuisus* surge, assim, com os sentidos de ‘odioso, odiado, detestado’.

O ódio de Atreu pelo irmão é extensível aos sobrinhos (*Thy.188-189; Thy.492-493*):

*ATREVS ...quisquis inuisum caput
tegit ac tuetur, clade funesta occidat.*

ATREU ...quem quer que abrigue e cuide
daquele indivíduo odioso, morra de morte funesta!

*ATREVS ...et ipsum et una generis inuisi indolem
iunctam parenti cerno.*

ATREU ...e vejo-o a ele próprio e, ao mesmo tempo, ao lado do pai, a índole da sua odiosa descendência.

Édipo é odiado pelo pai (*Oed.*636):

CREO ...[‘inuisa proles...’]

CREONTE ...[‘Odiosa prole!...’]

O filho de Laio conhece a aversão que desperta, inclusive em si mesmo (*Phoen.*96):

OEDIPVS aliquando terra corpus inuisum tege...

ÉDIPO Cobre de terra, enfim, o meu corpo odioso...

Lico desperta a hostilidade de Hércules (*Her.F.*920-921; *Her.F.*987-989):

*HERCVLES Vtinam cruore capitis inuisi deis
libare possem...*

HÉRCULES Oxalá eu pudesse fazer uma libação aos deuses com o sangue da sua cabeça odiosa...

*HERCVLES Sed ecce proles regis inimici latet,
Lyci nefandum semen: inuiso patri
haec dextra iam uos reddet.*

HÉRCULES Mas eis a prole do rei inimigo a esconder-se, a nefanda semente de Lico: esta dextra restituir-vos-á já ao vosso odioso pai.

Dejanira manifesta o seu ódio pela rival (*Her.O.*289-290):

*DEIANIRA ...cessere pestes, in locum uenit ferae
inuisa paelex.*

DEJANIRA ...cessaram as pestes: para o lugar da fera veio uma concubina odiosa.

Jasão aconselha Medeia a deixar Corinto, para se preservar da ira de Creonte. Mas ela faz outra interpretação do conselho (*Med.*494-495):

*MEDEA Hoc suades mihi,
praestas Creusae: paelicem inuisam amoues.*

MEDEIA Com o conselho que me dás, prestas serviço a Creúsa: removes uma concubina odiosa.

Teseu, antes de conhecer a verdade sobre o comportamento de Fedra na sua ausência, estranha a sua reacção à morte de Hipólito (*Phaed.*1157-1158):

*THESEVS quid ensis iste quidue uociferatio
planctusque supra corpus inuisum uolunt?*

TESEU Que significa esse gládio e que significa esse clamor e o pranto sobre este corpo odioso?

c) *exsecrabilis* ‘excrável’ e *exsecrandus* ‘execrando’

Têm a sua raiz em *sacer* ‘sagrado’ (EM, s.v.); *exsecror* significa ‘execrar, maldizer’.

Ser *exsecrabilis* é uma das características que Édipo atribui a si mesmo (*Phoen.*222-224):

OEDIPVS *ego castam manum*
nefandus incestificus exsecrabilis
attrecto?

ÉDIPO A tua mão pura eu,
nefando, incestuoso, excrável,
hei-de tocar?

Hécuba repudia o comportamento de Pirro, que matou Príamo (*Tro.*44):

HECVBA uidi exsecrandum regiae caedis nefas...

HÉCUBA Vi o execrando sacrilégio da morte do rei...

1.2.4. Hostilidade

Outra perturbação vinculada à intemperança é a *inimicitia* ‘inimizade’, definida por Cícero como *ira ulciscendi tempus obseruans* (“uma ira que espregueira o momento de se vingar”; *Tusc.*4.21). Trata-se, portanto, de um tipo de ira igualmente vinculado à busca de vingança. No entanto, apresenta a especificidade do cálculo da concretização.

No âmbito das relações políticas, Hellegouarc’h conclui que a noção de *inimicitia* se aplica às manifestações de hostilidade de

alguém em relação a outrem³⁸. Assim, o *inimicus* é aquele que revela este tipo de comportamento.

a) *inimicus* ‘inimigo’

Tem a mesma raiz de *amo* ‘amar, estimar, ter amizade ou afeição por alguém’ (EM, s.v.); *amicus* designa ‘amigo (que tem amizade por, por quem se tem amizade)’; a agregação do prefixo de negação *in-* dá lugar ao antónimo *inimicus* ‘inimigo’.

Inimicus é aplicado ao rival político. Por isso, à acusação de *inimicitia* pode estar subjacente outra perturbação identificada por Cícero como *aemulatio* ‘emulação’, que deriva do desejo de algo de que outro dispõe (*Tusc.*4.17). Hellegouarc’h utiliza *simultas* para designar a rivalidade política³⁹.

Lico é inimigo de Hércules por lhe ter usurpado o trono, por ter morto membros da sua família, enfim, por ter tentado unir-se a Mégara (*Her.F.*636):

HERCVLES ad hauriendum sanguinem inimicum feror...

HÉRCULES Sou impelido a haurir aquele sangue inimigo...

b) *hostis* ‘inimigo’

Outra forma de exprimir a oposição política é o recurso a este substantivo (EM, s.v. *hostis*), sinónimo de *inimicus*. O vínculo comumente aceite de *hostis* ao domínio público e de *inimicus* ao domínio privado⁴⁰ não se revela operacional.

Hércules decide matar o seu adversário (*Her.F.*634-635):

*HERCVLES mactetur hostis, hanc ferat uirtus notam
fiatque summus hostis Alcidae Lycus.*

HÉRCULES Que este inimigo seja imolado, que o meu valor alcance esta
distinção]
e que o derradeiro inimigo de Alcides seja Lico.

Anfitrião lamenta o infindável percurso heróico de Hércules (*Her.F.*209-210):

³⁸ Hellegouarc’h, 1972, 128.

³⁹ *Idem, ibidem*, 188.

⁴⁰ EM, s.v. *hostis* e *inimicus*; Hellegouarc’h, *ibidem*, 188.

AMPHITRYON *protinus reduci nouus*
paratur hostis...

ANFITRIÃO Prepara-se um novo
 inimigo para o recém-chegado...

Tiestes é um inimigo para o irmão, pois tinha cometido adultério com a esposa de Atreu, que interpretava tal acto como um passo para a usurpação do poder (*Thy.*185-186; *Thy.*240-241):

ATREVS *...non siluae tegant*
hostem...

ATREU ...que os bosques não ocultem
 o inimigo...

ATREVS *...et certi nihil*
nisi frater hostis.

ATREU ...e não há nada certo,
 a não ser que o meu irmão é um inimigo.

Hostis pode ser utilizado quando não está em causa a disputa do poder, mas os interesses pessoais das personagens.

Para Medeia, Creonte é um inimigo mais temível do que Acasto, pois pretendia que Jasão celebrasse núpcias com a filha e tê-la-ia morto se o argonauta não tivesse intercedido (*Med.*521):

MEDEA *Propior est hostis Creo...*

MEDEIA Há um inimigo mais próximo, Creonte...

Electra tem a mãe e o cúmplice do assassínio do pai por inimigos, como revela nesta instância a Orestes (*Ag.*911):

ELECTRA *...fuge et scelestas hostium euïta manus.*

ELECTRA ...foge e evita as mãos criminosas dos inimigos!

Fedra considera Teseu seu inimigo, por a submeter a uma existência de solidão e de sucessivas traições. A filha de Mínos dirige-se à sua terra-natal (*Phaed.*89-91):

PHAEDRA *...cur me in penates obsidem inuisos datam*
hostique nuptam degere aetatem in malis
lacrimisque cogis?

FEDRA ...porque me obrigas, dada como refém a uns penates odiosos e casada com um inimigo, a passar a vida em tristezas e em lágrimas?

Medeia ostenta a mesma concepção do marido, que aceitou unir-se a Creúsa (*Med.*920-921):

MEDEA ...ex paelice utinam liberos hostis meus aliquos haberet...

MEDEIA ...oxalá o meu inimigo tivesse filhos da sua concubina...

Neste caso, trata-se não de rivalidade política, mas de rivalidade amorosa.

c) *infestus* ‘hostil’

Este adjectivo de origem obscura significa ‘dirigido contra, hostil, encarniçado contra’ (EM, s.v.).

As personagens a que, a seguir, é aplicado, são movidas pelo desejo de vingança. Anfitrião questiona Mégara, quando Hércules mata os filhos (*Her.F.*1012-1013):

AMPHITRYON Quo misera pergis? quam fugam aut latebras petis? nullus salutis Hercule infesto est locus.

ANFITRIÃO Para onde vais, infeliz? Que fuga, que esconderijo procuras? Contra a hostilidade de Hércules, não há lugar de salvação.

Medeia vinga-se de Jasão com o filicídio. Por isso, é considerada uma inimiga (*Med.*1018):

IASON Infesta, memet perime.

JASÃO Mulher hostil, mata-me a mim.

O fantasma de Laio regressa, *inultus*⁴¹, para exigir a punição de Édipo. Posteriormente, este descreve uma alucinação em que vê o pai a atentar contra os seus olhos (*Phoen.*42-43):

OEDIPVS ...en ecce, inanes manibus infestis petit foditque uultus. Nata, genitorem uides?

⁴¹ *Oed.*643; *Phoen.*91.

ÉDIPO ...eis que investe contra as minhas órbitas vazias e as dilacera com as suas mãos hostis. Filha, vê o meu pai?

Édipo é movido pelo desejo de se punir a si mesmo. O Mensageiro descreve o seu comportamento, depois de se ter consciencializado dos seus crimes (*Oed.*917-918):

NVNTIVS ...*regiam infestus petens*
inuisa propero tecta penetrauit gradu...

MENSAGEIRO ...dirigindo-se, hostil, para o palácio, entrou a passo rápido na sua odiosa morada...

O qualificativo pode ser utilizado no domínio político. Hércules desconfia que os partidários de Lico são os responsáveis pelo morticínio que ele próprio operou na sua família (*Her.F.*1180-1182):

HERCVLES ...*numquid Argivae impotens*
dominator urbis, numquid infestum Lyci
pereuntis agmen clade nos tanta obruit?

HÉRCULES Acaso é o descontrolado soberano da cidade argiva, acaso é o exército hostil de um Lico agonizante que nos esmaga com tamanha dizimação?

1.2.5. Inquietação

Nas *Tusculanas*, Cícero estabelece a associação entre *temperantia* e *quies*: *qui sit frugi igitur uel, si mauis, moderatus et temperans, eum necesse est esse constantem; qui autem constans, quietum; qui quietus, perturbatione omni uacuum, ergo etiam aegritudine* (“aquele que for frugal ou, se se prefere, moderado e temperante, será necessariamente constante; ora, aquele que for constante, será calmo; aquele que for calmo, será isento de toda a perturbação, logo também de aflição”; 3.18).

a) *inquietus* ‘inquieto’

Quietus é um derivado de *quies* ‘repouso, calma’ (EM, s.v.). Com a aplicação do prefixo de negação *in-*, exclui-se a existência destas propriedades naquele que é denominado *inquietus*.

Egisto ordena o encarceramento de Electra (*Ag.*997-1000):

*AEGISTVS Abrispite, famuli, monstrum⁴² et auectam procul
ultra Mycenae ultimo in regni angulo
uincite saeptam nocte tenebrosi specus,
ut inquietam uirginem carcer domet.*

EGISTO Tirai daqui, servos, este monstro e, levando-a para longe,
para lá de Micenas, no último recanto do reino,
agrilhoai-a, fechada na escuridão de uma caverna sombria,
para que o cárcere dome esta virgem inquieta.

Édipo denuncia a suposta ambição política de Creonte, que o teria
levado a tentar a usurpação do poder (*Oed.*684):

OEDIPVS ...ab inquieto saepe simulatur quies.

ÉDIPO ...a quietude é, muitas vezes, simulada pelo inquieto.

1.2.6. Descontrole

A definição da temperança como um exercício do domínio racional
sobre os impulsos do espírito implica a consideração da incapacidade de
autodomínio no âmbito da intemperança.

a) *impotens* ‘descontrolado’

Do verbo **poteo* deriva o tema do *perfectum* do verbo *possum*
‘poder, ser capaz de’ (EM, s.v.) e o participio *potens* ‘que pode, capaz
de, que manda sobre, senhor, poderoso’ (EM, s.v.). Pela junção do
prefixo *in-*, chega-se ao adjectivo *impotens*, que adquire os sentidos de
‘incapaz, que não é senhor de si’.

Cícero utiliza um derivado de *potis* ‘senhor de, poderoso, capaz
de’ (EM, s.v.), que participa na conjugação de *possum* através da
contaminação com **poteo*, para afirmar que aqueles que se submetem
à ira *exisse ex potestate* (“saíram do seu controlo”; *Tusc.*3.11).

Lico conjectura a forma de ultrapassar a intolerância obstinada de
Mégara (*Her.F.*350-351):

*LYCVS ...quod si impotenti pertinax animo abnuet,
stat tollere omnem penitus Herculeam domum.*

⁴² Tarrant, 1976, ad 997: compara-se este passo a *Med.*190-191 e remete-se para
Opelt, 1965, 165, n.94, para verificar o uso de *monstrum* dirigido por tiranos aos
seus súbditos.

LICO ...pois se, na pertinácia do seu espírito descontrolado, recusar, está decidido destruir completamente toda a casa de Hércules.

O Coro de *Medea* interroga-se acerca da sua temível reacção à traição do marido (*Med.*851-852):

*CHORVS quod impotenti
facinus parat furore?*

CORO Que crime
prepara ela, com o seu furor descontrolado?

Clitemnestra evade-se da razão, na opinião da Ama (*Ag.*126-127):

*NVTRIX ...quid tacita uersas quidue consilii impotens
tumido feroces impetus animo geris?*

AMA...porque te atormentas em silêncio e porque, descontrolada nos
teus desígnios,]
alimentas ímpetos ferozes no teu espírito túmido?

Considere-se, ainda, a lítotes de valor semântico afim, na manifestação de espanto do Coro, perante a atitude inusitadamente serena de Atreu em relação ao irmão (*Thy.*546-548):

*CHORVS feros ille et acer
nec potens mentis truculentus Atreus
fratris aspectu stupefactus haesit.*

CORO Aquele fero e acerbo
e não controlado nas suas decisões, o truculento Atreu
deteve-se, imóvel, à vista do irmão!

Agamémnon reconhece que o poder o impeliu a cometer excessos (*Tro.*266-267):

*AGAMEMNON fateor, aliquando impotens
regno ac superbus altius memet tuli...*

AGAMÉMNON Confesso: por vezes, descontrolado
e soberbo com o poder real, elevei-me demais...

b) *uecors* ‘desvairado’

É constituído pelo elemento inicial de negação *ue-* e pelo elemento cuja presença se nega nos vituperados, *cor*. O substantivo simples corresponde à sede da alma, da inteligência, da sensibilidade e significa ‘inteligência, espírito, bom senso’ (EM, *s.v.*). O derivado adquire os sentidos de ‘louco, insensato, desvairado, furioso’.

O Coro descreve, assustado, o comportamento de Fedra (*Phaed.* 1154-1155):

*CHORVS Quae uox ab altis⁴³ flebilis tectis sonat
strictoque uecors Phaedra quid ferro petat?*

CORO Que voz chorosa ressoa das profundezas do palácio e que prepara a desvairada Fedra com o ferro empunhado?

Jocasta revela um estado anímico semelhante depois de conhecer a verdadeira identidade de Édipo (*Oed.* 1004-1005):

*CHORVS En ecce, rapido saeua prosiluit gradu
locasta uecors...*

CORO Eis que avança, implacável, a passo rápido, a desvairada Jocasta...

Cassandra prevê o assassinato de Agamémnon por Clitemnestra (*Ag.* 734-735):

*CASSANDRA Quid ista uecors tela feminea manu
dstricta praefert?*

CASSANDRA Porque ostenta esta desvairada, com a sua mão de mulher, o gládio desembainhado?

Agamémnon admite os excessos que a guerra pode proporcionar (*Tro.* 281-285):

*AGAMEMNON quidquid indignum aut ferum
cuiquam uideri potuit, hoc fecit dolor
tenebraeque, per quas ipse se irritat furor,
gladiusque felix, cuius infecti semel
uecors libido est.*

⁴³ Coffey and Mayer, 1990, *ad* 1154-5: Fedra não está no ponto mais alto do palácio; o som do seu choro vem do interior da casa real.

AGAMÉMNON Tudo o que a alguém possa parecer indigno ou fero, é obra do ressentimento e das trevas, com as quais o próprio furor mais se excita, e do gládio afortunado, cujo apetite, tingido uma primeira vez, é desvairado.

1.2.7. Inflexibilidade

As personagens podem ser censuradas pela sua impermeabilidade à influência alheia quando manifestam uma obstinação exacerbada na prossecução das suas disposições, que as impede de retroceder para uma posição moderada, fruto da temperança.

a) *indomitus* ‘indomável’

Este adjectivo é formado por prefixação e sufixação, com base na raiz do verbo *domo* ‘domar, domesticar’ (EM, s.v.).

Clitemnestra reconhece a sua impotência para conter a sublevação exaltada da filha (Ag.964-965):

CLYTEMESTRA Indomita posthac uirginis uerba impiae regina frangam...

CLITEMNESTRA Dominarei, mais tarde, como rainha, as palavras indomáveis desta virgem ímpia...

Édipo considera vã a tentativa de Antígona de o prender à vida (Phoen.307):

OEDIPVS quid prece indomitum domas?

ÉDIPO Porque tentas, com a tua súplica, domar o indomável?

b) *indocilis* ‘inflexível’

A raiz deste vocábulo encontra-se no verbo *doceo* ‘ensinar’ (EM, s.v.). *Docilis* é aquele ‘que se deixa ensinar facilmente’, de onde sentidos como ‘dócil, flexível’. *Indocilis*, pelo contrário, exprime a ideia de intransigência.

Atreu reconhece este defeito no irmão (Thy.199-200):

*ATREVS noui ego ingenium uiri
indocile: flecti non potest – frangi potest.*

ATREU Eu conheço o temperamento inflexível
daquele homem: não pode ser dobrado, mas pode ser quebrado.

c) *intractabilis* ‘intratável’

Tracto significa ‘manusear, trabalhar, tratar de’ (EM, s.v.). Existem o adjectivo derivado *tractabilis*, com os sentidos de ‘que se pode manusear ou tratar, flexível’ e o seu antónimo *intractabilis* ‘intratável’.

Hipólito é a única personagem que recebe este epíteto (*Phaed.* 229; *Phaed.* 271; *Phaed.* 580-582):

NVTRIX ...quis huius animum flectet intractabilem?

AMA ...quem dobrará o seu espírito intratável?

NVTRIX temptemus animum tristem et intractabilem.

AMA Tentemos este carácter austero e intratável.

*NVTRIX Vt dura cautes undique intractabilis
resistit undis et lacessentes aquas
longe remittit, uerba sic spernit mea.*

AMA Tal como a dura rocha, de todos os lados intratável,
resiste às ondas e repele para longe
as águas que a açoitam, assim ele recusa as minhas palavras.

1.2.8. Insensatez

Em *Tusc.* 4.77, Cícero preceitua: *itaque iratos proprie dicimus exisse de potestate, id est de consilio, de ratione, de mente* (“e assim, com propriedade dizemos que os irados saíram do seu controlo, isto é, da sua capacidade de decisão, da sua razão, da sua mente”). O primeiro campo lexical ilustra este último segmento, ou seja, *exire de mente*.

a) *amens* e *demens* ‘insensato’

Os prefixos *a-* e *de-* traduzem o movimento de separação e de afastamento; indicam ausência e privação. É possível estabelecer uma correspondência de formação e de sentido com o adjectivo grego ἄφρων, em que o α- privativo nega a presença de φρήν.

Os adjectivos latinos exprimem a privação de *mens* (EM, s.v.), que designa, por oposição a *corpus*, ‘o princípio pensante, a actividade do pensamento, o espírito, a inteligência, a intenção’. *Amens* e *demens*

adquirem as acepções de ‘privado de razão, insensato’. Aparecem, indiscriminadamente, para censurar decisões que os autores dos vitérios consideram que os seus alvos não tomariam em pleno exercício das suas capacidades racionais e que explicam, portanto, com a privação dessas faculdades.

Mégara tenta chamar Hércules à razão, quando este se prepara para perpetrar o filicídio (*Her.F.1021*):

MEGARA Quo tendis amens? Sanguinem fundes tuum?

MÉGARA Para onde vais, insensato? Derramarás sangue teu?

Egisto indigna-se com a hesitação de Clitemnestra em aceder ao homicídio de Agamémnon (*Ag.244-245*):

*AEGISTHVS Quo raperis amens? credis aut speras tibi
Agamemnonis fidele coniugium?*

EGISTO Para onde te deixas arrastar, insensata? Acreditas ou tens esperança na fidelidade conjugal de Agamémnon para contigo?

Lico reage à veemente recusa de Mégara à sua proposta de união (*Her.F.429*):

LYCVS Moriere demens.

LICO Morrerás, insensata.

A Ama de Medeia condena as suas palavras e os seus planos de vingança temerários (*Med.174-175*):

*NVTRIX Compesce uerba, parce iam, demens, minis
animosque minue...*

AMA Retém as tuas palavras, cessa já, insensata, as tuas ameaças e acalma o teu arrebatamento...

A Ama de Dejanira tem uma reacção idêntica perante o seu destempero por causa dos amores de Hércules e Íole (*Her.O.314*):

NVTRIX Quod paras demens scelus?

AMA Que crime, insensata, preparas?

A rainha micénica, por sua vez, ridiculariza altivamente a concepção deturpada que Electra teria de si mesma (Ag.961):

CLYTEMESTRA *Et esse demens te parem nobis putas?*

CLITEMNESTRA E tu julgas, insensata, que és igual a nós?

Por vezes, são as próprias personagens que têm a percepção de estarem num momento de lucidez que lhes permite detectar a incursão no que acreditam ser um equívoco, o que as leva a increparem-se a si mesmas. Tiestes e Édipo são, neste caso, exemplos ilustrativos (Thy.961-963; Oed.103-105):

THYESTES *Quos tibi luctus quosue tumultus
fingis, demens?
credula⁴⁴ praesta pectora fratri...*

TIESTES Que lutos e que tumultos em ti
imaginas, insensato?
Oferece um coração crédulo ao teu irmão...

OEDIPVS *Quid sera mortis uota nunc demens facis?
licuit perire. laudis hoc pretium tibi
sceptrum et peremptae Sphingis haec merces datur.*

ÉDIPO Porque fazes, agora, insensato, votos tardios de morte?
Podias ter morrido. Este ceptro é, para ti, o preço da glória
e esta é a recompensa que te dão pela morte da Esfinge.

1.2.9. Furor amoroso

Considere-se mais uma perturbação a que Cícero atribui a designação de *amor* ‘amor’. Preconiza o autor: *et ut turpes sunt, qui ecferunt se laetitia tum cum fruuntur Veneriis uoluptatibus, sic flagitiosi, qui eas inflammato animo concupiscunt. totus uero iste, qui uolgo appellatur amor – nec hercule inuenio, quo nomine alio possit appellari –, tantae leuitatis est, ut nihil uideam quod putem conferendum* (“e tal como são torpes os que se deixam levar pela alegria quando fruem dos prazeres de Vénus, também são indecentes os que os desejam de espírito inflamado. Tudo isso, que vulgarmente se chama amor – e não encontro, por Hércules, por que outro nome possa ser cha-

⁴⁴ Traina, 2000, ad 962: o adjectivo *credulus* denota uma confiança excessiva e ilusória; neste contexto, indicia que, inconscientemente, Tiestes sabe que está a ser enganado.

mado – é, realmente, de tal leviandade, que não vejo nada que julgue comparável”; *Tusc.*4.68). Depois de dar o exemplo do amor de Medeia como particularmente pernicioso (4.69), avisa os que acreditam que um amor se cura com outro: *maxume autem admonendus <est>, quantus sit furor amoris. omnibus enim ex animi perturbatio-nibus est profecto nulla uehementior, ut, si iam ipsa illa accusare nolis, supra dico et corruptelas et adulteria, incesta denique, quorum omnium accusabilis est turpitude, – sed ut haec omittas, perturbatio ipsa mentis in amore foeda per se est* (“ora, deve, acima de tudo, advertir-se de quão grande é o furor amoroso; de facto, de todas as perturbações do espírito, não há seguramente nenhuma mais intensa, de modo que, mesmo não querendo censurar aquelas coisas, quero dizer os estupros e as seduções e os adultérios, enfim, os incestos, cuja torpeza é, para todos, censurável, e até omitindo-as, a própria perturbação da mente no amor é, por si, vergonhosa”; 4.75).

O arrebatamento amoroso exprime-se pelo vocabulário utilizado em temas anteriores, ou seja, encontra-se léxico próprio para exprimir a ira, o descontrolo e a insensatez, mas que tem subjacente os sentimentos amorosos das personagens. É o contexto frásico e sequencial que esclarece acerca da perturbação a que o vocabulário se refere, bem como acerca do sentido mais preciso que lhe foi atribuído.

a) *furens* ‘louco’

Fedra interpela-se a si própria (*Phaed.*112):

PHAEDRA *quid furens*⁴⁵ *saltus amas?*

FEDRA Porque amas, louca, os bosques?

Clitemnestra denigre o exacerbado ímpeto amoroso de Agamémnon, recordando o seu interesse em Criseida (*Ag.*175-177):

CLYTEMESTRA ...*amore captae captus, immotus prece
Zminthea tenuit spolia Phoebei senis,
ardore sacrae uirginis iam tum*⁴⁶ *furens.*

CLITEMNESTRA ...do amor de uma cativa cativo, indiferente à súplica, reteve os despojos esmínteos do ancião consagrado a Febo, já então louco de paixão pela virgem sagrada.

⁴⁵ Coffey and Mayer, 1990, *ad* 112: “*furens* points to erotic madness”; *vd.* também *ad* 96.

⁴⁶ Tarrant, 1976, *ad* 177: *iam tum* sugere uma ocorrência habitual ou constante.

b) *amens* e *demens* ‘enlouquecido’

Fedra confessa ao enteado (*Phaed.*702):

PHAEDRA ...quacumque gressus tuleris hac amens agar...

FEDRA ...para onde quer que dirijas os teus passos, para aí, enlouquecida, serei arrastada.]

Depois da morte de Hipólito, confessa a sua responsabilidade (*Phaed.*1192-1194):

*PHAEDRA ...falsa memoravi et nefas,
quod ipsa demens pectore insano hauseram,
mentita finxi.*

FEDRA ...contei falsidades e o sacrilégio
que eu própria, enlouquecida, retirara do meu coração insano,
inventei-o e menti.

1.2.10. Adultério

Em *Tusc.*4.75, Cícero enumera várias manifestações do *furor amoris* ‘furor amoroso’, entre as quais se contam o adultério, o estupro e o incesto. Todas elas estão representadas na tragédia de Sêneca. Comece-se pela análise da invectiva do adultério.

a) *adulter* ‘adúltero’

A origem etimológica comporta a indicação do movimento de aproximação, *ad-*, em direção ao alheio, *alter* (EM, s.v. *alius*). *Adulterare* significa ‘cometer adultério, seduzir’ e o *adulter* ou a *adultera* são ‘aqueles que cometem adultério, adúlteros’.

Clitemnestra e Egisto recebem aquele insulto de Electra (*Ag.*955):

ELECTRA Adulterorum uirgo deserui domum.

ELECTRA Eu, uma virgem, abandonei uma casa de adúlteros!

Cassandra reitera o opróbrio, desta vez dirigido só ao filho incestuoso de Tiestes (*Ag.*884):

CASSANDRA ...regemne perimet exul et adulter uirum?

CASSANDRA ...acaso um exilado matará um rei e um adúltero um varão?

Jasão merece a mesma designação pejorativa, enquanto Medeia enumera todas as direcções de um eventual exílio, que lhe estão vedadas pelos muitos crimes que cometeu (*Med.*454-456):

*MEDEA quae maria monstras? Pontici fauces freti
per quas reuexi nobilem regum manum
adulterum secuta per Symplegadas?*

MEDEIA Que mares me indicas? Os estreitos do ponto Euxino, pelos quais transportei um nobre esquadrão de reis, seguindo este adúltero, por entre as Simplégades?

1.2.11. Estupro

a) *euersor* ‘destruidor’

Deriva de *euerto* ‘revirar, revolver, destruir’ (EM, s.v. *uerto*). *Euersor* significa, portanto, ‘aquele que destrói, destruidor’.

Teseu questiona Fedra acerca do autor do alegado estupro (*Phaed.*894):

THESEVS Quis, ede, nostri decoris euersor fuit?

TESEU Quem foi, nomeia-o, o destruidor da nossa honra?

b) *raptor* ‘violador’

É formado sobre *rapio* ‘arrebatar, levar com violência, tomar à força’ (EM, s.v.). *Raptor* é ‘o que toma ou leva à força, o que rouba, ladrão, usurpador’.

A Ama de Fedra acusa Hipólito de ter estuprado a madrasta (*Phaed.*726-728):

*NVTRIX nefandi raptor Hippolytus stupri*⁴⁷
*instat premitque, mortis intentat metum,
ferro pudicam terret...*

AMA O violador deste nefando estupro, Hipólito, insta e pressiona, ameaça com o medo da morte, aterroriza a pudica com o ferro...

O Mensageiro traz a notícia da terrível morte de Hipólito. Este é o comentário do pai (*Phaed.*999):

⁴⁷ Cf. Coffey and Mayer, 1990, 69 e *ad* 726: *nefando stupro* (dativo regido por *instat*).

THESEVS ...*nunc raptor obiit.*

TESEU ...agora morreu um violador.

c) *stuprator* ‘estuprador’

Deriva de *stuprum* ‘desonra, estupro’ (EM.s.v.) e designa quem o comete.

Perante Teseu, Fedra indica a espada de Hipólito como prova do seu alegado crime (*Phaed.*896-897):

PHAEDRA *Hic dicet ensis, quem tumultu territus
liquit stuprator ciuium accursum timens.*

FEDRA Dir-to-á esta espada, que, afugentado pelo tumulto, o estuprador abandonou, temendo a chegada dos cidadãos.

1.2.12. Incesto

a) *incestus* e *incestificus* ‘incestuoso’

Têm na sua origem *castus* ‘virtuoso, casto, puro’ (EM, s.v.). *Incestus* tem o sentido geral de ‘impuro’, mas pode aparecer com o sentido específico de ‘incestuoso’. *Incestificus* é um composto de *incestus* e *facio*, com o sentido restrito de ‘incestuoso’.

Laio aponta a natureza do segundo crime de Édipo (*Oed.*645-646):

CREO ... ‘*incestam domum
uertam...*’

CREONTE ... ‘revolverei
esta casa incestuosa...’

Jocasta toma consciência do valor subversivo do seu acto e auto-censura-se (*Oed.*1025-1026):

IOCASTA ... *omne confusum perit,
incesta, per te iuris humani decus...*

IOCASTA Por tua causa, incestuosa, perece, confusa,
toda a dignidade do direito humano...

Finalmente, Édipo recorre a *incestificus* para denegrir a sua própria imagem perante a filha (*Phoen.*222-224):

HIPPOLYTUS Procul impudicos corpore a casto amoue
 tactus – quid hoc est? etiam in amplexus ruit?
 Stringatur ensis, merita supplicia exigat.
 en impudicum crine contorto caput
 laeua reflexi: iustior numquam focis
 datus tuis est sanguis, arquitenens dea.

HPÓLITO Afasta para longe do meu corpo casto o teu contacto
 impudico! Que é isto? Até corre para me abraçar?
 Vou puxar da espada para ela receber o castigo merecido.
 Eis que, agarrando-a pelo cabelo, inclinei para trás, com a mão esquerda,
 a sua cabeça impudica: nunca um sangue foi mais justamente oferecido
 aos teus altares, deusa detentora do arco.

A ironia trágica afirma-se em toda a sua pujança nesta fala de
 Édipo, em que, no desconhecimento da verdadeira identidade do
 assassino de Laio, acaba por proferir palavras que o denigrem a si
 mesmo (*Oed.*260):

OEDIPVS ...thalamis pudendis doleat et prole impia...

ÉDIPO ...que sofra com um tálamo vergonhoso e com uma prole ímpia...

Antes de relatar o assassínio dos filhos de Tiestes, o Mensageiro
 exclama (*Thy.*625-626):

*NVNTIVS o domus Pelopi quoque
 et Tantalo pudenda!*

MENSAGEIRO Oh, casa vergonhosa
 até para Pélops e Tântalo!

Hércules congratula-se com a extinção de uma raça que pensa ser
 a de Lico (*Her.F.*1035):

HERCVLES Bene habet, pudendi regis excisa est domus.

HÉRCULES Muito bem, a casa daquele rei vergonhoso foi destruída.

b) *turpis* ‘torpe’

Esta é outra forma de exprimir a vergonha que cai sobre as per-
 sonagens, como consequência dos seus actos. Corresponde ao grego
 αἰσχρὸς e significa ‘torpe, vergonhoso, desonroso’ (EM, s.v.).

O Mensageiro reproduz as palavras dos troianos que assistiam à imolação de Astíanax e de Políxena. Helena conduzia a jovem reclamada por Aquiles (*Tro.*1134-1136):

NVNTIVS 'tali nubat *Hermione modo*'
Phryges precantur, 'sic uiro turpis suo
reddatur Helena.'

MENSAGEIRO 'Que de igual modo seja o casamento de Hermíone',
 imprecavam os Frígios, 'que assim seja devolvida ao marido
 a torpe Helena!'

O oráculo de Apolo aponta a vergonha que pesa sobre Édipo (*Oed.*237-238):

CREO '...tecum bella geres, natis quoque bella relinques,
turpis maternos iterum reuolutus in ortus.'

CREONTE '...farás a guerra contra ti mesmo, também aos teus filhos
 legarás a guerra,]
 torpe, que de novo regressaste ao ventre de tua mãe!'

c) *incestus* 'não casto'

Este adjectivo reaparece em *Phaedra* já não com o sentido específico de 'incestuoso' (1.2.12a), mas com o sentido imediato de 'não casto', como se deduz pelo jogo antitético que se estabelece entre *castus* e *impudicus*⁵⁰, entre *castus* e *incestus* e entre *pudicus* e *incestus* (*Phaed.*1184-1185; *Phaed.*1195-1196):

PHAEDRA morere, si casta es, uiro;
si incesta, amori.

FEDRA Morre, se és casta, em nome do teu marido,
 se não és casta, em nome do teu amor.

PHAEDRA ...iuuenisque castus crimine incesto iacet,
pudicus, insons...

FEDRA ...e aquele jovem casto, por causa de um crime contra a casti-
 dade, jaz]
 pudico, inocente...

⁵⁰ *Phaed.*704-705: 1.2.13a, p. 104-105.

Hipólito refere-se à mulher de um modo geral (*Phaed.*560-561):

HIPPOLYTUS ...huius incestae stupris
fumant tot urbes...

HIPÓLITO ...por causa dos adultérios deste ser não casto,
tantas cidades fumegam...

O mesmo efeito é conseguido através da lítotes. A Ama de Fedra refere-se a Hipólito (*Phaed.*237):

NVTRIX ...castosque ritus Venere non casta⁵¹ exuet?

AMA ...e porá de lado os seus castos hábitos por causa de um amor não
casto?]

1.2.14. Soberba

Esta é a opinião de Cícero sobre este novo tema: *atque etiam in rebus prosperis et ad uoluntatem nostram fluentibus superbiam magnopere, fastidium arrogantiamque fugiamus. nam ut aduersas res, sic secundas immoderate ferre leuitatis est* (“e mesmo nas situações prósperas e que correm à nossa vontade, evitemos, a todo o custo, a soberba, o desdém e a arrogância. Pois é leviano lidar imoderadamente tanto com a adversidade como com a prosperidade”; *Off.*1.90).

A ligação da soberba à intemperança é dedutível da utilização da forma adverbial *immoderate*. A *facilitas* ‘afabilidade’ e a *humanitas* ‘humanidade’ são apontadas como as virtudes contrárias.

Hellegouarc’h salienta que a palavra *superbia* era utilizada pelo povo para designar a arrogância da classe dominante. O mesmo autor refere, ainda, que os Romanos associavam esta noção ao poder real. Neste sentido, recorda que o último rei romano tinha o cognome de *Superbus*⁵².

Embora a soberba seja criticada sobretudo no exercício do poder, é possível detectá-la nas relações familiares e amorosas das personagens. Com efeito, aparece como um sentimento de superioridade do sexo masculino em relação ao feminino, que se traduz na rejeição indignada ou sem explicações. Por outro lado, as personagens podem revelar orgulho em situações adversas: ao invés de se entregarem à prostração, emergem altivas, impondo um distanciamento de superio-

⁵¹ Coffey and Mayer, 1990, *ad* 237: *non casta = incesta*.

⁵² Hellegouarc’h, 1972, 439-440.

ridade em relação aos que as prejudicaram e uma autoridade que lhes permite dar resposta aos ataques. Neste sentido, é pertinente a ligação que Cícero estabelece, ainda que indirectamente, com a ira, através do verbo *tumeo*, ao considerar que *tumere* ‘estar inchado’ é um estado intrínseco àquela perturbação (*Tusc.*3.19)⁵³.

a) *superbus* ‘soberbo’ e *superbificus* ‘sobranceiro’

O primeiro formou-se a partir de *super*-⁵⁴, que guarda os valores de ‘sobre, em cima, acima de, além de’ (EM, *s.v.*). Por isso, numa primeira instância, *superbus* significa ‘o que está em cima’ e daí os sentidos de ‘orgulhoso, soberbo’. O segundo é um composto de *superbus* e *facio* (EM, *s.v.*); significa ‘que inspira orgulho, sobranceiro’.

Medeia, quando se prepara para imolar o segundo filho à vista de Jasão, atira-lhe este insulto (*Med.*1007-1008):

MEDEIA *i nunc, superbe, uirginum thalamos pete,
relinque matres.*

MEDEIA Vai agora, soberbo, procura o leito das virgens,
abandona as mães!

Fedra coloca-se numa situação de inferioridade perante o enteado, na tentativa de demover o seu desprezo (*Phaed.*703):

PHAEDRA ...*iterum, superbe, genibus aduoluo tuis.*

FEDRA ...de novo, soberbo, estou caída a teus pés.

O Coro descreve a reacção de Medeia ao noivado de Jasão (*Med.*853-856):

CHORVS *uultus citatus ira
riget et caput feroci
quatiens superba motu
regi minatur ultro.*

⁵³ *Vd.* 1.2.14b, p. 110.

⁵⁴ Corresponde ao grego ὑπερ-. Neste sentido, *vd.*, por exemplo, a caracterização dos chefes argivos na cena dos escudos de *Sete contra Tebas* de Ésquilo, em que abundam os vocábulos com este elemento de formação, para destacar a soberba como a principal característica daquelas figuras: 387, 391, 404, 410, 483.

CORO O seu rosto, perturbado pela ira,
está crispado e, sacudindo a cabeça
com um movimento feroz, soberba,
lança-se em ameaças contra o rei.

São vários os chefes políticos e militares que enfermam deste defeito. Atreu e Tiestes são um exemplo (*Thy.*32):

FVRIA *superbis fratribus regna excidant...*

FÚRIA Que o poder real escape a estes irmãos soberbos...

O fantasma de Tiestes reconhece o trono da casa micénica, de onde reina, então, Agamémnon (*Ag.*9-10):

THYESTIS VMBRA *...hoc sedent alti toro*
quibus superba sceptrata gestantur manu...

FANTASMA DE TIESTES ...neste trono, sentam-se os poderosos,
por quem o ceptro é empunhado com mão soberba...

Polinices refuta o apelo de Jocasta para que desista da querela com o irmão, argumentando com a soberba deste (*Phoen.*592-593):

POLYNICES *regia frater meus*
habitet⁵⁵ superba, parua me abscondat casa.

POLINICES Que o meu irmão habite
um palácio soberbo, que uma pequena choupana me dê guarida!

Juno indigna-se com a sobrançeria de Hércules, por causa dos seus sucessos (*Her.F.*57-59):

IVNO at ille, rupto carcere umbrarum ferox,
de me triumphat et superbifica manu
atrum per urbes ducit Argolicas canem.

JUNO Mas ele, com ar feroz por ter arrombado o cárcere das sombras,
triunfa sobre mim e, com a sua mão sobranceira,
passeia o cão negro pelas cidades da Argólida.

⁵⁵ Frank, 1995, *ad* 592-3: há outras lições – *meus habitat e mea habitat*; a editora opta pela lição citada *supra*.

b) *tumidus* ‘túmido’ e *tumefactus* ‘intumescido’

Tumidus é um derivado de *tumeo* ‘estar inchado’ (EM, s.v.), que significa ‘túmido, inchado, orgulhoso’. *Tumefactus* é o particípio passado de *tumefacio*, um composto de *tumeo* e *facio*, que significa ‘inchar, intumescer’.

Mégara insulta Lico (*Her.F.384-385*):

MEGARA *Dominare tumidus, spiritus altos gere:
sequitur superbos ultor a tergo deus.*

MÉGARA Reina túmido, mostra o teu espírito altivo:
um deus vingador segue atrás dos soberbos.

O Coro de mulheres da Ecália, destruída por Hércules, qualificam-no com o mesmo adjectivo. O advérbio refere-se a Tebas (*Her. O. 142*):

CHORVS ...*hic mater tumidi nupserat Herculis?*

CORO ...casara-se aqui a mãe do túmido Hércules?

Agamémnon, no aceso ἀγών com Pirro, recorda Aquiles (*Tro. 252-253*):

AGAMEMNON *spiritus quondam truces
minasque tumidi lentus Aeacidae tuli...*

AGAMÉMNON Suportei, outrora, paciente,
o espírito truculento e as ameaças do túmido Eácida.

Medeia descreve Creonte (*Med.178*):

MEDEA *ipse est Pelasgo tumidus imperio Creo.*

MEDEIA É o próprio Creonte, túmido com o império pelasgo.

Clitemnestra reage ao ataque verbal da filha (*Ag.958-959*):

CLYTEMESTRA *Animos uiriles corde tumefacto geris;
sed agere domita feminam disces malo.*

CLITEMNESTRA Mostras um espírito viril no teu coração intumescido;
mas, vencida pelo castigo, aprenderás a agir como mulher⁵⁶.

⁵⁶ Tarrant, 1976, ad 959: *agere feminam* ‘fazer um papel de mulher’ (terminologia da encenação dramática).

1.2.15. Cobiça

Nas *Tusculanas*, Cícero sistematiza a perturbação da *indigentia* ‘cobiça’, que define como *libido inexplebilis* (“um desejo insaciável”) de riquezas e honras (4.21). Nas *Partitiones Oratoriae*, associa a temperança à ausência de anelo pelo que não se detém (77). O *Auctor ad Herennium* preceitua: *modestiae partibus utemur, si nimias libidines honoris, pecuniae, similium rerum uituperabimus* (“utilizaremos os princípios da moderação se censurarmos os excessivos desejos de honra, de riqueza, de coisas semelhantes”; 3.5).

a) *cupidus* ‘cobiçoso’ e *cupiens* ‘desejoso’

Partilham a raiz de *cupio* ‘desejar’ (EM, s.v.), que traduz, regularmente, o desejo intenso e instintivo.

O Coro de *Thyestes* generaliza a crítica devida aos dois filhos de Pélops (*Thy.*342-343):

*CHORVS nescitis, cupidi arcium,
regnum quo iaceat loco.*

CORO Não sabeis, cobiçosos de cidadelas,
em que lugar se encontra a realeza.

Édipo utiliza o particípio de *cupio* para acusar Creonte de dissimulação, com vista à usurpação do trono (*Oed.*682-683):

*OEDIPVS Certissima est regnare cupienti uia
laudare modica et otium ac somnum loqui...*

ÉDIPO O caminho mais seguro para o desejoso de reinar
é louvar a moderação e falar de repouso e de descanso...

b) *avidus* ‘ávido’

Deriva de *auéo* ‘desejar vivamente, ser ávido de’ (EM, s.v.).

Em matéria de disputas pelo poder, é incontornável a de Etéocles e Polinices. Édipo caracteriza-os, nestes termos (*Phoen.*295-297):

*OEDIPVS Illis parentis ullus aut aequi est amor,
avidis cruoris imperi armorum doli,
diris, scelestis, breuiter ut dicam, meis?*

ÉDIPO Têm algum amor pelo pai ou pela justiça,
eles que são ávidos de sangue, de poder, de guerras, de dolo,
sinistros, criminosos, para ser breve, meus?

Hécuba censura o comportamento dos Aqueus, depois da vitória sobre Tróia (*Tro.*18-19):

*HECVBA non prohibet avidas flamma uictoris manus:
diripitur ardens Troia...*

HÉCUBA A chama não impede as ávidas mãos do vencedor:
Tróia, a arder, é saqueada...

1.3. *Ignauia* ‘cobardia’

Cícero utiliza a forma *ignauia* como antónimo directo de *fortitudo* em *Inv.*2.165; *Fin.*1.50; *Tusc.*3.17, 4.42; *Off.*1.73; *Amic.*47 e *Catil.*2.25. Corresponde ao grego δειλία (*Arist.Rh.*1366b13; *VV.*1249b30-1250a1, 1250a15-20, 1251a10-15).

Aristóteles salienta que a coragem permite a realização de acções grandiosas, em contextos adversos (*Rh.*1366b11-12).

Em *Περὶ ἀρετῶν καὶ κακιῶν*, considera-se que a coragem repele o medo, sobretudo o medo da morte (1250a5-10); pelo contrário, a cobardia estimula-o (15-25). A ἀνδρεία prefere uma morte gloriosa a uma vida segura mas apagada (40-45). Este entendimento é exposto na *Rhetorica ad Herennium*, em 3.5. Nesta obra pode ler-se: *fortitudo est rerum magnarum adpetitio et rerum humilium contemptio et laboris cum utilitatis ratione perpessio* (“a coragem é a apetência por actos grandiosos e o desprezo dos actos modestos e a capacidade de suportar as provações com o intuito de sucesso”; 3.3).

Para Cícero, *fortitudo est considerata periculorum susceptio et laborum perpessio* (“a coragem é enfrentar pela reflexão os perigos e suportar as provações”; *Inv.*2.163). De todos os passos em que reflecte sobre esta virtude (*Fin.*1.49; *Tusc.*3.14, 4.53; *Rep.*5.9), é possível deduzir um conjunto de características comuns: a neutralização do medo, com base num certo menosprezo da morte e da dor, a autoconfiança, a resistência às dificuldades, a perseverança necessária à concretização dos objectivos e a apetência por feitos grandiosos. Todas estas qualidades só estão à disposição de um *robustus animus et excelsus* (“espírito robusto e elevado”), que é *liber omni cura et angore* (“livre de todo o cuidado e angústia”; *Fin.*1.49).

1.3.1. Medo

O medo consiste numa antecipação irracional de um mal iminente, que parece intolerável e que gera entorpecimento e agitação espiritual (Cic.*Tusc.*4.13-14, 19).

a) *timidus* ‘receoso’

Deriva de *timeo* ‘temer, recear, ter medo’ (EM, s.v.).

A adoção de comportamentos distintos em situações de vantagem e em situações desfavoráveis é utilizada por Pirro na discussão com Agamémnon, através do jogo de palavras (*Tro.*301-302):

*PYRRHVS O tumide, rerum dum secundarum status
extollit animos, timide, cum increpuit metus...*

PIRRO Ó orgulhoso, enquanto uma situação favorável te exalta o ânimo, ó receoso, quando te assalta o medo...

Édipo desafia Laio a infligir-lhe um castigo superior ao que a sua mão conseguira implementar (*Phoen.*174-176):

*OEDIPVS ...timida tunc paruo caput
libauit haustu uixque cupientes sequi
eduxit oculos.*

ÉDIPO ...receosa, então, derramou sobre a minha cabeça uma pequena libação e a custo tirou os meus olhos desejosos de a seguir.

b) *pavidus* ‘aterrorizado’

Tem a raiz de *paueo* ‘estar tomado de pavor, ter medo’ (EM, s.v.).

Pirro contrapõe o comportamento de Príamo ao do Atrida, para desvalorizar o segundo (*Tro.*314-317):

*PYRRHVS Priamus tamen
praesens rogauit; tu, graui pavidus metu
nec ad rogandum fortis, Aiaci preces
Ithacoque mandas clausus atque hostem tremens.*

TALTHYBIVS ... 'ite, ite, inertes, *debitos manibus meis auferte honores...*'

TALTÍBIO ... 'ide, ide, incapazes, levai as honras devidas aos meus manes...'

Édipo censura-se por não ser capaz de colocar, ele mesmo, um fim à sua vida funesta para todos (*Phoen.*91-92):

OEDIPVS *dextra quid cessas iners
exigere poenas?*

ÉDIPO Porque tardas, mão incapaz,
em me punir?

De seguida, insta Laio a colaborar na punição (*Phoen.*173-174):

OEDIPVS *ades atque inertem dexteram introrsus preme
magisque merge...*

ÉDIPO Apresenta-te e empurra para dentro a minha mão incapaz e afunda-a mais...

c) *eneruis* 'fraco'

Define a ausência de *neruus* 'nervo, músculo, tendão', em sentido concreto, e 'força, coragem, virilidade', em sentido figurado (EM, s.v.).

Só ocorre em conjunto com os dois vocábulos anteriores. Por isso, aproveitar-se-ão as sequências em causa para o ilustrar.

Atreu indigna-se com a sua prostração perante as traições do irmão (*Thy.*176-180):

ATREVS *Ignauae, iners, eneruis et (quod maximum
probrum tyranno rebus in summis⁵⁸ reor)
inulte, post tot scelera, post fratris dolos
fasque omne ruptum questibus uanis agis,
iratus Atreus?*

ATREU Cobarde, incapaz, fraco e, o que eu considero o maior insulto para um tirano no auge do poder, inulto, depois de tantos crimes, depois dos dolos do teu irmão

⁵⁸ Vd. Campos, 1996, 64: *rebus in summis* 'em plena força'; cf. Tarrant, 1985, ad 177: 'em circunstâncias perigosas, numa crise'.

e da ruptura de todo o direito sagrado, entregas-te a lamentos vãos, irado Atreu?

Hércules procura que Filoctetes o auxilie a ir ao encontro da morte, atacando-o no seu brio pessoal (*Her.O.* 1720-1721):

*PHILOCTETES redde iam pharetras mihi,
ignauae, iners, eneruis...*

FILOCTETES Dá-me, já, a minha aljava,
cobarde, incapaz, fraco...

d) *desertor* ‘desertor’

Toma a raiz de *sero*, que significa ‘ligar, atar’ (EM, s.v.). O prefixo *de* designa privação ou cessação do acto expresso pelo verbo simples. Assim, *desero* fornece os sentidos de ‘separar-se de, deixar, abandonar, desertar’. O *desertor* é, portanto, ‘aquele que abandona’ e, na linguagem militar, o ‘desertor’.

Édipo utiliza o substantivo em detrimento próprio (*Phoen.* 44-45):

*OEDIPVS Tandem spiritum inimicum expue,
desertor⁵⁹ anime, fortis in partem tui.*

ÉDIPO Finalmente, expele o teu sopro inimigo,
espírito de desertor, corajoso contra uma parte de ti!

e) *semiuir* ‘semíviro’

Em *Περὶ ἀρετῶν καὶ κακιῶν*, considera-se uma manifestação de coragem ἀνδραγαθίζεσθαι ‘agir como um homem bom’ (1250b1-5) e como um sintoma de cobardia a ἀνανδρία ‘falta de virilidade’ (1251a10-15).

O prefixo *semi-* significa ‘meio, metade’ (EM, s.v.); *uir* designa ‘homem por oposição a mulher, homem do ponto de vista das qualidades másculas, homem digno deste nome, herói, varão’. Egisto evidencia um deficit de qualidades viris na tentativa frustrada de matar Agamémnon. A sua tibieza contrasta com o arrojo de Clitemnestra⁶⁰. Cassandra descreve a sua prestação desajeitada (*Ag.* 890-891):

⁵⁹ Hirschberg, 1989, ad 45: o uso de *desertor* como adjectivo é novo.

⁶⁰ *Ag.* 738-740: 1.3.3a, p. 118.

CASSANDRA *haurit trementi semiuir dextra latus,
nec penitus egit: uulnere in medio stupet.*

CASSANDRA O semíviro perfura-lhe o flanco com a mão trémula e sem empurrar até ao fundo: pára a meio do golpe.⁶¹

f) *fortis* ‘corajoso’

Revelar coragem contra os mais fracos é, também, uma forma de cobardia.

O adjetivo *fortis* está na base da constituição de *fortitudo*. Significa ‘forte (fisicamente)’ e ‘corajoso’ (EM, *s.v.*). É utilizado como antónimo de *ignauus* (Ag.236; 1.3.2a) e de *desertor* (Phoen.45; 1.3.2d). Contudo, acaba por reforçar a cobardia dos vituperados que exercem a sua coragem sobre personagens indefesas, como Astíanax, por exemplo. Andrómaca contrapõe o rigor com que Ulisses procura encontrar o filho de Heitor, uma criança indefesa, ao método escolhido para penetrar subrepticamente no exército troiano com o seu companheiro Diomedes (Tro.755-756):

ANDROMACHA *nocturne miles, fortis in pueri necem
iam solus audes aliquid et claro die.*

ANDRÓMACA Guerreiro nocturno, corajoso para a morte de um menino, agora ousas algo sozinho e na claridade do dia.

Hércules increpa-se a si mesmo pelo assassinato de Mégara e dos filhos (Her.F.1283-1284):

HERCVLES *ignauae, cessas, fortis in pueros modo
pauidasque matres?*

HÉRCULES Cobarde, não reages, corajoso apenas contra crianças e mães aterrorizadas?

1.3.3. Audácia

Cícero exorta a que se distingam claramente não só os defeitos contrários das virtudes, mas também os que parecem ser-lhes semelhantes (Inv.2.165; Part.81). A audácia, por exemplo, não é um defeito

⁶¹ Tarrant, 1976, ad 890: afirma-se que Egisto é descrito como um efeminado; pelo contrário, há personagens femininas, como Clitemnestra, Electra e Medeia, que são invectivadas por ostentarem características viris: *vd. Ag.734-735, 958 e Med.268.*

diametralmente oposto à *fortitudo*. De facto, aproxima-se de uma das suas partes constituintes, a *fidentia*, ou seja, a autoconfiança que permite enfrentar as dificuldades com convicção no sucesso (*Inv.*2.163). Contudo, o Arpinate salvaguarda a sua operacionalidade *magnis et honestis in rebus* (“em circunstâncias importantes e honrosas”). Quando é utilizada para fins ilícitos, a autoconfiança transforma-se em audácia. Cícero cita Platão para fazer uma síntese: ‘*animus paratus ad periculum, si sua cupiditate, non utilitate communi impellitur, audaciae potius nomen habeat quam fortitudinis*’ (‘o espírito preparado para o perigo, se é impelido pela sua ambição, não pelo interesse comum, tenha o nome de audácia em vez de coragem’; *Off.*1.63).

a) *audax* ‘audacioso’

Retira a sua raiz de *audeo*, que provém de **auideo*, um derivado de *avidus* (EM, s.v. *audeo* e *aueo*). Inicialmente, significa ‘estar desejoso de, querer’, para adquirir, depois, os sentidos usuais de ‘ousar, ter a audácia de’.

Cassandra fornece esta imagem do homicídio de Agamémnon (*Ag.*738-740):

*CASSANDRA uictor ferarum colla sublimis iacet
ignobili sub dente Marmaricus leo,
morsus cruentos passus audacis leae.*

CASSANDRA O vencedor das feras, de juba sublime,
o leão marmárico, jaz sob um dente ignóbil,
depois de sofrer as mordeduras cruentas de uma leoa audaciosa.

Electra merece o mesmo epíteto pela prevaricação em relação ao código de comportamento (*Ag.*953-954):

*CLYTEMESTRA Hostis parentis, impium atque audax caput,
quo more coetus publicos uirgo petis?*

CLITEMNESTRA Inimiga da tua mãe, criatura ímpia e audaciosa,
com base em que costume, tu, uma virgem, frequentas lugares públicos?

Pirro discute com Agamémnon acerca da imolação de Ifigénia. O chefe máximo dos Aqueus admoesta o jovem filho de Aquiles pelo seu atrevimento (*Tro.*349-351):

AGAMEMNON *Compescere equidem uerba et audacem malo poteram domare; sed meus captis quoque scit parcere ensis.*

AGAMÉMNON Eu podia, sem dúvida, conter as tuas palavras e domar-te, audacioso, com um castigo; mas a minha espada também sabe poupar os cativos.

1.4. *Temeritas* ‘irreflexão’

Cícero contrapõe esta forma à *prudencia* em *Off.*2.8; *Fin.*1.43, 50; *Catil.*2.25 e *Sen.*20. O termo deriva de *temere* (EM, s.v.), ablativo instrumental de **temus, eris*, ‘obscuridade’. No entanto, é usado apenas como advérbio, com os sentidos de ‘às cegas, ao acaso, sem ponderação, irreflectidamente’. *Temeritas* significa ‘irreflexão, leviandade de espírito’. Corresponde ao grego ἀφροσύνη⁶² (VV.1249b30, 1250a15-20, 1250b40-45).

A prudência é a capacidade de reconhecer o bem e o mal (Arist.*Rh.*1366b20-22; Cic.*Inv.*2.160). É próprio desta virtude τὸ ἀγχίνως χρήσασθαι καὶ λόγῳ καὶ ἔργῳ, τὸ τῆν ἐμπειρίαν ἔχειν τῶν χρησίμων πάντων (“usar habilmente do discurso e da acção, ter experiência de todas as coisas úteis”; VV.1250a30-40). Por outro lado, à imprudência pertence julgar incorrectamente os contextos práticos, tomar decisões inadequadas, usar mal os recursos pessoais, enfim, não saber distinguir o bom e o mau (1250b40-1251a5). O autor de Περὶ ἀρετῶν καὶ κακιῶν associa a este vício a ἀπειρία ‘inexperiência’ e a ἀμαθία ‘ignorância’.

A *Rhetorica ad Herennium* destaca, igualmente, o atributo da distinção do bem e do mal através da razão e da memória rica de experiências em actividades múltiplas. Além disso, salienta a sua dimensão de sabedoria prática com esta afirmação: *dicitur item prudentia scientia cuiusdam artificii* (“diz-se também que a prudência é o conhecimento de um certo artifício”; 3.3). Aplica-se esta virtude se se souber ponderar vantagens e desvantagens, escolher a maneira de agir mais adequada às circunstâncias e invocar precedentes para cada situação (3.4).

A prudência é também a qualidade de discernir eficazmente o que é útil (Cic.*Tusc.*5.72). Compreende a *memoria*, a *intellegentia* e a *prouidentia*. A memória preserva o conhecimento teórico e empírico necessário ao exercício de uma actividade⁶³, por exemplo, profissional

⁶² *Vd.* edição da *Rhetorica* de Aristóteles: Dufour, 1991, 109, n.1.

⁶³ Hellegouarc’h, 1972, 257.

(*Fin.*4.76; *Off.*1.151; *Rh.Her.*3.3). A inteligência permite uma correcta percepção da realidade. Por fim, a providência possibilita a antecipação do futuro, no momento de tomar decisões (*Inv.*2.160).

Prudentissimus é aquele que percebe a verdadeira natureza das coisas e está apto a explicá-la com presteza e perspicácia (*Off.*1.16). Em *Rep.*2.67, Cipião fornece do homem *prudens* a imagem de quem está sobre um animal selvagem de grande porte, como o elefante, e o dirige habilmente com um leve toque.

Quanto à *sapientia* ‘sabedoria’, que alterna com a *prudentia* na designação desta quarta virtude, Cícero apresenta a definição dos antigos filósofos que a consideravam a ciência das coisas divinas e humanas, bem como das suas causas (*Off.*2.5; *Tusc.*5.7). Em *Fin.*1.43, salienta o seu efeito benéfico de anular os terrores e as paixões e permitir, assim, uma vida tranquila.

Na *Ethica Nicomachea*, Aristóteles postula que a contemplação é a actividade, por excelência, em que se exercita a σοφία, com vista à felicidade perfeita (10.7). Esta virtude é destacada em relação às virtudes práticas da justiça, da coragem e da temperança, por ser a que permite a maior continuidade de exercício, a mais aprazível, a mais auto-suficiente, a mais adequada ao lazer, a que é autotélica, enfim, a que é a participação divina no humano.

Embora estas definições delineiem uma virtude mais especulativa⁶⁴ do que a *prudentia*, a verdade é que se verificam intersecções entre as características das duas virtudes, como é perceptível, por exemplo, em *Off.*3.62, *Rep.*3.29 e *Clu.*84. Nestas sequências, o *sapiens* ‘sábio’ é caracterizado como alguém que tem uma noção apurada dos seus interesses e é capaz de agir com eficácia para os alcançar.

1.4.1. Astúcia

Não é por falta de perspicácia que as personagens são acusadas nesta rubrica. De facto, revelam-se detentoras de uma destreza mental e de uma capacidade inventiva de excepção. Porém, usam estas qualidades para fins ilícitos e prejudiciais às demais. Por isso, as suas capacidades não são admiradas, antes vituperadas. Neste sentido, Cícero afirma: *scientia, quae est remota ab iustitia, calliditas potius quam sapientia est appellanda* (“o conhecimento que está afastado da justiça, deve chamar-se mais astúcia do que sabedoria”; *Off.*1.63).

⁶⁴ North, 1966, 258.

a) *artifex* ‘artífice’

Este primeiro substantivo é um composto de *ars* e de *facio*, ou seja, une a capacidade inventiva à capacidade de acção concreta (EM, s.v. *ars* e *facio*). Significa ‘pessoa que exerce uma arte ou profissão, artífice, especialista, mestre, autor, criador’.

Teseu insta-se a usar o seu talento para encontrar um fim adequado à sua responsabilidade na morte de Hipólito (*Phaed.*1220-1222):

THESEVS ...*crudus et leti artifex*,
exitia machinatus insolita effera,
nunc tibimet ipse iusta supplicia irroga.

TESEU ...cru e artífice da morte,
que maquinaste destruições insólitas, selvagens,
aplica, agora, a ti mesmo o suplício justo.

Esta é a concepção de Hipólito acerca do sexo feminino (*Phaed.*559-560):

HIPPOLYTVS ...*haec scelerum artifex*
obsedit animos...

HIPÓLITO ...esta artífice de crimes
apodera-se dos espíritos...

Electra acusa Egisto de ser o autor moral e material do homicídio de Agamémnon (*Ag.*983):

ELECTRA *Etiam monebit sceleris infandi artifex...?*

ELECTRA Também me vai dar conselhos o artífice deste crime sacrílego...?!]

A Ama de Medeia descreve as suas mezinhas e os seus feitiços (*Med.*734-735):

NVTRIX *haec scelerum artifex*
discreta ponit...

AMA A estas coisas a artífice de crimes
dispõe-nas em separado...

b) *machinator* ‘maquinador’ e *machinatrix* ‘maquinadora’

Derivam do helenismo *machina* ‘invenção, maquinação, máquina, expediente’ (EM, s.v.).

Ulisses recebe este epíteto, a par de outro idêntico ao último analisado (*Tro.*750):

ANDROMACHA O machinator fraudis et scelerum artifex...

ANDRÓMACA Ó maquinador de fraude e de crimes artífice...

Creonte atira este insulto a Medeia (*Med.*266):

CREO Tu, tu, malorum machinatrix facinorum...

CREONTE Tu, tu, maquinadora de crimes malignos...

c) *callidus* ‘astuto’

A matriz etimológica encontra-se em *callum* ‘calo’ (EM, s.v.). Do sentido imediato de ‘ter calos’, o verbo *calleo* derivou para a acepção de ‘saber por experiência’. Daí que *callidus* seja ‘aquele que sabe por experiência, hábil, manhoso, astuto’.

Andrómaca teme a *calliditas* de Ulisses (*Tro.*522-523):

*ANDROMACHA adest Vlixes, et quidem dubio gradu
uultuque: nectit pectore astus callidos.*

ANDRÓMACA Aproxima-se Ulisses e com um passo e uma expressão cautelosos: urde no seu peito ardis astutos.

Édipo julga que Creonte e Tirésias uniram esforços para o destronar (*Oed.*668):

OEDIPVS Iam iam tenemus callidi socios doli...

ÉDIPO Agora, agora conhecemos os cúmplices de um dolo astuto...

d) *doctus* ‘hábil’

Deriva de *doceo* ‘ensinar’ (EM, s.v.) e significa ‘instruído, douto, sábio, hábil’.

Clitemnestra caracteriza Egisto (*Ag.*298-301):

*CLYTEMESTRA subripere doctus fraude geniales toros,
quem Venere tantum scimus inlicita uirum,
facesse propere ac dedecus nostrae⁶⁵ domus
asporta ab oculis: haec uacat regi ac uiro.*

CLITEMNESTRA Hábil a roubar pela fraude os leitos conjugais
e sabemos seres varão somente em amores ilícitos,
actua depressa e afasta dos nossos olhos
a desonra da nossa casa: ela precisa de um rei e de um homem!

1.4.2. Estultícia

Este tema opõe-se ao anterior, ou seja, traduz a falta de *calliditas* e de *artificium*.

a) *stultus* ‘estulto’

Significa ‘estulto, tolo, parvo, imbecil’ (EM, s.v.). Em *Clu.*84, o *stultus* é considerado o contrário do *sapiens*. Em *Tusc.*3.17, Cícero associa a *temeritas* à *stultitia*, afirmando que fazer uma coisa mal, por irreflexão, é próprio da estultícia. Do mesmo modo, em *Rep.*3.29, denomina-se *stultus* aquele que não age em benefício dos seus interesses.

Medeia censura a sua precipitação na vingança contra Jasão, pois se tivesse esperado, o castigo poderia ser maior (*Med.*919-921):

*MEDEA stulta properaui nimis:
ex paelice utinam liberos hostis meus
aliquos haberet...*

MEDEIA Estulta, tive demasiada pressa:
oxalá o meu inimigo tivesse filhos
da sua concubina...

2. *Corpus* ‘corpo’

Foram detectados, na tragédia de Séneca, dois dos tópicos apontados pelos teorizadores para o desenvolvimento desta categoria: a força e a beleza.

⁶⁵ Cf. Tarrant, 1976, 119 e ad 300: *clarae domus*.

2.1. *Vires* ‘força’

A força física é designada por *ῥώμη* em Grego (*Rh.AL.1440b15-20*) e por *uires* em Latim (*Rh.Her.3.10*; *Cic.Inv.2.177*; *de Orat.2.46, 342*). Quintiliano fala de *robur* ‘robustez’ (*Inst.3.7.12*).

De entre as personagens senequianas, é imediata a associação entre uma força física pujante e Hércules. Juno, Dejanira, o Coro de mulheres da Ecália, Íole, Lico, todos apontam o dedo à sua força aniquiladora, que destrói compulsivamente tudo e todos os que lhe oferecem obstáculo. É a primeira quem, durante a longa objurgatória que abre *Hercules Oetaeus*, emprega o adjectivo que a seguir se destaca.

a) *uiolentus* ‘violento’

Define o que usa de *uis* ‘força, violência’ (EM, s.v.). Esta forma corresponde ao grego *βία*.

Juno desespera de encontrar um adversário capaz de dobrar a força destrutiva do herói (*Her.F.43-44*):

*IVNO quae fera tyranni iussa uiolento queant
nocere iuueni?*

JUNO Que ordens feras do tirano poderiam prejudicar
aquele jovem violento?

Também a casa real micénica apresenta um expressivo historial do exercício da força, sobretudo sobre os seus próprios descendentes. Por isso, logo no prólogo de *Thyestes*, a Fúria identifica a natureza da linhagem de Tântalo (*Thy.33-34*):

*FVRIA ...dubia uiolentae domus
fortuna reges inter incertos labet...*

FÚRIA ...que a fortuna hesite, indecisa,
entre os reis, pouco firmes, desta casa violenta.

2.2. *Forma* ‘beleza’

É designada por *κάλλος* na *Rhetorica ad Alexandrum* (1440b15-20); Cícero utiliza *forma* (*Inv.2.177*; *de Orat.2.46, 342*); na *Rhetorica ad Herennium* ocorre *dignitas* (3.10); finalmente, Quintiliano usa *pulchritudo* ‘formosura’ (*Inst.3.7.12*).

Este tópico é associado ao sexo feminino. É o segundo aspecto tratado por Górgias no seu elogio de Helena, logo a seguir ao da genealogia⁶⁶.

Na verdade, não foram detectadas críticas à fealdade das personagens; o que se encontra é a censura da beleza⁶⁷, por se revelar uma fonte de sofrimento para quem a possui.

a) *saeuus* ‘implacável’

O adjectivo *saeuus* já foi tido em conta no ponto dedicado à crueldade das personagens (1.2.2c), onde figura com o sentido de ‘implacável’. Íole utiliza-o para maldizer a sua beleza, que considera responsável pelo seu destino de cativa e pela destruição da sua família (*Her.O.*219-223):

*IOLE Pro, saeue decor formaque mortem
paritura mihi,
tibi cuncta domus concidit uni,
dum me genitor negat Alcidae
atque Herculeus socer esse timet.*

ÍOLE Oh, implacável encanto, ó formosura que me há-de causar
a morte,
por ti só é derrubada toda a minha casa,
quando o meu pai me recusa a Alcides
e teme ser sogro de Hércules.

b) *nocens* ‘culpado’

Este adjectivo ocorre também nos temas da impiedade (1.1.1d) e da perniciosidade (1.1.7a). Aqui, serve a Hipólito para se condenar a si mesmo, porque a sua beleza seduzira Fedra (*Phaed.*683-684):

*HIPPOLYTVS ...sum nocens, merui mori:
placui nouercae.*

HIPÓLITO ...sou culpado, mereci morrer:
agradei à minha madrasta.

⁶⁶ 4, *apud* Zuñiga, 1980, 11; Barbosa e Castro, 1993, 41-42.

⁶⁷ Cf. *Isoc.Hel.*54-61: o elogio de Helena é fundamentado, essencialmente, pela sua beleza, que despertara o interesse de inúmeros varões ilustres; a sequência indicada contém o elogio da própria beleza como qualidade digna de louvor.

3. *Extrariae Res* ‘aspectos exteriores’

Nesta última categoria da invectiva, serão tratados os tópicos da genealogia, da pátria e do poder.

3.1. *Genus* ‘genealogia’

A origem familiar é referida sob a forma *εὐγένεια* na *Rhetorica ad Alexandrum* (1440b15-20); a *Rhetorica ad Herennium* (3.10), Cícero (*Inv.*2.177; *de Orat.*2.46, 342) e Quintiliano (*Inst.*3.7.10) utilizam *genus*.

Este critério permite caracterizar o visado com base nos seus antecedentes familiares⁶⁸. O denegrimto pode processar-se através da ausência e também da existência de prestígio familiar.

a) *nobilis* ‘nobre’

Pertence à raiz de *nosco* (EM, s.v.), mais precisamente à raiz do *perfectum noui*, ‘conhecer’. O adjetivo *nobilis* aplica-se aos oriundos dos estratos sociais mais elevados⁶⁹.

Lico reconhece a obscuridade da sua linhagem (*Her.F.*338-339):

<i>LYCVS</i> <i>aii...</i>	... <u>nobiles</u> non sunt mihi
LICO	...não tenho antepassados
nobres...	

Nobilis não tem aqui o valor de elogio; antes é utilizado com uma conotação pejorativa, porquanto Lico considera que o enaltecimento da origem familiar é uma apropriação ilícita do mérito alheio. *Inclitus* é utilizado com a mesma intenção de denegrimto dos que se vangloriam da sua ascendência.

b) *inclitus* ‘íncrito’

Clueo significa ‘ser nomeado, ter a reputação de, ser célebre’ (EM, s.v.). *Inclitus* quer dizer ‘glorioso, ilustre, íncrito’.

Lico desvaloriza a sua falta de *nobilitas*, sobrepondo-lhe a sua *claritudo* (*Her.F.*338-341):

⁶⁸ Hellegouarc’h, 1972, 234.

⁶⁹ *Idem, ibidem*, 225-227.

LYCVS ...*nobiles non sunt mihi*
aut nec altis inclitum titulis genus,
sed clara uirtus: qui genus iactat suum,
aliena laudat.

LICO ...não tenho antepassados
 nobres, nem linhagem ínclita por causa de títulos elevados,
 mas valor ilustre: aquele que gaba a sua linhagem
 louva o alheio.

Enquanto a aplicação de *nobilis* implica a ligação a antepassados que ocuparam altos cargos públicos, o adjetivo *clarus* pode qualificar quem quer que se tenha distinguido em determinada área, independentemente das suas origens⁷⁰.

c) *foedus* ‘ignominioso’

A sua etimologia é incerta. Poderá relacionar-se com *foeteo* ‘cheirar mal’ (EM, s.v.).

Medeia repudia a ideia de misturar a sua descendência com a de Creúsa (*Med.*510-512):

MEDEA *Ne ueniat unquam tam malus miseris dies,*
qui prole foeda misceat prolem inclitam,
Phoebi nepotes Sisyphi nepotibus.

MEDEIA Que não chegue nunca, para estes infelizes, um dia tão maligno, que misture uma prole ínclita com uma prole ignominiosa, os descendentes de Febo com os descendentes de Sísifo.⁷¹

d) *gnatus* ‘filho’ e *gnata* ‘filha’

São as formas substantivadas do participípio de **gnascor/nascor* ‘nascer’ (EM, s.v.).

A filiação pode servir como elemento de invectiva: a imagem negativa dos progenitores reflecte-se na dos descendentes. Segundo a Ama de Dejanira, Hércules nunca a trocava pela filha de Êurito, seu opositor (*Her.O.*379):

⁷⁰ Hellegouarc’h, 1972, 228.

⁷¹ Sísifo, o fundador de Corinto, é um dos condenados do Hades; o seu castigo consiste em empurrar permanentemente uma pedra por uma encosta acima. *Vd.* Chaumartin, 1996, 155, n.1; Hine, 2000, ad 512, 746-7.

NVTRIX Famulamne et hostis praeferet gnatam tibi?

AMA Preferirá uma escrava e filha de um inimigo a ti?

Hércules acredita estar a ver um filho de Lico⁷² (*Her.F.1001-1002*):

*HERCVLES ...hic uideo abditum
gnatum scelesti patris.*

HÉRCULES ...vejo aqui, escondido,
um filho daquele pai criminoso.

Electra demarca-se da conduta da mãe (*Ag.956*):

CLYTEMESTRA Quis esse credat uirginem – ELECTRA Gnatam tuam?

CLITEMNESTRA Quem acreditaria que é virgem... ELECTRA Uma filha tua?⁷³]

Cassandra interpreta o comportamento de Egisto e Clitemnestra à luz dos respectivos antecedentes familiares (*Ag.906-907*):

*CASSANDRA uterque tanto scelere respondet suis:
est hic Thyestae natus, haec Helenae soror.*

CASSANDRA Com tal crime, os dois fazem jus aos seus:
ele é filho de Tiestes, ela irmã de Helena.

Além de *gnatus*, verifica-se a ocorrência, como termos de invectiva, de outros vocábulos que traduzem graus de parentesco. Entre eles contam-se *soror* ‘irmã’ (EM, s.v.), que aparece na última citação, e *nepos* ‘neto’ (EM, s.v.).

e) *nepos* ‘neto’

Clitemnestra agride Egisto por ser filho de Tiestes e Pelopeia, sua irmã (*Ag.292-293*):

⁷² *Vd. também Her.F.987-989 (proles, semen).*

⁷³ Tarrant, 1976, 149 e *ad* 956: entende-se que Electra completa a interrogação retórica da mãe.

AEGISTHVS *Et cur Atrida*⁷⁴ *uideor inferior tibi,*
gnatus Thyestae? CLYTEMESTRA *Si parum est, adde et nepos.*

EGISTO E porque te pareço inferior ao Atrida,
 eu, filho de Tiestes? CLITEMNESTRA Se é pouco, acrescenta também neto.

3.2. *Patria* ‘pátria’

Outro dos elementos apontados pelos teorizadores como susceptíveis de contribuir para agudizar o tom pejorativo do discurso é o da proveniência territorial do vituperado. É designado por *patria* (Cic.*Inv.*2.177; Quint.*Inst.*3.7.10) e por *ciuitas* ‘cidade’ (*Rh.Her.*3.10).

São raras as sequências em que a má imagem da cidade se reflecte negativamente na imagem da personagem⁷⁵. No entanto, é frequente o aproveitamento da situação das personagens que foram banidas da sua terra-natal.

3.2.1. Exílio

a) *exul* ‘exilado’

Exul ou *exsul* é, por vezes, relacionado com *solus*. Porém, a sua origem mais provável parece encontrar-se na raiz de *ambulo* (EM, s.v. *exul* e *ambulo*).

Clitemnestra diminui Egisto, por contraposição a ela própria e a Agamémnon (Ag.290-291):

CLYTEMESTRA *scilicet nubam*⁷⁶ *tibi,*
regum relicto rege, generosa exuli?

CLITEMNESTRA Por certo casarei contigo,
 depois de abandonar o rei dos reis, uma nobre com um exilado?

Clitemnestra destaca a sua qualidade de *generosa*, ou seja, de ser ‘de [boa ou nobre] raça’ (EM, s.v. *geno*^{2º}), o que a torna incompatível com Egisto, por este ser um exilado.

⁷⁴ Egisto usa *Atrida* para designar Agamémnon como filho de Atreu, irmão de Tiestes. Pretende assim mostrar que o seu valor genealógico não é inferior ao do rei micénico.

⁷⁵ *Vd. Tro.*339: Agamémnon contrapõe a arrogância de Pirro à modéstia da sua origem geográfica.

⁷⁶ Cf. Tarrant, 1976, 118: *nubet*.

Anfitrião inferioriza Lico em face de Hércules (*Her.F.274*):

AMPHITRYON ...tenetque Thebas exul Herculeas Lycus.

ANFITRIÃO ...e detém a Tebas de Hércules um exilado, Lico.

O Coro manifesta o seu espanto pelo comportamento demasiado afoito de Medeia (*Med.857*):

CHORVS quis credat exulem?

CORO Quem acreditaria que é uma exilada?

3.3. *Potentia* ‘poder’

As referências ao poder aparecem sob as formas *potestates* ‘cargos’ (*Rh.Her.3.10*) e *potentia* (*Cic.Inv.2.177*; *Quint.Inst.3.7.14*).

A palavra *potentia* deriva do particípio de **poteo*, *potens*, que significa ‘poderoso, que manda sobre, senhor’ (EM, s.v.). Traduz a influência política conseguida com base na linhagem, na riqueza e nos recursos pessoais. Por não ser ratificada nem legal nem moralmente, pode ser sinónimo de tirania⁷⁷.

Tal como a virtude emerge da acção (*Cic.Part.78*), também os aspectos exteriores não devem ser avaliados por si mesmos, mas em função do modo como são usados (*Rhetorica ad Herennium*, 3.13; *Cic.Inv.2.178*; *de Orat.2.46, 342*; *Quint.Inst.3.7.13*). Na tragédia senequiana, determinados vocábulos são utilizados como rótulos que se atribuem pejorativamente às personagens e que sumariam o modo como gerem o poder.

Só são contemplados, neste ponto dedicado à *potentia*, os temas e os campos lexicais detectados, exclusivamente, na invectiva dos detentores do poder.

3.3.1. Tirania

A palavra tirano representa a síntese vocabular de um conjunto de manifestações típicas do poder absoluto, como a soberba, a crueldade e a cobiça⁷⁸. É utilizado sobretudo em tom pejorativo, como termo de invectiva⁷⁹.

⁷⁷ Hellegouarc’h, 1972, 241-242.

⁷⁸ Paño, 1993, 27.

⁷⁹ Hellegouarc’h, *ibidem*, 561.

a) *tyrannus* ‘tirano’

O substantivo designa o ‘tirano’, no sentido de ‘senhor absoluto’ (EM, s.v.). É transliterado do grego com o mesmo valor. Como se trata de um poder que não se rege por leis, o τύραννος distingue-se do βασιλεύς, que pode ser designado por um movimento popular⁸⁰.

Pirro utiliza-o para insultar Agamémnon (*Tro.*303):

PYRRHVS ...regum tyranne!

PIRRO ...tirano de reis!

Egisto denigre a imagem de Agamémnon perante Clitemnestra (*Ag.*251-252):

*AEGISTHVS rex Mycenarum fuit,
ueniet tyrannus...*

EGISTO Foi rei de Micenas,
virá tirano...

A obtenção do poder pela violência também é característico do tirano. Por isso, Lico recebe essa denominação (*Her.F.*896-897):

*HERCVLES ...tum quisquis comes
fuerat tyranni iacuit et poenae comes.*

HÉRCULES ...então, todo aquele que fora aliado
do tirano ficou por terra, aliado também no castigo.

3.3.2. Opressão

Cícero estabelece uma ligação entre a tirania e a opressão em *Rep.*1.50. Em *Cl.*3.11.1, Séneca escreve que, quando governa um tirano duro e sanguinário, *nesesse est grauentur stipatores sui* (“os seus seguidores são necessariamente oprimidos”).

a) *gravis* ‘opressivo’

Significa ‘pesado, opressivo’ (EM, s.v.). Dos seus cognatos, destaca-se o verbo *grauo*, que quer dizer ‘pesar sobre, oprimir’.

Opressão é o que Lico exerce sobre Tebas (*Her.F.*269-270):

⁸⁰ Chantraine, 1968, s.v. τύραννος.

*AMPHITRYON tremitis ignauum exulem
suis carentem finibus, nostris grauem.*

ANFITRIÃO Temeis um exilado cobarde,
privado das suas fronteiras, para as nossas opressivo.

Pirro acusa Agamémnon de ter exercido uma liderança repressiva sobre os Aqueus, durante uma década de guerra (*Tro.*337-338):

*PYRRHVS His⁸¹ ista iactas, quos decem annorum graui
regno subactos Pyrrhus exsoluet iugo?*

PIRRO É isso que proclamas aos que, submetidos durante dez anos
ao teu comando opressivo, Pirro libertará do jugo?

Egisto defende a mesma opinião sobre o rei micénico (*Ag.*249):

AEGISTHVS grauis ille sociis stante adhuc Troia fuit...

EGISTO Ele foi opressivo para os companheiros, ainda Tróia estava de pé...

3.3.3. Conquista

O tirano pode emergir na forma do conquistador vitorioso. Séneca aconselha comedimento no comportamento do vencedor, sobretudo no que se refere aos líderes dos derrotados: só o facto de ter sobre eles o poder de vida e de morte deve ser tido como vingança e castigo suficientes (*Cl.*3.19.1-2). Na ausência de perigo, o vencedor deve manter o poder nas mãos do líder do território submetido (3.19.3). Cícero manifesta-se, igualmente, a favor da preservação dos vencidos (*Off.*1.34).

a) *uictor* ‘vencedor’

Tal como acontece com *tyrannus*, também este substantivo é utilizado em sentido pejorativo. Deriva de *uincō* ‘vencer’ (EM, s.v.) e designa o ‘vencedor’.

É sistematicamente utilizado pelos Troianos para indicar os Aqueus. Andrómaca coloca a hipótese de entregar Astíanax a Ulisses, para evitar que os Gregos lancem as cinzas de Heitor ao mar (*Tro.*653-655):

⁸¹ Fantham, 1982, *ad* 337: considera-se que o pronome não tem valor deíctico; funciona apenas como antecedente do relativo.

ANDROMACHA *potero, perpetiar, feram,
dum non meus post fata victoris manu
iactetur*⁸² Hector.

ANDRÓMACA Serei capaz, suportarei, tolerarei,
contanto que, depois do seu destino, o meu Heitor não seja lançado
pela mão do vencedor.

A mesma personagem garante a Ulisses que o filho está morto
(Tro.599-600):

ANDROMACHA *Ita quod minari maximum victor potest
contigat...*

ANDRÓMACA Assim me calhe a pior ameaça que um vencedor pode
fazer...

O Mensageiro descreve a reacção dos Gregos à morte de Políxena
(Tro.1161):

NVNTIVS *clarius victor gemit.*

MENSAGEIRO o vencedor gemeu mais fortemente.

Um ancião troiano comenta com Andrómaca (Tro.495):

SENEX *Victor feroces impetus primos habet.*

ANCIÃO O vencedor tem ferozes os primeiros ímpetos.

Taltíbio conta que o fantasma de Aquiles tinha emergido tão
majestoso como quando o herói grego realizara os seus feitos bélicos...
(Tro.188-189):

TALTHYBIVS *...aut cum superbo victor in curro stetit
egitque habenas Hectorem et Troiam trahens.*

TALTÍBIO ...ou quando se firmou, vencedor, no seu carro soberbo
e tomou as rédeas, arrastando Heitor e Tróia.

Hércules comporta-se como um conquistador inveterado. Ele
próprio censura o seu efeito devastador na existência de Íole
(Her.O.1492-1493):

⁸² Cf. Fantham, 1982, 166: o verbo é traduzido por ‘maltratar’; tendo em conta o contexto, parece que o sentido mais adequado é o de ‘lançar’, pois corresponde à ameaça de Ulisses (634-641). *Vd.* Cardoso, 1997, 87.

*HERCVLES victor cruentus abstuli patriam lares
nihilque miserae praeter Alciden dedi...*

HÉRCULES Vencedor cruento, roubei-lhe a pátria, o lar
e nada dei à infeliz além de Alcides...

III

ESTRATÉGIAS DE AMPLIFICAÇÃO E OUTROS RECURSOS ESTILÍSTICOS

1. Estratégias de Amplificação

Lausberg define a *amplificatio* como “um aumento gradual, por meios artísticos, do que é dado”. Tem duas direcções partidárias: a do aumento (αὐξησης, *amplificatio*) e a da diminuição (μείωσις, *minutio*). Pode consistir no desenvolvimento independente de um pensamento, tornando-se assim um “discurso pelo qual se engrandece o assunto de que se trata, ou seja, desenvolvendo-o mais, ou adicionando-lhe ornatos, argumentos, etc., ou exagerando”¹.

Detectou-se a operacionalidade de três dos vários expedientes de *amplificatio* propostos pelos teorizadores da *uituperatio*.

1.1. Singularidade

Os vocábulos que a seguir se analisam destacam a gravidade dos crimes a que se referem através da expressão da sua excepcionalidade.

a) *nouus* ‘inérito’

É tomado no sentido de ‘não experimentado, inédito’.

Édipo refere-se ao nascimento dos seus filhos com Jocasta (*Oed.*942-945):

NVNTIVS ‘...illa quae leges ratas
*Natura in uno uertit Oedipoda, nouos
commenta partus, supplicis eadem meis
nouetur.*’

¹ Lausberg, 1993, 106-108.

MENSAGEIRO '...a própria natureza, que num só caso mudou as leis estabelecidas, em Édipo, ao mostrar partos inéditos, que a mesma inove nos meus castigos.'

A Ama de Fedra tenta demovê-la de perseguir uma união amorosa com Hipólito, que considera tão aberrante como a de Pasífae com o Minotauro (*Phaed.*170):

NVTRIX ...memorque matris metue concubitus nouos.

AMA ...e, lembrando-te da tua mãe, arreceia-te de uniões inéditas.

Andrómaca considera que o anunciado casamento entre Pirro e Políxena é singular, dadas as circunstâncias que o rodeiam² (*Tro.*900):

ANDROMACHA quid igne? thalamis Troia praelucet nouis.

ANDRÓMACA Que necessidade há de fogo? Tróia ilumina este tálamo inédito.]

Teseu arrepende-se de ter causado a morte do filho (*Phaed.*1207-1209):

THESEVS Tuque semper, genitor, irae facilis assensor meae: morte facili dignus haud sum qui noua³ natum nece segregem sparsi per agros...

TESEU E tu, pai, sempre indulgente a aprovar a minha ira: não sou digno de uma morte indulgente, eu que, com um assassínio inédito, espalhei o meu filho, em pedaços, pelos campos...

Atreu procura um modo de se vingar do irmão, que o Ministro desconfia não corresponder a um crime vulgar (*Thy.*254-255):

SATELLES Quid noui rabidus struis?

ATREVS Nil quod doloris capiat assueti modum...

MINISTRO Enraivecido, que acto inédito preparas?

ATREU Nenhum que tome a medida de um ressentimento comum...

² Fantham considera que *nouus* é aqui usado pejorativamente com os valores de 'sem precedentes, inédito' e aproxima esta sequência de *Oed.*943 e *Phaed.*170: *vd.* 1982, *ad* 888-902.

³ Coffey and Mayer, 1990, *ad* 1208: *noua* 'unusual'.

ÉDIPO Obriga-te a sofrer, contra vontade, também
este castigo: fala daquele crime ignorado,
selvagem, inusitado, para que os povos o receiem.

Neste excerto, a singularidade do acto é corroborada pelo adjectivo *inusitatus*. É composto sobre um frequentativo de *utor* (EM, s.v.), *usitor*. O prefixo nega a propriedade de ser ‘usual, costumado’.

e) *exemplum* ‘exemplo’

Por vezes, a excepcionalidade dos crimes cometidos torna as personagens um exemplo para os seus descendentes.

Exemplum deriva de *eximo*, um composto de *emo* (EM, s.v.) que significa ‘pôr à parte’. Por isso, um *exemplum* é, em propriedade, o objecto que se distingue dos outros, que é posto à parte para servir de modelo (EM, s.v. *exemplum*).

Édipo proporciona aos filhos um paradigma de criminalidade para a imitação e para a emulação (*Phoen.*331):

OEDIPVS *meorum facinorum exempla appetunt...*

ÉDIPO Procuram igualar o exemplo dos meus crimes...⁴

1.2. Reincidência

A culpa das personagens torna-se mais evidente quando se demonstra uma tendência para repetir determinado acto ilícito. A reiteração de comportamentos pode ser avaliada na história pessoal ou na história familiar das personagens⁵.

a) *non nouus* ‘não inédito’

A reincidência do crime manifesta-se através da asserção, em lítotes, de que não se trata de um acto inédito. Por isso, aplica-se a

⁴ Sarcasticamente, Édipo refere-se ao valor educativo do *exemplum* paterno, muito característico da educação romana tradicional. Esta matéria é tratada por Kornhardt, 1936, 26sq.

⁵ *Vd.* Dupont, 1975, 451-452: as personagens cometem crimes famosos, que já foram concretizados por familiares seus, mostrando-se dignas da sua linhagem. Por isso, os fantasmas dos antepassados vêm frequentemente a cena para lhes lembrar o seu dever e as suas origens. Através dos seus crimes, as personagens encontram o seu lugar numa ordem genealógica e encontram-se a si mesmas.

negação a um vocábulo que, sozinho, traduz a singularidade da acção⁶.

A Fúria lembra a Tântalo que matar e servir os filhos em banquete não são crimes novos na sua linhagem (*Thy.*62-63):

FÚRIA ...non noui *sceleris tibi*
conuiuia uenies.

FÚRIA ...virás como conviva
de um crime não inédito para ti.

b) *dignus* ‘digno’

Tem a raiz de *decet* ‘convir’ (EM, s.v.). Significa ‘que convém a, digno de, que merece’. A afirmação de que determinado acto é ‘digno’ de uma personagem pressupõe, neste contexto, que ela é autora de outros actos da mesma natureza ou que tem antecedentes familiares nessa área.

Helena reconhece a própria disposição para participar em momentos infelizes (*Tro.*861-863):

HELENA *Quicumque hymen funestus, inlaetabilis*
lamenta caedes sanguinem gemitus habet,
est auspice Helena dignus.

HELENA Todo o himeneu funesto, desagradável,
que contém lamentos, assassínios, sangue, gemidos,
é digno dos auspícios de Helena.

A propósito da morte de Ifigénia, Clitemnestra reconhece no filicídio um acto frequente na descendência de Tântalo, que aproveita para acentuar os defeitos de Agamémnon (*Ag.*164-165):

CLYTEMESTRA *reuoluit animus uirginis thalamos meae*
quos ille dignos Pelopia fecit domo...

CLITEMNESTRA O meu espírito recorda novamente o tálamo da virgem,
minha filha, que ele fez digno da casa de Pélops...

Édipo congratula-se amargamente com a constatação de que os filhos seguem as pisadas do pai (*Phoen.*332-333):

⁶ Cf. 1.1a, p. 135-136.

OEDIPVS ...*laudo et agnosco libens,
exhortor, aliquid ut patre hoc dignum gerant.*

ÉDIPPO ...louvo-os e reconheço-os com satisfação,
exorto-os a realizar algo digno deste pai.

Tiestes considera o fruto do seu incesto com Pelopeia, Egisto, consentâneo com um pai que deglutiou os seus próprios filhos (Ag.32-34):

THYESTES *ergo ut per omnis liberos irem parens,
coacta fatis gnata fert utero graui
me patre dignum.*

TIESTES Assim, para possuir todos os meus filhos, como progenitor, a minha filha, coagida pelo destino, transporta no seu útero pesado algo digno de mim, o pai que o gerou.

c) nomes próprios

Por causa de uma predisposição comprovada para determinados actos criminosos, estes tornam-se característicos das personagens de tal modo, que os seus nomes se instituem como sinónimos desses crimes⁷.

É o caso de Tântalo, que é associado à morte e à oferta dos filhos como refeição (*Thy.52-53*):

FVRIA *Misce penates, odia caedes funera
accerse et imple Tantalo totam domum.*

FÚRIA Perturba estes penates, convoca ódios, assassínios, funerais e enche de Tântalo toda a casa.

Atormentado pela veste enfeitada, Hércules compara o seu poder corrosivo à sua própria tendência destrutiva (*Her.O.1264*):

HERCVLES ...*o malum simile Herculi!*

HÉRCULES ...oh, mal semelhante a Hércules!

⁷ Sobre o crime epónimo *vd.* Dupont, 1975, 447-458. Para o caso específico de *Thyestes* *vd.* Poe, 1969, 365: a violência de Atreu não é um fenómeno isolado, mas uma manifestação do *furor* inato da sua raça. Tarrant, 1985, *ad* 53: o nome de Tântalo é usado no sentido do que a personagem representa genericamente, uma mente criminosa, e especificamente, o filicídio.

O nome de Medeia institui-se como símbolo do terror que provoca (*Med.*517-518):

*IASON Hinc rex et illinc – MEDEA Est et his maior metus
Medea.*

JASÃO De um lado e do outro há um rei... MEDEIA E um terror maior do que eles: Medeia.

A mesma personagem congratula-se ironicamente por ter alcançado o ideal de crime que o seu nome impõe⁸ (*Med.*910):

MEDEA Medea nunc sum...

MEDEIA Agora sou Medeia...

1.3. Superação

Outro método de agudizar os crimes cometidos pelas personagens consiste em mostrar que ultrapassam outros da mesma natureza. Segundo Lausberg, a *comparatio* é uma estratégia de amplificação que consiste num “esquema de superação, pelo qual um *exemplum* (histórico, literário, fictício), que já realiza em grau elevado, é superado pelo objecto tratado”⁹. Os actos das personagens podem ser avaliados em relação aos de outras, quer da sua família, quer alheias à sua linhagem¹⁰.

a) *maior* ‘maior’

É o comparativo de *magnus* ‘grande’ (EM, s.v.).

A Ama compara um eventual envolvimento de Fedra e Hipólito com a união de Pasífae e do touro devido a Poséidon (*Phaed.*142-143):

*NVTRIX quid domum infamem aggrauas
superasque matrem? maius est monstro nefas...*

⁸ Vd. também *Phaed.*563-564, p. 68; 696-697, p. 142; *Her.O.*949-951, p. 142.

⁹ Lausberg, 1993, 108.

¹⁰ Vd. Dupont, 1975, 454-455; Poe, 1969, 366-367: os crimes das personagens são semelhantes aos dos seus antepassados, mas também piores. Trata-se de uma repetição infinita e crescente de horror. Sobre a superação de actos de membros da mesma família vd. também Frank, 1995, ad 335-6.

*CLYTEMESTRA o scelera semper sceleribus uincens domus:
cruore uentos emimus, bellum nece!*

CLITEMNESTRA Oh, casa que vence sempre crimes com crimes:
comprámos os ventos com sangue, a guerra com um assassínio!

Para Hipólito, Fedra é a pior das mulheres (*Phaed.*687-689):

*HIPPOLYTUS o scelere uincens omne femineum genus,
o maius ausa matre monstifera malum
genetrice peior!*

HIPÓLITO Ó tu que vences pelo crime todo o sexo feminino,
ó tu que ousaste um crime maior que a tua mãe, que concebeu um monstro,
és pior do que a que te gerou!

2. Outros Recursos Estilísticos

O efeito estético é frequente e diversificado na tragédia de Séneca. Ao longo da análise das sequências em que predomina a *uituperatio*, foram detectados inúmeros artifícios formais. Um dos que conhecem um uso mais alargado é o assíndeto, que se torna particularmente expressivo quando se institui numa acumulação de formas pejorativas, como acontece em *Phoen.*223, 264-265, 296-297; *Tro.*805, 861-862, 892; *Thy.*52, 176 e *Her.O.*1721.

A interrogação retórica é típica dos estados anímicos alterados. De um modo geral, está presente no processo de consciencialização do crime que as personagens desenvolvem, onde opera para reforçar a sua culpa (*Her.F.*1216-1217, 1329-1330; *Oed.*103, 926; *Phoen.*91-92, 220; *Thy.*176-180, 961-962; *Phaed.*112; *Med.*454-456), e também na reacção às faltas alheias, para acentuar a sua condenação (*Ag.*244-245, 250-251, 961, 983-985; *Phoen.*295-297; *Her.F.*90-91, 358-359; *Phaed.*89-91; *Med.*118-120, 849-851; *Tro.*802-805).

A sinédoque desloca a censura para a parte do corpo humano que executa o assassínio: a mão (*Ag.*900, 911; *Her.F.*58, 254, 518; *Her.O.*905; *Phoen.*42).

A hipálage dirige o atributo pejorativo para o objecto do crime, como o gládio, a espada, a clava (*Thy.*144; *Phoen.*467; *Tro.*48, 312; *Her.O.*208). Destaca-se a acusação de ingratidão que Aquiles lança contra os companheiros aqueus, representados pelas suas naus, em que se preparavam para partir em direcção à pátria (*Tro.*192).

O jogo etimológico evidencia a natureza das faltas das personagens (*Oed.*684, 686; *Phoen.*307; *Ag.*175; *Phaed.*1164-1167, 1184-

-1185; *Thy.*20). Além disso, pode acentuar a negatividade de um carácter, por oposição à exemplaridade de outro (*Phoen.*222-223; *Phaed.*1195). Noutros casos, pode exprimir, simplesmente, a culpa das personagens (*Med.*503).

De menor recorrência, mas igualmente expressivos, são a lítotes (*Thy.*62, 547; *Phaed.*237; *Tro.*316), que nega as qualidades, para superlativizar os defeitos opostos, e o quiasmo (*Phoen.*592-593; *Tro.*750; *Ag.*251-252; *Her.F.*270), que, pela distribuição expressiva dos vocábulos no verso, reforça as ideias que eles transportam.

De entre os recursos elencados, destacar-se-ão três particularmente expressivos para o denegrimto da imagem das personagens.

2.1. Antítese

Este é um dos efeitos mais reiterados nas sequências de *uituperatio*. Ao longo dos passos anteriormente citados, conta dezassete ocorrências, designadamente em *Phaed.*704, 1164, 1197-1198; *Ag.*236, 291, 884, 955; *Med.*1007-1008; *Phoen.*45, 592-593; *Her.F.*89-90, 340-341, 1283-1284; *Tro.*315-316, 755; *Her.O.*221; *Med.*511.

Para ilustrar a sua expressividade, analisam-se, agora, quatro sequências que ainda não foram referidas.

Fedra culpabiliza-se pelo fim de Hipólito (*Phaed.*1197-1198):

*PHAEDRA mucrone pectus impium iusto patet
cruorque sancto soluit inferias uiro.*

FEDRA O meu peito ímpio está aberto pelo meu gládio justiceiro
e o meu sangue derramou a libação para este varão honrado.

Impius opõe-se a *iustus* e a *sanctus*. Fedra faltou aos deveres para com o marido e o enteado, ou seja, não respeitou os princípios da *pietas*. A sua punição com a morte restabelece a justiça nas relações entre as personagens. Por outro lado, a atribuição do qualificativo *sanctus* a Hipólito reforça o comportamento impróprio da madrastra, por contraste com a probidade daquele.

Dejanira, contrita, deplora o mal que fez ao marido (*Her.O.*964-965):

*DEIANIRA Inuicte coniunx, innocens animus mihi,
scelestas manus est.*

DEJANIRA Ésposo invencível, tenho inocente o espírito,
criminoso a mão.

A antítese que se estabelece entre *innocens* e *scelestus* ressalva o carácter involuntário dos malefícios provocados pela acção da personagem.

Electra responde à mãe acerca do paradeiro de Orestes (Ag.969-970):

*ELECTRA Tuto quietus, regna non metuens noua:
iustae parenti satis. CLYTEMESTRA At iratae parum.*¹²

ELECTRA Tranquilo, está em lugar seguro, sem temer a nova realza:
o suficiente para uma mãe justa. CLITEMNESTRA Mas pouco para uma
irada.]

A oposição entre os adjectivos *iustus* e *iratus* exprime a ideia de que Clitemnestra se opõe à imagem da mãe abnegada: as regras da *pietas* não a impedem de procurar eliminar o filho, uma ameaça para a concretização dos seus planos.

Juno condena a presunção de Hércules por ambicionar equiparar-se às entidades superiores (*Her.F.*89-90):

*IUNO i nunc, superbe, caelitum sedes pete,
humana temne.*

JUNO Vá agora, soberbo, reivindica uma morada entre os deuses,
despreza o que é humano.

Os dois pólos antitéticos são, aqui, *caelitum sedes* e *humana*, que, em conjunto, evidenciam a intenção da personagem de ascender a uma categoria que ultrapassa os limites da sua condição natural.

2.2. Ironia

Pode ser utilizada para denegrir a imagem familiar das personagens. Édipo reage com sarcasmo ao comportamento de Etéocles e Polinices (*Phoen.*334-339):

*OEDIPVS agite, o propago clara, generosam indolem
probate factis, gloriam ac laudes meas
superate et aliquid facite propter quod patrem
adhuc iuuat uixisse. facietis, scio:
sic estis orti. scelere defungi haut leui,
haut usitato tanta nobilitas potest.*

¹² Cf. Chaumartin, 1999, 97: *ELECTRA iustae parenti satis, at iratae parum*; Tarrant, 1976, 150 e ad 970: *ELECTRA iustae parenti satis; adulterae parum?*

ÉDIPO Vamos, ó ilustre progénie, a vossa nobre índole,
 provai-a com os vossos feitos, a minha glória e os meus méritos,
 superai-os e fazei algo pelo qual ao vosso pai
 agrade ter vivido até agora. Fá-lo-eis, eu sei:
 assim nascestes. Tão grande nobreza pode executar
 um crime não ligeiro, não usual.

O Labdácida adopta o vocabulário típico do elogio: *clarus, generosus, facta, gloria, laus, nobilitas*. Porém, na boca desta personagem, as palavras adquirem um valor oposto ao comum: a celebridade a que Édipo aqui se refere não é a de actos heróicos, mas a de uma sucessão de crimes que perpassa por várias gerações.

Pirro argumenta com o passado criminoso da família de Agamémnon (*Tro.341*):

PYRRHVS Atrei et Thyestae nobilem noui domum.

PIRRO Conheço a nobre casa de Atreu e Tiestes.

O fulcro da ironia reside, aqui, no adjectivo *nobilis*, na medida em que a linhagem de Tântalo é conhecida pela sucessão de crimes cometidos entre os próprios membros da família.

Por sua vez, Agamémnon dirige o seu sarcasmo para a morte de Príamo, da responsabilidade de Pirro (*Tro.310-313*):

AGAMEMNON *Haud equidem nego*
hoc esse Pyrrhi maximum in bello decus
saeuo peremptus ense quod Priamus iacet,
supplex paternus.

AGAMÉMNON Decerto, não nego
 que este foi o feito máximo de Pirro nesta guerra:
 jazer morto pela sua espada implacável Príamo,
 o suplicante do pai.

O facto de o velho rei de Tróia ter o estatuto de suplicante de Aquiles torna a expressão *maximum decus* acintosa. A fragilidade da vítima contrasta com o encarniçamento do executor, traduzido na hipálage *saeuo ense*.

Medeia interpela Creonte acerca dos motivos do seu exílio. O rei de Corinto replica (*Med.193*):

CREO Quae causa pellat, innocens mulier rogat.

CREONTE Que causa a expulsa, pergunta esta mulher inocente?!

A aplicação de *innocens* a Medeia constitui um estratagema expressivo para reforçar a sua evidente e cumulativa culpa.

Quando Helena comunica às Troianas que Políxena será, em breve, dada em casamento a Pirro, Andrómaca comenta (*Tro.*890-892):

*ANDROMACHA ...o coniugale tempus! an quisquam audeat
negare? quisquam dubius ad thalamos eat,
quos Helena suadet?*

ANDRÓMACA ...oh, bom momento para núpcias! Quem ousará negá-lo? Quem irá com dúvidas para um casamento que Helena aconselha?

A viúva de Heitor manifesta o seu repúdio pela ideia da celebração de um himeneu no momento em que Tróia está em cinzas e desapareceu, pelas mãos dos Gregos, quase toda a família real. Por outro lado, as três uniões fracassadas de Helena, primeiro com Menelau, depois com Páris e finalmente com Deífobo, são interpretadas por Andrómaca como um sinal evidente do carácter funesto das núpcias anunciadas.

No demorado discurso de denegrimento de Agamémnon, Clitemnestra argumenta com a morte de Ifigénia (*Ag.*164-167):

*CLYTEMESTRA reuoluit animus uirginis thalamos meae
quos ille dignos Pelopia fecit domo,
cum stetit ad aras ore sacrificio¹³ pater
quam nuptialis!*

CLITEMNESTRA O meu espírito recorda novamente o tálamo da virgem, minha filha, que ele fez digno da casa de Pélops, quando se perfilou junto aos altares, pronunciando a prece sacrificial, como pai e com que ar de núpcias!

A rainha micénica chama a atenção para a conversão da cerimónia matrimonial da filha na cerimónia da sua imolação. A ironia reside, portanto, na exclamação final.

¹³ Tarrant, 1976, *ad* 166: *ore* = *sermone*; a expressão *ore sacrificio* refere-se à prece ritual.

2.3. Comparação

É frequente, na tragédia senequiana, a aproximação das personagens a animais, sobretudo a animais selvagens. No tratado *De Clementia*, Séneca considera a irascibilidade uma manifestação de irracionalidade, como tal própria dos animais e inadequada ao ser humano, que deve primar pela tranquilidade e pela imutabilidade exterior (3.3.5). No *De Ira*, associa manifestações animais como um focinho espumante, patadas no solo, investidas com os chifres, rugidos e silvos às mutações sofridas pelo semblante humano acometido pela ira (1.1.5-7).

Por sua vez, Cícero considera que existem duas maneiras de resolver um diferendo: pela discussão e pela força. A primeira é própria do ser humano, a segunda das feras (*Off.*1.34).

O motivo animal recorre ligado a estados anímicos de inquietação e irritação intensas, que, não raro, desembocam no exercício da crueldade¹⁴.

Serão considerados três tipos de comparação: um simples de termo comparativo expresso, outro mais desenvolvido, o símile, e finalmente a metáfora.

2.3.1. Comparação

O Coro descreve, horrorizado, o aspecto e o comportamento de Medeia, temendo a sua vingança (*Med.*858-865):

*CHORVS Flagrant genae rubentes,
pallor fugat ruborem.
nullum uagante forma
seruat diu colorem.
huc fert pedes et illuc,
ut tigris orba natis
cursu furente lustrat
Gangeticum nemus.*

CORO Queimam as suas faces¹⁵ rubras,
a palidez repele o rubor.
Com a sua aparência inconstante, não
conserva muito tempo nenhuma cor.

¹⁴ Poe, 1969, 365: o *furor* é associado à vertente animal ou a processos físicos da vida humana como saciar a fome.

¹⁵ Hine, 2000, ad 858-61: destaca-se o contraste *pallor/rubor*, que evidencia a perturbação anímica da personagem e sugere os seus funestos desígnios. Hirschberg, 1989, ad 535b-542a atribui a *genae* o sentido de 'olhos'.

Anda para cá e para lá,
 como uma tigresa privada das suas crias
 percorre, em correria enfurecida,
 o bosque do Ganges.

Quando avista Íole, Dejanira é comparada ao mesmo animal selvagem (*Her.O.241-253*):

NVTRIX ...feta ut Armenia iacens
sub rupe tigris hoste conspecto exilit
 aut iussa thyrsus quater conceptum ferens
 Maenas Lyaeum dubia quo gressus agat
 haesit parumper; tum per Herculeos lares
 lymphata rapitur, tota uix satis est domus:
 incurrit, errat, sistit, in uultus dolor
 processit omnis, pectori paene intimo
 nihil est relictum; fletus insequitur minas.
 Nec unus habitus durat aut uno furit
 contenta uultu: nunc inardescunt genae,
 pallor ruborem pellit et formas dolor
 errat per omnes; queritur implorat gemit.

AMA ...como uma tigresa arménia que deu à luz,
 deitada sob uma rocha, ao avistar o inimigo, ela saltou,
 ou como uma Ménade mandada agitar o tirso, sob a influência de Lieu,
 indecisa sobre a direcção a dar aos seus passos,
 deteve-se momentaneamente; então, pela morada de Hércules
 precipita-se, em delírio; a casa inteira é a custo suficiente:
 corre, vagueia, pára, para o seu rosto afluiu
 todo o seu ressentimento, para o íntimo do seu peito quase
 nada foi deixado; o choro sucede às ameaças.
 E não há uma disposição que perdure e, na sua fúria, não se contenta
 com um único aspecto: agora ardem as suas faces,
 a palidez expulsa o rubor e o seu ressentimento
 passa por todas as expressões: queixa-se, implora, geme.

Édipo, em estado emocional idêntico, conhece uma comparação semelhante (*Oed.918-924*):

NVNTIVS ...inuisa propero tecta penetrauit gradu,
qualis per arua Libycus insanit leo,
fuluam minaci fronte concutiens iubam;
uultus furore toruus atque oculi truces,
gemitus et altum murmur, et gelidus uolat
sudor per artus, spumat et uoluit minas
ac mersus alte magnus exundat dolor.

MENSAGEIRO ...entrou, a passo rápido, na sua odiosa morada, qual leão líbio, que dá azo à sua insânia pelos campos, sacudindo a fulva juba com ar ameaçador; rosto torvo de furor e olhar truculento, gemido e murmúrio profundo, suor gelado a correr pelo seu corpo, ele espuma e revolve ameaças e o seu grande ressentimento, escondido nas profundezas, transborda.¹⁶

2.3.2. Símile

Enquanto descreve o sinistro ritual que resulta na morte dos dois filhos de Tiestes, o Mensageiro compara, duas vezes, Atreu a animais selvagens (*Thy.*707-713; *Thy.*732-737):

*NVNTIVS ieiuna siluis qualis in Gangeticis
inter iuencos tigris errauit duos,
utriusque praedae cupida quo primum ferat
incerta morsus (flectit hoc rictus suos,
illo reflectit et famem dubiam tenet),
sic dirus Atreus capita deuota impiae
speculatur irae.*

MENSAGEIRO Qual tigresa esfomeada nos bosques do Ganges hesita entre dois novilhos, cobiçosa de ambas as presas, sem saber onde aplicar primeiro as suas mordeduras (vira as goelas para aqui, revira-as para ali e mantém a sua fome indecisa), assim o sinistro Atreu observa as vítimas votadas à sua ímpia ira.

*NVNTIVS Silua iubatus qualis Armenia leo
in caede multa uictor armento incubat
(cruore rictus madidus et pulsa fame
non ponit iras: hinc et hinc tauros premens
uitulis minatur dente iam lasso inpiger),
non aliter Atreus saeuit atque ira tumet...*

MENSAGEIRO Qual leão de juba no bosque arménio¹⁷ se atira, vencedor, sobre a manada, numa enorme carnificina (as goelas cheias de sangue e a fome saciada

¹⁶ Sobre os sintomas do rubor e da rapidez do passo como denunciadores do temperamento, *vd. Traité de Physiognomie*, 75, 79, 95.

¹⁷ Sobre a analogia entre o leão e as ideias de voracidade, crueldade e irascibilidade, *vd. Traité de Physiognomie*, 122.

não afastam a sua ira: perseguindo os touros daqui e dali, ameaça, incansável, os vitelos, já com a mandíbula lassa), não de outro modo Atreu usa de sevícias e está inchado de ira...

Andrómaca explica com outra imagem do mundo animal o destino que espera Astíanax, ou seja, ser levado e morto pelos Aqueus (Tro.792-799):

*ANDROMACHA Quid meos retines sinus
manusque matris cassa praesidia occupas?
fremitu leonis qualis audito tener
timidum iuuenus applicat matri latus,
at ille saeuus matre sumnota leo
praedam minorem morsibus uastis premens
frangit uehitque: talis e nostro sinu
te rapiet hostis.*

ANDRÓMACA Porque puxas as minhas vestes e te agarras às mãos de tua mãe, uma vã protecção? Qual tenro novilho, ao ouvir o rugido do leão, encosta o flanco temeroso à mãe – mas o leão implacável, depois de afastar a mãe, molesta a presa mais fraca com enormes mordeduras, dilacera-a e leva-a – assim do meu seio te arrebatará o inimigo.

2.3.3. Metáfora

Atreu avista Tiestes, que se lhe afigura como uma fera que cai na armadilha por ele montada, ou seja, as fraudulentas propostas de reconciliação e partilha do poder (Thy.491):

ATREVS Plagis tenetur clausa dispositis fera...

ATREU Está apanhada a fera, presa nas redes preparadas...

(Página deixada propositadamente em branco)

CONCLUSÃO

No momento do balanço final, o esquema de trabalho adoptado revela-se eficaz no cumprimento dos objectivos fixados. Com efeito, a distribuição do material textual pelas categorias do carácter, do corpo e dos aspectos exteriores afirma a sua proficuidade como método de abordagem da invectiva na tragédia de Séneca.

No que respeita às três áreas consideradas, a primeira é, sem dúvida, a mais desenvolvida: a obra detém-se prioritariamente sobre os vícios do carácter. A divisão interna desta rubrica nos quatro vícios cardeais, que se contrapõem à tetralogia de virtudes proposta pela maioria dos teorizadores estudados, mostra-se igualmente produtiva.

De facto, é possível detectar a invectiva de traços do carácter e de comportamentos pertencentes aos quatro vícios estipulados: injustiça, intemperança, cobardia e irreflexão.

No âmbito da injustiça, destacam-se os comportamentos desviantes em relação ao direito natural e, em especial, aos ensinamentos da *pietas*: as personagens são censuradas por subverterem os seus deveres para com a pátria, por meio da guerra civil, e para com a família, através do derramamento de sangue defeso, de relações amorosas ilícitas, de conflitos entre irmãos e entre pais e filhos. Invetivada é ainda a injustiça por ingratidão, engano, omissão e perniciosidade.

A intemperança é o vício mais vasto e multifacetado. Congrega quinze temas; destes, quatro correspondem à invectiva da ira ou das suas manifestações, como a crueldade, as reacções alheias adversas e a hostilidade. De resto, vitupera-se a inquietação, o descontrolo, a inflexibilidade, a insensatez, o furor amoroso, o adultério, o estupro, o incesto, a vergonha, a soberba e a cobiça.

Os dois últimos vícios são mais restritos: a cobardia contempla os temas do medo, da tibieza e da audácia; a irreflexão concentra-se nos tópicos opostos da astúcia e da estultícia.

A invectiva do corpo é a mais escassa, direccionando-se para a força física como instrumento de violência e para a beleza como causa de conflito, morte e imoralidade.

Finalmente, nos aspectos exteriores cabem a origem, a pátria e o poder. Quanto ao primeiro tópico, são criticadas as personagens de ascendência comprometedora ou de nascimento ilustre, por usufruírem de um mérito que não lhes pertence; no domínio da proveniência territorial, denigrem-se os exilados pela falta de referências geográficas; por último, o mau uso do poder é representado pelos tiranos e pelos conquistadores.

A busca de invectiva permitiu a consideração de cento e vinte vocábulos como termos de invectiva e trezentas e onze citações, que se distribuem de forma bastante equilibrada pelas peças, entre as vinte e duas do *Hercules Oetaeus* e as quarenta e três do *Agamémnon*.

Confirma-se a teoria de Koster de que os ἀγῶνες constituem núcleos propícios à invectiva nas tragédias¹: ao longo do segundo capítulo, foram destacados inúmeros excertos pertinentes dos ἀγῶνες entre Electra e Clitemnestra (*Agamemnon*), Pirro e Agamémnon (*Troades*), Mégara e Lico (*Hercules Furens*), Édipo e Creonte (*Oedipus*), Jocasta e os filhos (*Phoenissae*), enfim, entre Medeia e Creonte (*Medea*).

As personagens masculinas são mais vituperadas por motivos de engano, perniciosidade, crueldade, reacções contrárias, hostilidade, adultério, incesto, soberba e astúcia. Há mesmo temas exclusivamente masculinos, como os do estupro, da cobiça, do medo, da tibieza, da tirania, da opressão e da conquista. As personagens femininas salientam-se pelo descontrolo, pela insensatez, pelo furor amoroso, pela vergonha e pela audácia.

O capítulo III demonstra, na primeira parte, a operacionalidade de três estratégias de amplificação da invectiva, preconizadas pelos autores antigos: a gravidade dos actos das personagens é reforçada pela singularidade, pela repetição e pela superação de outros actos reproáveis.

Com base nas sequências analisadas anteriormente, a segunda parte deste capítulo evidencia que o autor se serve de inúmeros expedientes estéticos para elevar a expressividade da invectiva. A elaboração formal ao seu serviço é ilustrada pela selecção de algumas das figuras utilizadas: antítese, ironia, comparação, símile e metáfora. Os três tipos de comparação mostram, pela sua frequência, a expressividade da aproximação do comportamento humano ao comportamento animal para censurar o impulso irracional.

¹ *Vd.* p. 39, n. 64.

Os vários temas de invectiva assim tratados esteticamente revelam a mensagem da obra: reprovação dos vícios de injustiça, intemperança, cobardia e irreflexão nos domínios do poder e dos afectos, e consequente exortação implícita ao culto das virtudes opostas. Assim, as peças corroboram o entendimento dos autores antigos e modernos que, como se viu no primeiro capítulo, de um modo geral salientam o valor didáctico da *uituperatio*.

É evidente a predominância da *uituperatio* sobre a *laus* como veículo ideológico, o que além de revelar a preferência pela exposição do *exemplum* negativo, ilustra a vertente retórica da dramaturgia senequiana.

Deste modo, a invectiva afirma-se como uma perspectiva útil para o estudo da tragédia de Séneca, na medida em que evidencia a intencionalidade comunicativa do autor e revela aspectos importantes das vertentes conceptual, linguística e estética.

(Página deixada propositadamente em branco)

BIBLIOGRAFIA

Autores antiguos

- ANONYME LATIN, *Traité de Physiognomonie*, texte établi, traduit et commenté par J. André, Paris, Les Belles Lettres, 1981.
- ARISTOTELIS *Ethica Nicomachea*, reconnait breuique adnotatione critica instruxit L. Bywater, Oxford U P, 1962.
- ARISTOTELIS *Ars Rhetorica*, reconnait breuique adnotatione critica instruxit W. D. Ross, Oxford U P, 1959.
- ARISTOTLE, *The Nicomachean Ethics*, with an english translation by H. Rackham, Cambridge, Harvard U P, 1956.
- ARISTOTE, *Rhétorique*, texte établi et traduit par M. Dufour, I-III, Paris, Les Belles Lettres, 1989-1991.
- CICERO, M. T., *Ad Herennium de Ratione Dicendi*, edidit F. Marx, Leipzig, Teubner, 1964.
- , *Orator*, reconnait P. Reis, Stuttgart, Teubner, 1963.
- , *De Oratore*, edidit K. Kumaniecki, Leipzig, Teubner, 1969.
- , *De Re Publica*, reconnait K. Ziegler, Leipzig, Teubner, 1969.
- , *Tusculanae Disputationes*, reconnait M. Pohlenz, Stuttgart, Teubner, 1982.
- CICÉRON, *L'Amitié*, texte établi et traduit par L. Laurand, Paris, Les Belles Lettres, 1961.
- , *Caton l'Ancien (de la Vieillesse)*, texte établi et traduit par P. Willeumier, Paris, Les Belles Lettres, 1955.
- , *Les Devoirs*, texte établi et traduit par M. Testard, I-II, Paris, Les Belles Lettres, 1965-1970.
- , *Discours*, tome II, *Première Action contre C. Verres; Seconde Action contre C. Verres. Livre Premier: la Préture Urbaine*; tome III, *Seconde Action contre Verres. Livre Second: la Préture de Sicile*; tome IV, *Seconde Action contre Verres. Livre Troisième: le Frotement*, texte établi et traduit par H. de la Ville de Mirmont, Paris, Les Belles Lettres, 1960.
- , *Discours*, tome VI, *Seconde Action contre Verres. Livre Cinquième: les Supplices*, texte établi par H. Bornecque, Paris, Les Belles Lettres, 1930.
- , *Discours*, tome VIII, *Pour Cluentius*, texte établi et traduit par P. Boyancé, Paris, Les Belles Lettres, 1953.

- , *Discours*, tome X, *Catilinaires*, texte établi par H. Bornecque et traduit par E. Bailly, Paris, Les Belles Lettres, 1950.
- , *Discours*, tome XIV, *Contre Vatinius*, texte établi et traduit par J. Cousin, Paris, Les Belles Lettres, 1965.
- , *Discours*, tome XVI, *Contre Pison*, texte établi et traduit par P. Grimal, Paris, Les Belles Lettres, 1966.
- , *Discours*, tome XIX, *Philippiques I à IV*, texte établi et traduit par A. Boulanger et P. Wuilleumier; tome XX, *Philippiques V à XIV*, texte établi et traduit par P. Wuilleumier, Paris, Les Belles Lettres, 1959-1960.
- , *Divisions de L'Art Oratoire. Topiques*, texte établi par H. Bornecque, Paris, Les Belles Lettres, 1925.
- , *De l'Invention*, texte établi et traduit par G. Achard, Paris, Les Belles Lettres, 1994.
- , *De l'Orateur*, I-II: texte établi et traduit par E. Courbaud; III: texte établi par H. Bornecque et traduit par E. Courbaud et H. Bornecque, Paris, Les Belles Lettres, 1959-1971.
- , *La République*, texte établi et traduit par E. Bréguet, I-II, Paris, Les Belles Lettres, 1980.
- , *Des Termes Extrêmes des Biens et des Maux*, texte établi et traduit par J. Martha, I-II, Paris, Les Belles Lettres, 1955-1961.
- CICERÓN, *Disputas Tusculanas III-V*, tomo II, introducción, versión y notas de J. P. Álvarez, Universidad Nacional Autónoma de México, 1979.
- , *El Orador*, texto revisitado y traducido por A. Tovar y A. R. Bujaldón, Barcelona, Alma Mater, 1967.
- , *De la Partición Oratoria*, introducción, versión y notas de B. R. Coria, Universidad Nacional Autónoma de México, 2000.
- GORGAS, *Fragmentos*, introducción, traducción y notas de P. C. T. Zuñiga, México, Universidad Nacional de México, 1980.
- GÓRGAS, *Testemunhos e Fragmentos*, tradução de M. Barbosa e de I. O. Castro, Lisboa, Colibri, 1993.
- ISOCRATES, II: with an english translation by G. Norlin; III: with an english translation by L. van Hook, Cambridge, Harvard U P, 1986-1992.
- LUCIAN, IV-V, with an english translation by A. M. Harmon, Cambridge, Harvard U P, 1925-1955.
- MVSONIVS RVFVS, C., *Reliquiae*, edidit O. Hense, Leipzig, Teubner, 1990.
- PLINE LE JEUNE, *Panegyrique de Trajan*, texte établi et traduit par M. Durry, Paris, Les Belles Lettres, 1972.
- QVINTILIANI, *M. Fabi Institutionis Oratoriae Libri Duodecim*, recognovit breuicq adnotatione critica instruxit M. Winterbottom, I-II, Oxford U P, 1970.
- QVINTILIEN, *Institution Oratoire*, texte établi et traduit par J. Cousin, Paris, Les Belles Lettres, 1976.

- RHETORICA AD ALEXANDRUM, with an english translation by H. Rackham, Cambridge, Harvard U P, 1983.
- RHÉTORIQUE À HERENNIUS, texte établi et traduit par G. Achard, Paris, Les Belles Lettres, 1989.
- SENECA, *L. Annaei Senecae Tragoediae*, recognovit breuique adnotatione critica instruxit O. Zwierlein, Oxford U P, 1986.
- , *Agamemnon*, edited with a commentary by R. J. Tarrant, Cambridge U P, 1976.
- , *Medea*, with an introduction, text, translation and commentary by H. M. Hine, Warminster, Aris & Phillips, 2000.
- , *Phaedra*, edited by M. Coffey and R. Mayer, Cambridge U P, 1990.
- , *Seneca's Phoenissae*, introduction and commentary by M. Frank, Leiden, Brill, 1995.
- , *Senecas Phoenissen*, Einleitung und Kommentar von T. Hirschberg, Berlin, de Gruyter, 1989.
- , *Tiestes*, introdução, tradução do latim e notas de J. A. Segurado e Campos, Lisboa, Verbo, 1996.
- , *Seneca's Thyestes*, edited with introduction and commentary by R. J. Tarrant, Atlanta, Scholars Press, 1985.
- , *Seneca's Troades*, a literary introduction with text, translation and commentary by E. Fantham, Princeton U P, 1982.
- , *As Troianas*, introdução, tradução e notas de Z. A. Cardoso, São Paulo, HUCITEC, 1997.
- SÉNÈQUE, *L'Apocoloquintose du Divin Claude*, texte établi et traduit par R. Waltz, Paris, Les Belles Lettres, 1961.
- , *De la Clémence*, texte établi et traduit par F. Préchac, Paris, Les Belles Lettres, 1961.
- , *De la Colère*, texte établi et traduit par A. Bourguery, Paris, Les Belles Lettres, 1951.
- , *Tragédies*, texte établi et traduit par F.-R. Chaumartin, I-III, Paris, Les Belles Lettres, 1996-1999.
- TEOFRASTO, *Os Caracteres*, introdução, tradução e notas de M. F. Silva, Lisboa, Relógio d'Água, 1999.
- ON VIRTUES AND VICIES, with an english translation by H. Rackham, London, Heinemann, 1952.

Dicionários e concordâncias

- CHANTRAINE, P., *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque*, Paris, Klincksieck, 1968.
- ERNOU, A. et MEILLET, A., *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine. Histoire des Mots*, quatrième édition revue, corrigée et augmentée d'un index, Paris, Klincksieck, 1959.
- GLARE, P. G. W., *Oxford Latin Dictionary*, Oxford, Clarendon Press, 1997.
- HORNBLOWER, S. and SPAWFORTH, A., *The Oxford Classical Dictionary*, Oxford U P, ³1996.

- LIDDELL, H. G. and SCOTT, R., *A Greek-English Lexicon*, revised and augmented throughout by H. S. Jones, with the assistance of R. McKenzie, Oxford, Clarendon Press, 1996.
- MERGNET, H., *Lexikon zu den Philosophischen Schriften Cicero's*, I-III, Hildesheim, G. Olms, 1961.
- OLDFATHER, W. A., PEASE, A. St., CANTER, H. V., *Index Verborum quae in Senecae Fabulis necnon in Octavia Praetexta Reperiuntur*, Hildesheim, G. Olms, 1983.

Estudos

- BRADLEY, P., *Ancient Rome. Using Evidence*, Melbourne, Edward Arnold, 1990.
- CANTER, H. V., *Rhetorical Elements in the Tragedies of Seneca*, The University of Illinois Press, 1925.
- CAPLAN, H., *Of Eloquence. Studies in Ancient and Medieval Rhetoric*, London, Cornell U P, 1970.
- CLARKE, M. L., *Rhetoric at Rome. A Historical Survey*, London, Routledge, 1996.
- COUSIN, J., *Études sur Quintilien, Contribution à la Recherche des Sources de l'Institution Oratoire*, I, Paris, Boivin, 1935.
- CRUZ, F. R. (ed.), *Menandro: Sobre los Generos Epidicticos*, Salamanca, Universidad de Salamanca, 1989.
- CURLEY, T. F., *The nature of the Senecan Drama*, Roma, Ateneo, 1986.
- DUPONT, F., "Le personnage et son mythe dans les tragédies de Sénèque", *Actes IX Congrès AGB-1973*, Paris, 1975, 447-458.
- GERBER, D. E., *A Companion to the Greek Lyric Poets*, Leiden, Brill, 1997.
- GONÇALVES, M. I. S. R., *Imagens e Símbolos Animais na Poesia Greco-Latina*, I-II, Lisboa, 1983.
- HELLEGOUARC'H, J., *Le Vocabulaire Latin des Relations et des Partis Politiques sous la République*, Paris, Les Belles Lettres, 1972.
- KENNEDY, G., *The Art of Rhetoric in the Roman World*, Princeton U P, 1972.
- KORNHARDT, H., *Exemplum. Eine bedeutungsgeschichtliche Studie*, Göttingen, 1936.
- KOSTER, S., *Die Invektive in der Griechischen und Römischen Literatur*, Meisenheim am Glan, V. A. Hain, 1980.
- LAUSBERG, H., *Elementos de Retórica Literária*, tradução de R. M. Rosado Fernandes, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- LESKY, A., *História da Literatura Grega*, tradução de M. Losa, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.
- MASTRONARDE, D. J., "Seneca's *Oedipus*: the drama of the word", *TAPhA* 101 1970 291-315.
- MOTTO, A. L. y CLARK, J. R., "Senecan Paratragoedia", *CFC(L)* 9 1995 135-149.

- MURPHY, J. J. and WINTERBOTTOM, M., “Raffaelle Regio’s 1492 *quaestio* doubting Cicero’s authorship of the *Rhetorica ad Herennium*: introduction and text”, *Rhetorica* 17 1 1999 77-87.
- NORTH, H., *Sophrosyne. Self-Knowledge and Self-Restraint in Greek Literature*, Ithaca, Cornell U P, 1966.
- OLIVEIRA, F., “A imagem do poder na tragédia de Séneca”, *Humanitas* 51 1999 49-83.
- , “Invectiva política em *Os Cavaleiros* de Aristófanes”, I: *Biblos* 67 1991 44-76; II: *Miscelânea de Estudos em Honra do Prof. A. Costa Ramalho*, Coimbra, 1992, 63-85.
- , “Typologie de l’invective politique chez Aristophane”, *Aristophane: la Langue, la Scène, la Cité*, Actes du colloque de Toulouse 17-19 mars 1994, édités par P. Thiery et M. Menu, Bari Levante Editori, 1997, 481-505.
- OPELT, I., *Die Lateinischen Schimpfwörter und Verwandte Sprachliche Erscheinungen*, Heidelberg, Carl Winter, 1965.
- OWEN, W. H., “Commonplace and dramatic symbol in Seneca’s tragedies”, *APhA* 99 1968 291-313.
- PAÑO, M. V. E., “El vituperio del tirano: historia de un modelo ideológico”, *Modelos Ideales y Practicas de Vida en la Antigüedad Clásica*, edd. E. Falque – F. Gascó, Universidad de Sevilla, 1993, 9-35.
- PARATORE, E., *História da Literatura Latina*, tradução de M. Losa, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.
- PÉREZ, A. P., “Finalidad político-didáctica de las tragedias de Séneca”, *Emerita* 44 1976 279-301.
- PERNOT, L., *La Rhétorique de l’Éloge dans le Monde Gréco-Romain*, I-II, Paris, Institut d’Études Augustiniennes, 1993.
- PIMENTEL, M. C., *Quo Verget Furor? Aspectos Estóicos na Phaedra de Séneca*, Lisboa, Colibri, 1993.
- POE, J. P., “An analysis of Seneca’s *Thyestes*”, *PAPhA* 100 1969 355-376.
- RICHLIN, A., *The Garden of Priapus. Sexuality and Aggression in Roman Humor*, New Haven, Yale U P, 1983.
- ROUNTREE, C., “The (almost) blameless genre of classical greek epideictic”, *Rhetorica* 19 3 2001 293-305.
- SULLIVAN, D. L. and ANIBLE, C., “The epideictic dimension of Galatians as formative rhetoric: the inscription of early christian community”, *Rhetorica* 18 2 2000 117-145.
- TANNER, R. G., “Stoic philosophy and Roman tradition in Senecan tragedy”, *ANRW* 23 2 1985 1100-1133.
- TARRANT, R. J., “Senecan drama and its antecedents”, *HSCPh* 82 1978 213-263.
- TRAINA, A., “La voce dell’inconscio (Sen. *Thy.* 920-969)”, *Aufidus* 40 2000 59-76.
- WALKER, J., *Rhetoric and Poetics in Antiquity*, Oxford U P, 2000.
- WILLIAMS, G., *Change and Decline. Roman Literature in the Early Empire*, Berkeley, University of California Press, 1978.

(Página deixada propositadamente em branco)

ÍNDICE DE AUTORES ANTIGOS E MODERNOS

- Achard, G.: 24,n.25
- Aristóteles
EN.10.7: 120
*Rh.*1358a36-1358b6: 17; 35
1358b7-8: 17
1358b8-13: 17
1358b13-18: 17-18
1358b18-20: 18
1358b20-29: 18
1359a27-29: 18
1366a23-24: 18
1366a33-1366b1: 18
1366b1-3: 18-19; 41
1366b3-4: 19
1366b9-11: 43
1366b9-20: 19
1366b10: 43
1366b11-12: 112
1366b13-15: 72; 112
1366b20-22: 119
1366b27-28: 19
1366b36-1367a6: 19
1367a1-2: 19
1367a7-8: 19
1367a19: 19
1367a33-35: 20
1367b1-2: 20
1367b7-12: 20
1367b12-17: 20
1367b22-23: 20
1367b37-1368a9: 20
1368a10-26: 21
1368a18-19: 21
1368a26-29: 20
1368a36-37: 18
1396a14-16: 18
- Barbosa, M. e Castro, I. O.:
23,n.16; 23,n.17; 35,n.52;
125,n.66
- Campos, J. A. S.: 46,n.7; 115,n.58
- Caplan, H.: 21,n.13; 24,n.25;
26,n.29
- Cardoso, Z. A.: 114,n.57; 133,n.82
- Chaumartin, F.-R.: 127,n.71;
145,n.12
- Cícero
*Amic.*47: 112
Catil. 1.10: 27,n.31
1.13-14: 29,n.37
1.23: 27,n.31
1.24-26: 29,n.37
1.25-26: 27,n.31
1.26: 27,n.30
2.4-10: 27,n.31
2.7-9: 29,n.37
2.9: 27,n.30
2.18-23: 27,n.31
2.25: 104; 112; 119
3.16: 27,n.30
*Clu.*84: 120; 123
*Fin.*1.42-54: 41
1.43: 119; 120
1.47: 73
1.48: 72
1.49: 112
1.50: 63; 112; 119
1.51: 85
2.51: 41

- 2.73: 104
 3.39: 42; 72
 4.21: 42
 4.76: 119-120
 5.65: 63
 5.67: 41
*Inv.*1.7: 17,n.1; 26
 2.159: 41
 2.159-164: 26
 2.160: 43; 119-120
 2.161: 43; 59; 60
 2.162: 43
 2.163: 112; 117-118
 2.164: 72; 77
 2.165: 27; 112; 117
 2.177: 26; 27; 41; 124;
 126; 129; 130
 2.178: 27; 130
*Off.*1.15: 41; 72
 1.16: 120
 1.20: 63
 1.23: 42; 61
 1.27: 42
 1.28: 71
 1.29: 42
 1.31: 63
 1.34: 132; 148
 1.41: 42; 60
 1.42: 42
 1.47: 59
 1.63: 60; 118; 120
 1.73: 112
 1.85-87: 65
 1.88-89: 77
 1.90: 107
 1.151: 119-120
 2.5: 120
 2.8: 119
 2.23: 85
 2.38: 63
 3.21-32: 63
 3.62: 120
*Orat.*37: 30
 37-38: 30
 39-40: 30
- 42: 30
 165: 30
 207-208: 30,n.38
*de Orat.*2.43: 17,n.1; 35
 2.44: 28
 2.45: 28
 2.46: 28; 124; 126; 130
 2.47-50: 28
 2.341: 28
 2.342: 29; 41; 124; 126;
 130
 2.345: 29
 2.346: 29
 2.347-348: 29
 2.349: 28; 29
 3.104: 29
 3.105: 29
*Part.*12: 27 e n.33
 69: 27
 70: 27
 71: 27; 28
 72: 28
 73: 28
 74: 28; 41
 75: 28
 76-78: 28
 77: 111
 78: 130
 81: 28; 117
 83: 27
Phil. 2.44: 31,n.41
 4.15: 29,n.36
Pis. frg.4: 29,n.37
 frg.5: 29,n.37
 frg.6: 29,n.37
 frg.9: 27,n.31
 frg.10: 29,n.37
 frg.11: 29,n.37; 27,n.31
 frg.12: 27,n.31
 64: 29,n.36
 66-67: 29,n.37
*Rep.*1.2: 104
 1.50: 131
 1.64: 42
 2.67: 120

- 3.12: 63-64
 3.29: 120; 123
 5.9: 112
*Sen.*20: 119
*Top.*91: 27,n.32; 28,n.34
*Tusc.*3.11: 93
 3.14: 112
 3.17: 42; 112; 123
 3.18: 92
 3.19: 108
 4.13-14: 113
 4.17: 85; 89
 4.19: 113
 4.21: 73; 88; 111
 4.22: 72; 73
 4.42: 42; 72; 112
 4.68: 99-100
 4.69: 100
 4.75: 100; 101
 4.77: 97
 5.7: 120
 5.72: 119
*Vat.*11: 27,n.31; 31,n.41
 11-13: 27,n.31
*Ver.*1.11: 31,n.41
 1.11-14: 27,n.31
 1.15: 25,n.27
 2.2.27: 27,n.31
 2.2.110-111: 29,n.36
 2.3.5-6: 29,n.37
 Chantraine, P.: 72,n.25; 72,n.27;
 131,n.80
 Clarke, M. L.: 21,n.13; 24,n.25
 Coffey, M. and Mayer, R.:
 49,n.10; 57,n.16; 95,n.43;
 100,n.45; 102,n.47; 107,n.51;
 136n.3
 Cousin, J.: 31,n.40; 33,n.44
 Cruz, F. R.: 17,n.1; 34,n.46;
 34,n.48; 34,n.49; 37,n.58
 Dionísio o Antigo, Planud. *Ad
 Hermag.* v.548Walz: 34
 Dufour, M.: 19,n.2 e n.3; 72,n.26;
 119,n.62
 Dupont, F.: 138,n.5; 140,n.7;
 141,n.10
 Ernout, A. et Meillet, A.: 38,n.61;
 44; 48; 50; 51; 53; 54; 55; 56;
 57; 59; 60; 61; 62; 64; 66; 67;
 68; 69; 70; 71; 73; 74; 77; 79;
 82; 83; 84; 85; 86; 88; 89 e
 n.40; 91; 92; 93; 95; 96; 97;
 101; 102; 103; 104; 105; 108;
 110; 111; 113; 114; 115; 116;
 117; 118; 119; 121; 122; 123;
 124; 126; 127; 128; 129; 130;
 131; 132; 137; 138; 139; 141;
 142
 Ésquilo
*Th.*387,391,404,410,483:
 108,n.54
 Fantham, E.: 81,n.34; 132,n.81;
 133,n.82; 136n.2
 Frank, M.: 54,n.13; 58,n.19;
 69,n.24; 104,n.48; 109,n.55;
 141,n.10
 Górgias
*Hel.*2: 23,n.16
 3-4: 23,n.17
 4: 125,n.66
 21: 35
 Hellegouarc'h, J.: 41; 61,n.22; 72;
 85,n.37; 88; 89 e n.40; 104;
 107; 119,n.63; 126,n.68 e n.69;
 127,n.70; 130,n.77 e n.79
 Hine, H. M.: 52,n.12; 58,n.18;
 59,n.20; 78,n.33; 127,n.71;
 148,n.15
 Hirschberg, T.: 69,n.24; 104,n.48;
 116,n.59; 148,n.15
 Isócrates
*Bus.*7-8: 21,n.11
*Ev.*12-18: 23,n.19
 22: 23,n.21
 23-24: 23,n.22
 35-36: 20,n.6
 37-38: 21,n.11
 65-66: 21,n.11
 66: 20,n.9
 73-77: 21,n.10

- Hel.* 16: 23,n.17
 23-25: 21,n.11
 23-37: 20,n.5
 25-37: 20,n.7
 54-61: 125,n.67
Pan. 76: 20,n.9
 78: 20,n.9
 82: 19,n.4
 127-128: 20,n.9
 130: 20,n.7
 Kennedy, G.: 21,n.13; 24,n.25
 Kornhardt, H.: 138,n.4
 Koster, S.: 25,n.27; 39; 154
 Lausberg, H.: 22,n.14; 35; 38;
 135; 141
 Luciano
Alex. 2: 21,n.12
 4: 21,n.12; 22,n.15
 5: 23,n.21
 11: 23,n.20
Ind. 3-4: 21,n.12
 4-5: 24,n.23
 4-8: 21,n.12
 23: 21,n.12
 24: 21,n.12
 29: 21,n.12
Pseudol. 2: 21,n.12
 3: 21,n.12
 9: 21,n.12
 17: 21,n.12
 18: 21,n.12
 18-19: 21,n.12
 20: 21,n.12
 22: 21,n.12
 25: 21,n.12
 30: 21,n.12
 Murphy, J. J. and Winterbottom,
 M.: 24,n.25
 Musónio Rufo
Reliquiae, 2,3,4,6,7,8,9,11,12:
 42
 North, H.: 41; 72; 120,n.64
 Oliveira, F.: 39,n.63
 Opelt, I.: 42; 93,n.42
 Paño, M. V. E.: 130,n.78
 Pérez, A. P.: 39,n.63
 Pernot, L.: 17,n.1; 19,n.4;
 24,n.24; 34,n.45; 34,n.47;
 35,n.51; 35; 36,n.56; 41
De Physiognomonía Liber
 75,79,95: 150,n.16
 122: 150,n.17
 Plínio o Moço
Pan. 2: 29,n.36
 4: 31,n.43
 5: 31,n.39
 10-11: 29,n.35
 13: 31,n.43
 14: 31,n.41
 16: 31,n.42
 22: 31,n.43
 45: 27,n.31
 53: 29,n.36
 56: 25,n.27
 Poe, J. P.: 140,n.7; 141,n.10;
 148,n.14
 Quintiliano
Inst. 2.4.20: 33-34
 3.4.6: 32
 3.4.7: 32
 3.4.9: 21,n.13
 3.4.13: 32
 3.4.14: 33
 3.4.16: 32
 3.7.1: 35
 3.7.2: 25,n.27; 33
 3.7.3: 33
 3.7.4: 33
 3.7.5: 33
 3.7.7-9: 30
 3.7.10: 126; 129
 3.7.10-11: 31
 3.7.12: 41; 124
 3.7.12-15: 31
 3.7.13: 130
 3.7.14: 130
 3.7.15: 41
 3.7.16: 31
 3.7.17: 31
 3.7.19: 31

3.7.20-21: 31	Sêneca
3.7.23-24: 31	Ag.9-10: 109
3.7.25: 31-32	28-30: 49
3.7.26-27: 32	32-34: 140
3.7.27-28: 32	126-127: 94
3.7.28: 20,n.8	164-165: 139
Rackham, H.: 19,n.3; 21,n.13; 23,n.18	164-167: 147
<i>Rhetorica ad Alexandrum</i>	169-170: 142-143
1421b5-15: 21-22	175-177: 100
1421b10-15: 22	235-236: 114; 117
1425b35-40: 22	244-245: 98
1426a1-20: 22	249: 132
1426a20-1426b5: 22	250-251: 82
1426b1-10: 23	251-252: 131
1426b5-15: 23	290-291: 129
1426b10-20: 23	292-293: 128-129
1426b15-25: 23	298-301: 122-123
1440b5-15: 23	306: 77
1440b10-15: 35	633-636: 61
1440b15-20: 23; 41; 124; 126	734-735: 95; 117,n.61
1440b20-30: 23	738-740: 116,n.60; 118
1440b25-1441a15: 23	884: 101
1441a15-1441b1: 23	890-891: 116-117
1441a20: 24	897: 74
1441a35-1441b5: 24	897-900: 47
1441a35-1441b15: 23	906-907: 128
1441b15-30: 24	911: 51; 90
<i>Rhetorica ad Herennium</i>	947: 77
1.2: 24	947-948: 53
2.13: 26,n.28	949-950: 83
3.3: 43; 112; 119	953-954: 44; 118
3.3-5: 25,n.26	955: 101
3.4: 43; 119	956: 128
3.5: 43; 72; 111; 112	958-959: 110; 117,n.61
3.10: 24; 41; 124; 129; 130	961: 99
3.11: 25	964-965: 96
3.12: 25	969-970: 145
3.13: 25; 41; 130	976-977: 55
3.14: 25-26	981-982: 48; 76
3.15: 26	983: 50; 121
Ross, W. D.: 72,n.26	983-985: 57
Rountree, C.: 36	986-987: 44
	997-1000: 92-93
	1012: 75
	<i>Cl.2.1.1: 72; 77</i>

2.2.2: 72	1283-1284: 117
2.2.3: 77	1329-1330: 44
3.3.5: 148	<i>Her.O.</i> 142: 110
3.5.4: 72	172: 74
3.6.7: 85	207-210: 68-69
3.9.4: 77	219-223: 125
3.10.4: 85	241-253: 149
3.11.1: 131	289-290: 87
3.17.6: 85	314: 98
3.19.1-3: 132	379: 127-128
<i>Her.F.</i> 43-44: 124	495-500: 86
57-59: 109	514-516: 62
89-90: 145	903-905: 76
209-210: 89-90	906-907: 84-85
254-255: 83	949-951: 141,n.8; 142
265-267: 55-56	962-963: 67
269-270: 131-132	964-965: 144
274: 130	965-966: 62
329-331: 82	1264: 140
338-341: 126-127	1332: 60
350-351: 93-94	1353-1354: 74
358-359: 70	1492-1493: 133-134
372-373: 54	1720-1721: 116
384-385: 110	1810: 60
429: 98	<i>De Ira</i> , 1.1.1: 73
516-519: 47; 79	1.1.5-7: 148
631-632: 60	1.2.1: 76-77
634-635: 89	1.3.2: 73
636: 89	<i>Med.</i> 118-120: 83
896-897: 131	174-175: 98
920-921: 87	178: 110
965-967: 44-45	179-180: 64
987-988: 50	183-184: 70
987-989: 87; 128,n.72	190-191: 58; 86; 93,n.42
1001-1002: 51; 128	193: 146-147
1005-1006: 75	266: 122
1012-1013: 91	269-270: 68; 86
1021: 98	280: 52
1035: 105	454-456: 102
1180-1182: 92	465-466: 59
1216-1217: 54	494-495: 87
1225-1226: 79	503: 52
1228-1229: 83	510-512: 127
1235-1236: 66	517-518: 141
1261-1262: 55	521: 90

535-536: 52	1002-1003: 84
674-675: 58	1004-1005: 95
734-735: 121	1014-1015: 48
849-851: 78	1025-1026: 103
851-852: 94	1028-1031: 48-49
853-856: 108-109	1044-1045: 52; 84
857: 130	<i>Phaed.</i> 89-91: 90-91
858-865: 148-149	112: 100
910: 141	142-143: 141-142
916-917: 62	170: 136 e n.2
917-919: 81	171-172: 57
919-921: 123	228: 74
920-921: 91	229: 97
1004-1005: 52-53	237: 107
1007-1008: 108	239-240: 80
1018: 91	271: 97
<i>Oed.</i> 34: 53	272-273: 80
77-78: 68	559-560: 121
78-80: 65-66	560-561: 107
103-105: 99	563-564: 68; 141,n.8
236: 50	580-582: 97
237-238: 106	596: 49
260: 105	683-684: 125
626-627: 80-81	687-689: 143
630-635: 49	688-689: 142
636: 87	696-697: 142
636-638: 65	702: 101
640-641: 56	703: 108
642-643: 78; 91,n.41	704-709: 104-105; 106,n.50
645-646: 103	726-728: 102
646: 47	894: 102
647-649: 66	896-897: 103
668: 122	898: 58-59
682-683: 111	905: 70
684: 93	999: 102-103
686: 61-62	1154-1155: 95
705-706: 84	1157-1158: 88
863: 78	1164-1166: 84
871: 48	1164-1167: 64
917-918: 92	1184-1185: 106
918-924: 149-150	1191-1192: 66-67
925-926: 82	1192-1194: 101
926-928: 50-51	1195-1196: 106
935-936: 44	1197-1198: 144
942-945: 135-136 e n.2	1203: 45

- 1207-1209: 136
 1220-1222: 78; 121
 1280: 45
*Phoen.*38-39: 69
 42-43: 91-92
 44-45: 116; 117
 91-92: 115
 96: 87
 121-122: 58
 137: 58
 140-141: 80
 157-158: 52
 173-174: 115
 174-176: 113
 220: 69
 222-224: 88; 103-104
 251-253: 53
 263-265: 137-138
 267-269: 54-55
 288-290: 74-75
 290-292: 46
 295-297: 50-51; 111-112
 307: 96
 331: 138
 332-333: 139-140
 334-339: 145-146
 344-145: 54
 453-454: 137
 467-468: 46
 582-583: 79
 592-593: 109
 641-643: 65
*Thy.*18-20: 137
 23-24: 45-46
 32: 109
 33-34: 124
 46-48: 46
 52-53: 140
 62-63: 139
 85-86: 80
 93-95: 76
 144-146: 45
 176-180: 115-116
 185-186: 90
 188-189: 86
 199-200: 96-97
 240-241: 90
 244: 67
 254-255: 136
 342-343: 111
 491: 151
 492-493: 86
 546-548: 82,n.35; 94
 625-626: 105
 635-636: 82-83
 682-684: 75
 707-713: 150
 721-722: 80
 732-737: 150-151
 961-963: 99
 1034: 45
 1105-1106: 49-50
*Tro.*18-19: 112
 38-40: 62-63
 44: 88
 44-54: 81
 65-66: 67
 148-149: 63
 188-189: 133
 191-192: 114-115
 192: 59
 252-253: 110
 266-267: 94
 281-285: 95-96
 301-302: 113
 303: 131
 310-313: 146
 314-317: 113-114
 337-338: 132
 341: 146
 349-351: 118-119
 495: 133
 522-523: 122
 599-600: 133
 627-629: 69
 653-655: 132-133
 658: 59-60
 668-669: 137
 750: 122
 755-756: 117

- 792-799: 151
 802-805: 78-79
 805-806: 71
 861-863: 139
 890-892: 147
 892-895: 70-71
 896-897: 71
 900: 136
 933: 61
 1002-1003: 85
 1134-1136: 106
 1161: 133
 Sullivan, D. L. and Anible, C.: 38
 e n.60
 Tanner, R. G.: 39,n.63
 Tarrant, R. J.: 44,n.6; 46,n.7;
 47,n.8; 49,n.9; 50,n.11; 55,n.14
 e 15; 57,n.17; 61,n.21; 75,n.31;
 83,n.36; 93,n.42; 100,n.46;
 110,n.56; 115,n.58; 117,n.61;
 123,n.65; 128,n.73; 129,n.76;
 140,n.7; 145,n.12; 147,n.13
 Traina, A.: 99,n.44
De Virtutibus et Vitiis
 1249b30: 19,n.3; 119
 1249b30-1250a1: 112
 1249b30-1251a1: 19,n.3
 1250a1-5: 43; 72
 1250a5-10: 112
 1250a10-15: 43
 1250a15-20: 19,n.3; 112;
 119
 1250a15-25: 112
 1250a20-25: 43; 72
 1250a30-40: 119
 1250a40-45: 112
 1250b1-5: 116
 1250b15-20: 43
 1250b20-25: 60
 1250b40-45: 19,n.3; 119
 1250b40-1251a5: 119
 1251a1-5: 19,n.3
 1251a10-15: 112; 116
 1251a15-20: 72
 1251a20-30: 104
 1251a30: 43
 1251a30-35: 43
 1251b1-5: 60
 Walker, J.: 36; 37; 38
 Williams, G.: 36,n.56; 77,n.32
 Zuñiga, P. C. T.: 23,n.16 e n.17;
 34,n.50; 35,n.52; 125,n.66

(Página deixada propositadamente em branco)

Execução gráfica

Colibri – Artes Gráficas
Faculdade de Letras
Alameda da Universidade
1600-214 Lisboa
Telef. / Fax 217 964 038
Internet: www.edi-colibri.pt
e-mail: colibri@edi-colibri.pt

Carla Susana Vieira Gonçalves é Assistente do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Coimbra, onde se licenciou em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa no ano de 1998. Em 2002, defendeu a dissertação de Mestrado que agora se publica. Tem vindo a apresentar em revistas científicas trabalhos sobre Literatura Grega (Ésquilo e Eurípides), Literatura Latina (Sêneca) e Didáctica das Línguas Clássicas.

*

Durante o Principado, os perigos da oposição política declarada fazem nascer a adulação e o panegírico do poder. Cautelosamente, a literatura latina volta-se para a mitologia e para o passado histórico, em busca de contextos que lhe permitam exprimir-se com menos constrangimentos e mais segurança. Nas tragédias de Sêneca, que recuperam alguns dos mais célebres mitos gregos, é evidente a predominância da invectiva sobre o louvor como veículo ideológico. Os protagonistas impõem-se como paradigmas negativos para despertar o distanciamento crítico do receptor. O estudo que agora se apresenta oferece a sistematização temática e a análise conceptual e estilística da invectiva na dramaturgia senequiana. A Retórica, que tem na *uituperatio* um dos seus principais exercícios, fornece um quadro de referência de vícios cardeais e de estratégias discursivas. No momento das conclusões, fica patente a mensagem literária: reprovação dos vícios de injustiça, intemperança, cobardia e irreflexão nos domínios do poder e dos afectos.



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA



EDIÇÕES COLIBRI

ISBN 972-772-376-4



9 789727 723768